



Há consequências psicológicas após o aborto?



Razões médicas, jurídicas e espirituais contra o aborto



AME-Brasil a favor da vida: moção de repúdio

Saúde & Espiritualidade

Nº 11 • ABR / MAI / JUN 2013



Aborto não!

“A fecundação é o marco da vida”

(Jérôme Lejeune, geneticista francês - 1926-1994).

Em defesa da vida

Este é um número especial da Revista Saúde e Espiritualidade da Associação Medico-Espírita do Brasil em Defesa da Vida contra o aborto. Nela, procuramos detalhar as razões científicas que invalidam e interditam a propalada autonomia da mulher de decidir quanto à morte do embrião ou do feto, tendo em vista que a vida é um bem indisponível. São esses mesmos argumentos que nos levaram à Moção de Repúdio ao parecer do Conselho Federal de Medicina (CFM) favorável ao abortamento até a 12ª semana de gestação, a pedido da gestante, e que foi encaminhado, em nome de 400 mil médicos, à comissão do Senado Federal que discute a reforma do Código Penal. As reações de protesto de inúmeras instituições médicas do nosso país colocaram em cheque essa decantada representatividade.

De São Paulo, os colegas Florentino Cardoso e Florisval Meinão, presidentes, respectivamente, da Associação Médica Brasileira e da Associação Paulista de Medicina foram incisivos a esse respeito em seu posicionamento publicado no jornal O Estado de São Paulo (A2, de 01/04/13)

“A respeito da recente posição do Conselho Federal de Medicina (CFM) favorável à autonomia da mulher para decidir sobre a interrupção da gravidez até a sua 12.ª semana sem necessidade de autorização médica, é fundamental esclarecer que esse não é, sobremaneira, o pensamento de todos os médicos brasileiros. Em nossa visão, a medicina é uma ciência que cuida da vida e a respeita prioritariamente”.

E questionaram de forma veemente a propalada autonomia da gestante:

Crianças em gestação de até 12 semanas são seres vivos. Portanto, aprovar a autonomia pura e simples da mãe sobre a interrupção da gravidez equivale a concordar com a eliminação de vidas sem maiores justificativas. Essa prática não condiz com os princípios da medicina, na opinião de parcela significativa dos médicos.

Embora a direção do CFM tenha dito que a posição foi tomada em nome de seus membros e dos 27 conselhos regionais de medicina, o presidente do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremers), Rogério Wolf de Aguiar, afirmou em entrevista ao jornal Zero Hora, de Porto Alegre, que a decisão do conselho nacional não representa os médicos gaúchos, pois ele mesmo não havia votado no I Encontro dos CRMs, realizado de 6 a 8 de março, em Belém (PA). (Zero Hora, 22 de março, sexta-feira, edição nº 17.331, página 36)

Da mesma maneira o presidente do Conselho Regional de Medicina do Ceará (Cremec), Ivan Moura Fé, afirmou que fará consulta aos médicos cearenses sobre a decisão do CFM, porque ele mesmo não votou a favor no Encontro Nacional do Pará, porque não tinha debatido de modo conclusivo com os demais colegas sobre a liberação do aborto até a 12ª semana.

Também em Fortaleza, a Academia Cearense de Medicina (ACM), Associação Médica Cearense (AMC), afiliada à Associação Médica Brasileira (AMB), e a Sociedade Médica São Lucas

SMSL), emitiram nota manifestando “a mais profunda indignação pela forma intempestiva e extemporânea com que esse documento [Circular 46/2013 do CFM] foi aprovado por um órgão ao qual compete zelar pelo bom exercício profissional da Medicina, pautados nos princípios basilares da Bioética e da Ética Médica”. Estas e outras manifestações individuais ou coletivas de médicos demonstram o acerto das observações dos colegas Florentino Cardoso e Florisval Meinão quando afirmaram na nota de protesto:

É importante que o debate tenha participação efetiva de todos os médicos, associações de especialidades médicas e outras entidades representativas, juntamente com os demais setores

da sociedade. Só assim poderemos enriquecer as variadas argumentações, levando a uma reflexão madura e pautada nos aspectos científicos, éticos, morais, religiosos, culturais e sociais, como deve ser numa democracia como a nossa.

Pensamos da mesma maneira, o CFM não pode tomar uma atitude como esta em nome de milhares de médicos sem consulta ampla geral e irrestrita.

E principalmente tem que debater conosco os argumentos aqui apresentados.

É tudo quanto se espera de uma entidade que deve atuar com transparência e democracia junto à comunidade que representa.

Sumário

Editorial	2
Carta aberta ao Conselho Federal de Medicina (CFM)	4
Médico-Espírita na Prática Clínica: Prevenção do Aborto	6
Médico-Espírita na Prática Clínica: Consequências Psicológicas Pós Aborto	8
Médico-Espírita na Prática Clínica: Aborto como Política de Controle Populacional	12
Bioética Espírita: Visão Espírita do Aborto	16
Bioética Espírita: Aborto e Bioética	22
Bioética Espírita: Razões Jurídicas Médicas e Espirituais	28
Evolução da ciência: Vida Intra Uterina e Psiquismo Fetal	32
Evolução da ciência: Paradoxo ético e calamidade espiritual	38
Evolução da ciência: A Vida contra o aborto	42
O aborto como questão de saúde pública	56

Saúde e Espiritualidade é uma publicação da Associação Médico Espírita do Brasil (AME Brasil). AME Brasil - Diretoria - Biênio 2011-2013. Presidente: Dra. Marlene Rossi Severino Nobre. Vice-Presidente: Dr. Roberto Lúcio Vieira de Souza. 1º Secretário: Gilson Luís Roberto. Tesoureira: Dra. Márcia Regina Colasante Salgado. Conselho Editorial: Carlos Roberto de Souza, Décio Iandoli Júnior, Jorge Cecílio Daher, José Roberto Pereira Santos. Textos: Carlos Roberto de Souza, Décio Iandoli Júnior, Jorge Cecílio Daher, José Roberto Pereira Santos, Marlene Rossi Severino Nobre, Weimar Muniz de Oliveira, Paulo Batistuta, Flávio Braun Fiorda, Sérgio Luis Lopes, Gilson Luis Roberto. Jornalista Responsável: Giovana Campos 28.767. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores. Associação Médico-Espírita do Brasil - Av. Pedro Severino, 323 - Jabaquara - São Paulo/SP - CEP: 04310-060 amebrasil@amebrasil.org.br



Moção de repúdio à posição do CFM

Em nome da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) expresso a minha indignação e a dos médicos que represento diante do posicionamento do Conselho Federal de Medicina (CFM) que se manifestou favoravelmente ao aborto até as 12 semanas de gestação, caso a mãe assim o deseje.

Ao contrário do que foi anunciado, o tema não foi amplamente debatido entre os médicos. Em nenhum momento fomos notificados de que o CFM pretendia apresentar tal posicionamento.

É de se ressaltar que no “I Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina”, onde foi feita a votação, e mesmo no site da Instituição, não houve anúncio de nenhuma notícia sobre o assunto, apenas foi passada a informação de que haveria uma mesa redonda “Aborto e Desigualdade Social”. Nada mais.

Isso pode se acompanhar e constatar em http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23610:belem-sedia-debates-polemicos-no-i-encontro-nacional-dos-conselhos-de-medicina-2013&catid=3:portal

Conclui-se que não houve transparência do CFM nessa tomada de posição de magna importância para os destinos da nação brasileira, nem tampouco no anúncio da votação e no modo como foi feita. Não se respeitou a tradição médica do nosso país que sempre lutou em defesa da vida. Tudo leva a crer que foi manobra política de uma minoria que não tem representatividade para falar em nome de 400 mil médicos.

A nosso ver, as consciências humanas têm um compromisso fundamental com a verdade, por isso devem mergulhar fundo no estudo do extraordinário fenômeno da vida, em busca do seu real significado, sem aceitar o raciocínio dogmático reducionista, que tenta encará-lo num mero jogo de palavras, ao invés de discutir as inúmeras incógnitas para as quais a ciência materialista não tem respostas.

Aos menos avisados que, preconceituosamente, procuram desqualificar os nossos argumentos contra o aborto como sendo de mentalidades religiosas, temos a dizer que, embora os consideremos legítimos, podemos até mesmo abdicar deles para demonstrar através de pesquisas científicas, e não de suposições, que a vida não só é um bem indisponível, mas que há vida indisponível no embrião e no feto.

O pluralismo democrático diz respeito à convivência de opiniões, comportamentos e posições ideológicas distintas no seio de uma comunidade, porém não à prática de delitos em seu nome. Esta é nossa resposta aos que nos dizem que o aborto é um direito da mulher. Não existe engano maior. Tirar a vida de alguém é crime. A mulher, tanto quanto a equipe médica, o Estado, ou o companheiro, não tem esse direito. E o Ordenamento Jurídico Brasileiro reconhece a nossa posição.

O artigo 5º da Constituição Brasileira garante a inviolabilidade do direito à vida, defendendo-o como bem fundamental do ser humano. É certo que o artigo 4º afirma que a personalidade civil do homem começa no nascimento com vida, mas a lei põe a salvo que ela deve ser defendida desde a concepção. (Código Civil, lei federal 3071). E mais, a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, celebrada na Costa Rica, em 22 de novembro de 1969, deixou claro, no chamado Pacto de São José da Costa Rica, assinado por inúmeros países, entre os quais o Brasil, que esse direito deve ser protegido, desde o momento da concepção. A Lei Maior de nosso país espelha, portanto, a vocação pacífica do nosso povo, uma vez que este, em sua imensa maioria, já se manifestou contrariamente ao aborto, que é uma das maiores violências que se pode cometer contra o ser humano.

Insistimos que é preciso buscar na Ciência as respostas à pergunta essencial: “Onde começa a vida?”. Embora a

ciência não explique como uma célula unidimensional (zigoto) produz um bebê tridimensional, não saiba, portanto, quais os processos que regulam os embriões, ela já nos oferece inúmeros argumentos para sermos contra o aborto. É o que faremos a seguir, daremos em rápidas pinceladas alguns desses argumentos.

Aprendemos nos melhores tratados de embriologia que a vida é um continuum que vai do zigoto (célula-ovo) ao velho, sem solução de continuidade. Ainda que existam vozes discordantes, este é um forte argumento científico em favor do respeito à vida desde a concepção. Sendo a vida um bem indisponível, atentar-se contra ela, seja em que fase for, é crime. Além disso, sendo possível demonstrar que o embrião tem vida, não haveria heresia maior do que se considerar o aborto um direito da mulher. Cairia, automaticamente, por terra, sua propalada autonomia para decidir quanto à interrupção da gravidez. Nem a gestante e nem ninguém pode decidir quem vive e quem morre.

Mas esse não é o único argumento da Ciência em defesa da vida. Há muitos mais.

Embora concordemos com alguns fundamentos da Teoria neodarwinista da evolução das espécies e os adotemos, constatamos que ela tem muitas falhas. A principal delas é ancorar no acaso as explicações da evolução das espécies. O acaso não explica a vida. Dois físicos conceituados, Igor e Grichka Bogdanov, juntamente com matemáticos do CERN, o mais importante Centro de Pesquisas da Europa em Física das Altas energias, demonstraram que é impossível juntar em uma célula, por acaso, as duas mil enzimas de que ela tem necessidade para funcionar. Embora sejam verdadeiras e de fato tenham ocorrido, as mutações e a seleção natural são insuficientes para explicar a evolução das espécies. O acaso, por si só, não tem o poder de organizar e conduzir. A evolução das espécies deu-se de forma ordenada, obedecendo a um projeto altamente inteligente, desde os cristais, as bactérias e amebas até o ser humano. O ser vivo é uma ilha de organização em meio ao caos. Uma célula tem arranjo inteligente das partes. Ela foi planejada. Recentemente, estudos bioquímicos da célula revelaram que há, nela, um arranjo intencional das partes, com indícios claros de que foi planejada. Essas e outras pesquisas científicas tem apontado para a existência de um Planejador Inteligente, o Grande Doador a quem chamamos Deus.

A ciência diz que a célula-ovo não é um amontoado de células descartáveis. A vida de um novo ser tem início nela e prossegue, sem parar, em um movimento

continuo do embrião ao velho, sendo que todo o padrão tetradimensional do novo ser está contido no zigoto.

A célula-ovo tem DNA próprio, fruto da união do gameta masculino com o feminino. Recebe, é obvio, os genes da mãe, mas seu genoma é bem diferente. A mãe hospeda o novo ser, mas o feto não faz parte intrínseca do seu corpo. Para não ser expulso como corpo estranho pelo sistema de defesa do organismo materno o feto produz substâncias que o mantêm vivo, durante a gestação, estabelecendo-se um acordo tácito entre hóspede e hospedeira. Prova cabal de que são dois seres distintos.

Estudos realizados desde a década 1970 sobre psiquismo fetal demonstram que a memória está presente, antes da formação do cérebro, desde o início da gestação, e que o embrião é capaz de comandar sua própria mente, adaptar-se e adequar-se a situações novas.

O embrião tem, portanto, vida própria, independente da mãe. De forma alguma, o aborto pode ser considerado um direito da mulher.

O aborto é uma das formas mais sangrentas de violência, porque o ser em formação não tem como se defender. E a mulher que recebeu do Ser Supremo a missão transcendente de gerar vidas, comumente, não se deixa aprisionar pela visão hedonista que impera no mundo. Sobretudo, quando ela vê as imagens do feto em gestação, quando acompanha os batimentos do coraçãozinho de seu filho a partir das três primeiras semanas. Não, ela não pensa em aborto. O que a gestante precisa é de amparo à maternidade, de esclarecimentos quanto ao uso de métodos anticoncepcionais confiáveis e de vias fáceis de acesso a eles, para que possa planejar sua família. Uma sociedade organizada, segundo as leis fundamentais da vida obrigatoriamente deve ter o amor na sua base de sustentação. Entre outras ações, tem o dever de cuidar da educação de crianças e jovens, dar todo o apoio à maternidade e à paternidade responsáveis, além de cuidar dos que trabalharam uma vida toda e tem de ser amparados na velhice.

A sociedade que apela para o aborto declara-se falida em suas bases educacionais, porque dá guarida à violência no que ela tem de pior, que é a pena de morte para inocentes. Compromete, portanto, o seu projeto mais sagrado que é o da construção da paz.

Espero, caros colegas, que nos unamos para que a nossa nação não tenham falidas as suas bases educacionais. Espero vê-los todos lutando em defesa da vida e da paz.

Marlene Nobre

Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil



Laércio Furlan

Aborto: prevenção

PREVENIR – tomar medidas para impedir (mal ou dano); evitar; informar antes, pondo de sobreaviso; precaver; agir com cautela; precaver-se.

Houaiss – Dicion. Língua Portuguesa.

A Doutrina Espírita, através do seu codificador Allan Kardec e inúmeros Benfeitores Espirituais, nos dá a certeza da Imortalidade do Espírito. Ensina-nos que as experiências na Terra nos servem como caminho facilitador rumo à nossa escalada evolutiva.

A vida continua!

A Ciência gradativamente está chegando ao Espírito. Nesta existência, o início da jornada começa na fecundação do óvulo pelo espermatozóide. Qualquer interrupção nessa sequência retira do Espírito esta oportunidade bendita de aprendizado. Hoje a vida está sendo banalizada e o aborto está exacerbado através de múltiplos interesses de pessoas, grupos nacionais e entidades internacionais.

Estamos convictos da sobrevivência do Espírito e temos conhecimento das implicações espirituais da prática abortiva, uma vez que, para todos os vinculados ao crime hediondo, as consequências são inevitáveis.

Os quadros obsessivos que se instalam nas criaturas, que se comprometeram, se desenvolvem logo a seguir.

Os traumatismos provocados pelo aborto repercutem no perispírito do reencarnante, ficando gravados na sua memória profunda.

Quanto aos pais, as anomalias nos centros genésicos comprometem as próximas reencarnações levando-os ao arrependimento, à expiação e à reparação, consideradas condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências pela violação à Lei Divina.

Em algumas circunstâncias, a mãe é a menos culpada, quando não tem condições de enfrentar a pressão do companheiro, marido e de seus pais, além da pressão

profissional. Ela se torna mais responsável, quando decide abortar porque a missão da maternidade lhe foi confiada, mas não suportou cumpri-la.

Como já afirmamos, Kardec aborda o assunto, André Luiz, Emmanuel e os Mentores Espirituais enfatizam as repercussões advindas deste ato criminoso.

A Dra. Marlene Nobre tem constantemente esclarecido, através dos seus inúmeros trabalhos, quando comenta que caberá aos Médicos Espíritas a função maior de levar o Espírito ou a Alma para todas as Ciências, em especial à Medicina e a partir daí um novo horizonte se estabelecerá no planeta.

Em nossa experiência pessoal, também verificamos que os quadros depressivos, baixa auto-estima, sentimento de culpa e somatização se instalam ou são agravados nas gestantes que optaram pelo abortamento, levando-as muitas vezes à super proteção dos futuros filhos, temendo que algo lhes aconteça e que Deus os leve como forma de punição.

Nos trabalhos mediúnicos em que participamos na nossa Casa Espírita, a presença de entidades que resultaram de aborto, manifestam os quadros obsessivos pertinazes, principalmente relacionados às mães.

Mas, enfatizamos - todos os indivíduos envolvidos no crime estão sujeitos às Leis Divinas. A mãe e o feto saem lesionados pelo aborto intencional e criminoso.

Esses transtornos físicos e espirituais acarretarão muito sofrimento e a evolução tornar-se-á mais difícil.

Tendo em vista a gravidade do aborto, a AME-PARANÁ com a FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ, lançaram para todo o Estado, com a presença das Uniões Regionais

Espíritas – URES, a Campanha “Vida, sim à Gravidez – NÃO AO ABORTO”, no ano de 1999, tendo como objetivos, esclarecimento e orientação:

I – Dos adolescentes quanto à gravidez precoce e indesejada e ao aborto intencional e criminoso.

II – Da prática do sexo com responsabilidade, assumindo-se os riscos e suas consequências.

III – Das mulheres com intencionalidade de abortamento e,

IV – Das que abortaram, todavia, jamais interferindo no seu livre-arbítrio, procurando sempre através da terapia do amor, valorizar a vida.

Com uma equipe multiprofissional, a AME-PARANÁ durante esses anos, com aulas programadas, leva aos Colégios, Faculdades, Centros Espíritas e outras entidades, o trabalho organizado com exposições didáticas, cartazes, panfletos e entrevistas, os conceitos morais e espíritas conforme seu objetivo. A exposição é adequada ao público interessado. O filme “O Grito Silencioso” que retrata, pela ultra-sonografia, a realização de um aborto é apresentado para os estudantes e partir dos dez anos de idade, por solicitação dos Diretores e Orientadores Educacionais.

Tanto nas apresentações aos adolescentes e familiares, como no atendimento às mulheres com a intencionalidade (algumas portadoras de HIV e outras gestantes de anencéfalos) ou as já submetidas ao abortamento, alcançamos resultados muito satisfatórios.

Em um trabalho de quatro anos desenvolvido em um grande Colégio da Capital, resultou na redução do número de gravidezes em torno de noventa por cento. ***(De trinta a quarenta por ano, para uma, no final daquele período do trabalho).***

A Direção do Colégio em reconhecimento elegeu o presidente da AME-PARANÁ como patrono da turma de 2002. A Assembléia dos Deputados Estaduais do Paraná, através do Deputado Ney Leprevost outorgou uma Moção Honrosa à AME-PARANÁ pelos serviços prestados à Comunidade.

Na nossa Campanha, recomendamos às mulheres que já abortaram que não fiquem alimentando o erro. Dê o nome mais carinhoso ao seu filho e procure conversar com ele, através da prece e mesmo durante o sono. Peça o perdão! Diga os motivos que a levou ao ato e finalmente, através da lei de amor, amando todas as crianças, associa-se a uma creche ou lar infantil, reconquiste o afeto do filho rejeitado pelo aborto.

Somos de opinião que se deve iniciar a PREVENÇÃO na infância, através de uma orientação segura e própria para a idade. Já na fase de adolescência, os resultados serão pouco alcançados, tendo em vista a formação com todos os exemplos indesejados. Todavia, sempre é tempo para começar, mesmo na fase adulta.

O Conselho Federal de Medicina quer a legalização do aborto até a décima segunda semana na reforma do Código Penal, o que não representa a unanimidade, uma vez que o Conselho Regional de Medicina do Paraná, entre muitos, manifestaram a opinião de que se deva consultar toda a sociedade.

Tanto no ponto científico como religioso, é uma aberração tal proposta.

A Dra. Marlene Nobre, como já referimos, através de seus livros demonstra cientificamente o valor da Vida, baseando-se nas publicações de Mestres da Embriologia, da Genética, da Biologia, da Bioética e de todas as diretrizes da Doutrina Espírita.

A Genética, a Embriologia e a Biologia são unânimes em afirmar que a Vida inicia na concepção, fertilização ou fecundação.

Os conceitos expressos pela Madre Tereza de Calcutá na Conferência da ONU, quando disse que: “O maior destruidor da Paz no mundo hoje é o aborto. Ninguém tem o direito de tirar a Vida: nem a mãe, o pai, o médico, a conferência ou o governo” e o feito pelo nosso abençoado Francisco Cândido Xavier, quando afirma: “Se o aborto for aprovado no Brasil, acarretará um carma coletivo de muito sofrimento e de difícil solução” não conseguem conscientizar o Mundo e o nosso País, ficamos certos que a sensibilidade dos nossos governantes está mais voltada pelos próprios interesses.

Considero absurda as hipóteses de abortamento, no que tange ao estado psicológico e financeiro da gestante.

Considero também que o único argumento capaz de reverter a situação atual, é PREVENIR através da conscientização do Ser Humano quanto a este crime hediondo – o aborto.

A AME-BRASIL com a participação de todas as AMES ESTADUAIS desencadeia a presente campanha em nível Nacional, alertando os setores envolvidos na Preservação da Vida, religiosos ou não, toda a população brasileira, exigindo dos parlamentares, médicos e todos os Órgãos da Saúde um posicionamento consciente, valorizando o que existe de mais sagrado: A VIDA.

Finalmente, nos restam a união e a prece, apelando ao Mundo Maior para que a Bondade de Jesus se faça neste “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”.

Laércio Furlan – professor adjunto aposentado da UFPR. Mestre em Cardiologia pela UFPR. Coordenador da Campanha “Vida, sim à gravidez – NÃO AO ABORTO” e da PARANÁ SEM ABORTO. Membro da AME-PARANÁ e Comunhão Espírita Cristã de Curitiba. Conselheiro da Federação Espírita do Paraná.



Consequências psicológicas Pós-Aborto

“Admitimos seja suficiente breve meditação, em torno do aborto delituoso, para reconhecemos nele um dos fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões”...

- Emmanuel -(Emmanuel e Xavier, 1970)

É ingênuo pensar que o aborto livra a mulher de um problema. As consequências emocionais de alguém que assume uma vida que foi gerada são completamente diferentes de alguém que escolhe a morte. Carregar por toda a existência o peso de um aborto é completamente diferente de compartilhar o nascimento e desenvolvimento de um filho. Isso serve para o homem também.

Os conflitos psicológicos mais angustiantes oriundos da chamada “gravidez indesejada” dizem respeito, na absoluta maioria das vezes, aos períodos iniciais da gestação, quando se descobre a gravidez fora dos planos. A chamada gravidez “na hora errada” dos dias de hoje fala-nos de uma realidade social na qual muitas mulheres julgam que ter um filho em determinado momento de suas vidas seria um obstáculo aos seus projetos pessoais mais imediatos. Também a frequente pressão do rapaz sobre a companheira para abortar, ou mesmo da família e, ainda o que é pior, o apoio à proposta abortiva sugerida por alguns médicos.

A pergunta que fica é:

- Qual é o momento ideal para se ter um filho nos dias atuais?

Considerando que, via de regra, em primeiro lugar está a profissão, depois a estabilidade financeira, depois a felicidade pessoal, depois um relacionamento com alguém que tenha o perfil ideal para ser um bom pai e um bom marido. Até aí transcorreram muitos anos e, comumente, a mulher chega a uma idade mais avançada onde ficar grávida já é bem mais difícil.

O ser humano, em geral, tem a tendência de fugir das dificuldades. Mais ainda quando se trata de decisões com particular importância, como a de se ter um filho. O problema que se impõe é que o aborto é uma saída infantil para “resolver” uma situação que já está posta. Cria-se a fantasia de que através do aborto “o problema” deixa de existir. Faz-se de conta que nada aconteceu.

Temos assistido a progressiva cultura da morte como solução. Isso faz parte de um processo global de banalização da vida, como se dispor da existência de alguém fosse algo sem tanta importância. Falamos de “alguém” porque o embrião e o feto, logo a seguir,

já são alguém. Qualquer livro de embriologia ensina que a vida começa na fecundação, ou seja, a união da célula feminina, o ócito, com a célula masculina, o espermatozoide. Exatamente nesse momento o espírito reencarnante liga-se à matéria.

LIVRO DOS ESPÍRITOS Q. 344 Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

Alguns políticos e profissionais materialistas tentam tirar a importância dessa realidade, criando a ilusão de que o aborto é uma decisão como outra qualquer, que não envolva maiores consequências na vida dos envolvidos, particularmente da mulher que o pratica.

A prática clínica mostra uma realidade bem mais preocupante e que não é veiculada pelos movimentos pró-aborto que tanto defendem “os direitos das mulheres”. São inúmeras as consequências psicológicas diretas do abortamento provocado na existência atual.

Interessante a pesquisa realizada em Campinas-SP, publicada no Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 11 (1): 97-105, jan/mar, 1995(Hardy, Costa et al., 1994), mostrando os sentimentos envolvidos na decisão de abortar:

“A população-alvo do estudo foi constituída de todas as funcionárias (7359) e alunas de graduação (2231) de uma universidade paulista. Quase metade das mulheres que abortaram disse que depois se sentiu mal emocional e/ou fisicamente (48,8%). Nesse caso, foram dadas respostas do tipo: “Muito triste”, “Deprimida”, “Depois foram nove meses de tortura”, “Complexo de culpa”, “Infeliz”, “Passei muito mal, vomitei, senti tontura”, “Tive cólicas”, “Um pouco indisposta”, “Enjoada”, “Mal-estar”.

Essas emoções mencionadas são expressões conscientes, ou seja, aquelas que a pessoa se dá conta que está sentindo, porque tanto mais preocupantes são também aquelas expressões que se tornam inconscientes, com manifestações de diversos sintomas

de natureza variada, especialmente psicossomáticas. Veremos um exemplo no caso clínico na sequência deste artigo.

É notório registrar igualmente o que disseram as mulheres que não levaram adiante o plano de abortamento.

“Do total de mulheres que não abortaram, mais de quatro quintos relataram ter-se sentido bem, feliz, aliviada e não arrependida por não ter feito o aborto. Foram dadas respostas do tipo: “Muito bem emocionalmente”; “Realizada”, “A pessoa mais feliz do universo”, “Me senti muito aliviada, pois sabia que não era isto que eu queria”, “Como se tivesse tirado um peso de cima de mim”.

O nascimento de um filho confirma o que é natural para o psiquismo materno, ou seja, chegar ao final da gestação e “dar a luz”. A expressão comum já diz tudo, dar a luz. No aborto “apaga-se a luz” e a mãe, de certo modo, apaga-se junto. O alívio de ter enfrentado e vencido os problemas sociais e ambientais é justificável à medida que o psicológico acompanha o instintual. Quem decide abortar é a razão equivocada, nunca o instinto de conservação, que na acepção Espírita faz parte de uma Lei Natural. Pela pesquisa citada, a absoluta maioria das mulheres que não abortaram concluem a gestação aliviadas e felizes. Isso faz todo o sentido. Nada é mais compensador do que gerar uma vida. Nada mais frustrante do que protagonizar a morte. Tão grave esse impasse que nesse estudo as autoras encontram que:

“Mais chamativo do impacto da culpa para a mulher que faz aborto é representado por 6% delas que, mesmo não havendo realizado a interrupção da gestação, sentiram-se culpadas e arrependidas.”

O fato de ter cogitado o aborto pode ser motivo de conflito psicológico futuro. Isso é confirmado pela prática clínica de atendimento em psicoterapia de mulheres que se tratam em função de relações de conflito com seus filhos já crescidos, mas que voltam a sentimentos secretos que tiveram durante a gravidez, cogitando se essas dificuldades não se devem a terem desejado tirar pelo aborto aquele filho que agora está dando problemas. De fato, não quer dizer que um filho com o qual se tenha dificuldades no presente se deva



necessariamente aos sentimentos passados de rejeição na gravidez. Mas essa manifestação tão comum nas mães revela que, no imaginário de sua vida mental, restou a culpa de ter desejado livrar-se do filho em algum momento.

O Dr. Flávio Braun, médico psiquiatra e psicoterapeuta, presidente da Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada (SBTVP) e da Associação Médico-Espírita de Santos-SP (AME-SANTOS), relata um caso muito ilustrativo do assunto que estamos tratando e que passamos a relatar a seguir:

A paciente X atendida em 2003, 29 anos, casada há 5 anos, profissional da área de saúde. Trouxe como queixa na primeira consulta sua insatisfação com o fato de não conseguir ser mãe biológica, de não engravidar pelos meios naturais e de não querer se submeter aos meios científicos modernos de profissionais especializados para a geração de gravidez em laboratório. Relatava estar muito depressiva, irritada, revoltada, culpando-se, achando-se incompetente para engravidar, com crescentes conflitos com o esposo que, conforme ela entendia, não a amava de verdade, fazendo sexo com ela somente para gerar um filho.

Ansiosa, controladora, querendo tudo para ontem, muito crítica com os outros, chegou à consulta quase num pré-surto psicótico, com olhar choroso e ideação suicida, pedindo ajuda.

A anamnese prosseguiu noutro dia onde revelou ter muitos sonhos repetitivos em épocas antigas e variadas onde saía com vários parceiros e os traía sem abalos pessoais, engravidando, abortando uns e abandonando outros filhos pelo mundo afora, demonstrando traços de indiferença, egoísmo e prepotência de um suposto passado. E como sabemos, com a hipótese da reencarnação, que sonhos repetitivos podem ser indicadores importantes sobre o histórico reencarnatório da pessoa. Relatou ter tido dois abortos espontâneos do mesmo companheiro em 2000 e 2001, o que a deixava arrasada só em lembrar estes assuntos, já que ambos ansiavam por terem filho logo. Mas ao mesmo tempo sentia-se forçada a confessar a mim, e o fez na terceira sessão, que já havia praticado um aborto escondido, utilizando-se de medicação, ainda enquanto solteira de



um ex-namorado na época da faculdade, após saber do resultado de exame de sangue positivo para gravidez. Fato este que levava em segredo absoluto, pois sentia muita vergonha do feito, abrindo-se num desabafo em confissão médico, sendo eu a única pessoa a saber, fora ela mesma. O primeiro passo para o seu caminho do reequilíbrio foi abrir-se e falar a verdade.

No seu mundo interno um enorme complexo de culpa que carregava pelo ocorrido há 9 anos. Chegava a pensar que sua dificuldade de engravidar agora era um justo, porém pesado, castigo de Deus. Foi um longo processo terapêutico, com muitas outras sessões de orientação com apoio moral e algumas das sessões com regressão de memória, onde afloraram algumas histórias parecidas como as dos sonhos repetitivos que tinha quase sempre, gerando uma virada psicológica importante pela tomada de consciência de outras origens de sua culpa e dificuldades atuais, melhorando aos poucos, pela brandura e pela resignação.

Em exame de rotina nesta fase, descobriu ser portadora de endometriose, que acomete as mulheres em idade reprodutiva e que consiste na presença de células endometriais em locais fora do útero. O endométrio é a camada interna do útero que é renovada mensalmente pela menstruação. É um

transtorno ginecológico comum, atingindo entre 10% e 15% das mulheres em idade reprodutiva, doença que pode dificultar a ocorrência de uma gestação. Foi então operada por videolaparoscopia para resolução do caso, aceitando dois meses depois o tratamento por fertilização in vitro. Da primeira vez sem sucesso, o que a consumia em suas poucas esperanças, nos raros momentos de aproximação do casal. E com sucesso pela segunda vez, alguns meses a seguir daquele mesmo ano. Gerando uma vida, vindo a gestação a termo, sem intercorrências, até a nova mãe e o novo pai poderem ter em seus braços seu maior desejo realizado e praticarem com o ser recebido os mais elevados atos de amor da criação humana.

Esse belo caso fala-nos das consequências globais do abortamento provocado. Além das repercussões da culpa, o desequilíbrio emocional que desalinhou o seu relacionamento com o marido, culminando com as ideias suicidas. O aborto escondido para o mundo não ficou oculto para a consciência, ocasionando o autoflagelo psicológico. Não estamos analisando aqui os possíveis concomitantes espirituais de natureza obsessiva, que normalmente acompanham esses casos.

É de chamar a atenção a endometriose existente. Terá sido promovida pelo processo psíquico subjacente desta e de vidas passadas, deixadas por lesões perispirituais? Não temos como afirmar, mas temos como suspeitar, com fortes evidências, de um processo conjunto de natureza psicossomática.

Por fim, a terapêutica bem conduzida do Dr. Flávio proporcionou um desfecho feliz para o drama desse casal que parece ter aprendido as lições vivenciadas, resignificando a dor emocional.

Poderiam não ter conseguido efetivar uma nova gestação, como muito casais. Nesse caso não devemos esquecer a sublime via da adoção, lembrando que a reencarnação efetiva os laços da família espiritual através de muitos mecanismos. Conforme o Evangelho Segundo o Espiritismo (Kardec, 1978):

“Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos que unem os Espíritos antes, durante e após a sua encarnação.”

É assim então que nós, espíritos eternos, nos revezamos no palco das encarnações sucessivas, ora ocupando a posição de pais, ora desempenhando o papel de filhos, aprendendo gradativamente as lições mais profundas do amor. Não optar pelo aborto intencional, que é fuga egoísta de um dever previamente assumido, é passo evolutivo de maturidade, pois se achegam ao convívio familiar, pela reencarnação, grandes desafios de resgate e aprendizado.

REFERÊNCIAS

EMMANUEL, E.; XAVIER, F. C. **Vida e Sexo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1970.

HARDY, E. et al. Características atuais associadas à história de aborto provocado. **Revista de Saúde Pública**, v. 28, p. 82-85, 1994. ISSN 0034-8910. Disponível em: <http://tinyurl.com/aborto-provocado>.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Araras: IDE, 1978.

Dr. Sérgio Luis da Silva Lopes – médico psiquiatra, presidente da Associação Médico Espírita de Pelotas (AME-PELOTAS-RS)

Dr. Flávio Braun Fiorda – médico psiquiatra, presidente da Associação Médico Espírita de Santos (AME-SANTOS-SP)





Jorge Cecílio Daher Júnior

Aborto como política de controle populacional

1. A quem interessa o aborto?, eis uma questão que a princípio parece simplista. Somente à mulher interessa o aborto, pois refere-se à autonomia do ser humano de decidir por si só o que é melhor para si mesmo, eis uma resposta que parece ser contundente e de acordo com as palavras do presidente do Conselho Federal de Medicina, conforme nota publicada em seu portal médico (Medicina, 2013)

Se a pergunta é simplista, esse tipo de resposta é mentirosa. Sob o rótulo de autonomia da mulher, que implica uma dimensão individualizada do problema, esconde-se uma política global, com interesses populacionais, nascida na década de 50, sob o nome Demografia (Foundation, 1991) e adotada como política de governo em 1974 sob o rótulo Relatório Kissinger (200, 1974). Esse documento estabelece diretrizes para o controle populacional, principalmente em 13 países-chave para o fornecimento de alimentos e energia, incluindo o Brasil. O objetivo para tal medida seria assegurar a oferta perene de alimentos aos países ditos desenvolvidos. Recomenda para efetivar a realização do controle, o envolvimento ativo em organizações de direitos das mulheres, tendo como órgãos financiadores entidades internacionais, como a Organização das Nações Unidas, através da Organização Mundial de Saúde (OMS).

A Organização Mundial da Saúde tem em seu website farta documentação sobre procedimentos para aborto seguro, ressaltando o tópico autonomia da mulher,

ainda deixando implícito o objetivo de controle populacional. A OMS publicou em 2012 pesquisa realizada entre estudantes de Medicina de 3 faculdades de São Paulo que demonstrava desconhecimento sobre protocolo de Misoprostol como técnica abortiva entre estudantes (Fernandes, Camargo *et al.*, 2012).

Mesmo sendo a prática do aborto proibida em nosso país, o Ministério da Saúde publicou norma técnica de Atenção Humanizada ao Abortamento. (Saúde, 2010), onde dispõe protocolo da OMS para abortamento seguro (World Health Organization, 2012). A justificativa de nosso ministério para a norma técnica é a proteção da mulher.

Segundo informam os defensores do aborto em nosso país, o número de mortes de mulheres decorrentes do aborto somam-se a milhares. Esses dados não conferem com os oferecidos pelo DATASUS, que em 2010 reportou 1157 mortes de mulheres em idade fértil, sendo 800 mortes a soma das regiões Nordeste e Sudeste, com prevalência maior entre as mulheres com menor escolaridade. De todas as mortes de mulheres em idade fértil, 32 foram devido a aborto espontâneo ou não especificado, legal ou ilegal. (Pesquisa realizada no DATA SUS _ <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/mat10uf.def>).

O número de mortes maternas decorrentes de abortamento ilegal tende a ser superestimado, conforme indica recente publicação de Koch e colaboradores (Koch, Aracena *et al.*, 2012)





Se o número de mortes maternas decorrente de aborto em todo o ano de 2010 não situa essa morbidade em índices alarmantes, outros estudos mostram que a redução da mortalidade materna tem relação direta com o nível de escolaridade (Koch, Thorp *et al.*, 2012) da mulher.

2. O crescimento populacional desde a segunda guerra, com crescimento sem controle entre as nações em desenvolvimento, dobrou a população planetária ao longo de 50 anos. Ante a explosão demográfica aparentemente incontrolável, a Ford Foundation criou fundo especial para o desenvolvimento da Demografia, com foco principal na saúde reprodutiva.

Entre as justificativas do investimento da Ford Foundation, lista-se a evidência que as populações dos países crescem menos que a dos países em desenvolvimento ou pobres, relacionando-se esse fato mais com nível de educação (anos de escolaridade) e menos com medidas restritivas à gestação. Todavia, desde a década de 50 a fundação investe centena de milhões de dólares em saúde reprodutiva, que significa controle de natalidade pelo uso de anticoncepcionais, práticas de aborto, desenvolvimento de programas para propagar a autonomia das mulheres. Tudo isso com o objetivo de reduzir o crescimento populacional, conforme se lê em seu programa de saúde reprodutiva. (Foundation, 1991).

As ações da Ford Foundation não são limitadas aos estudos demográficos, mas estendem-se além, participa ativamente da **formação ideológica** de líderes sociais, religiosos, culturais e políticos dos países em desenvolvimento, alvos das políticas de redução da natalidade, objetivo maior da instituição americana. No relatório da Ford Foundation, na página 33, o texto em inglês afirma: *“Foundation funds also supported the participation of people from developing countries in a symposium at the University of Iwoa on medical, ethical and legal issues related to the beginning of human life.”* (Os recursos da Fundação também deram apoio financeiro para a participação de pessoas dos países em desenvolvimento em um simpósio sobre tópicos médicos, éticos e legais relacionados sobre quando começa a vida humana, na Universidade de Iwoa)(Foundation, 1991).

O já citado relatório Kissinger(200, 1974), embora tenha sido desclassificado em 1980 pela Casa Branca,

é um documento do governo americano sobre estratégia de controle populacional e é explícito em dizer, na página 114: *“Certain facts about abortion need to be appreciated:” – No country has reduced its population growth without resorting to abortion.*” (Certos fatos sobre aborto necessitam ser considerados: Nenhum país reduziu suas taxas de crescimento populacional sem legalizar o aborto.)

Controle populacional é pauta permanente da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 1967 a ONU criou o United Nations Population Funds (UNFPA), que tem como objetivo o financiamento de projetos demográficos focados no controle da população. A Organização Mundial da Saúde, OMS, departamento das Nações Unidas que cuida de ações globais em saúde populacional, financia projetos de controle da natalidade e tem publicações sobre abortamento seguro. Pesquisa no endereço eletrônico da OMS (<http://www.who.int>) a variável de pesquisa “abortion” gera 29.000 resultados, sendo os mais relevantes as diretrizes clínicas para abortamento seguro e a edição especial de sua revista científica que tem como tema “Expanding access to medical abortion in developing countries” ou Expandindo acessos para o aborto médico nos países em desenvolvimento. Na opção Regulação da Fertilidade, as técnicas para o aborto induzido é o primeiro capítulo da pauta apresentada.

3. A autonomia da mulher se tornou questão ética fundamental, mas nasceu imposta como estratégia para garantir o controle populacional. Assumida como condição libertária, alcançou na bandeira feminista o extremismo ao considerar a mulher como única responsável pela natalidade e por ter o embrião como extensão de seu próprio corpo, desconsiderando a plena independência do embrião como pessoa.

A defesa do aborto como defesa da autonomia da mulher é uma linguagem que foi ensinada pelos organismos internacionais de controle populacional e rapidamente aprendida por entidades feministas. O que se perdeu foi a questão fundamental de respeito incondicional ao ser humano pela omissão apriorística da presença do embrião enquanto ser vivo, ao tê-lo tornado elemento contíguo ao corpo da mulher, cabendo a ela decidir o seu destino.

As políticas de controle populacional em países em desenvolvimento têm alcançado seus objetivos. Após

termos chegado ao auge da juventude populacional em 2010, as curvas de distribuição da população conforme faixas etárias já apontam para o envelhecimento progressivo, às custas de menores índices de natalidade. A descriminalização do aborto em nosso país é parte da estratégia de controle populacional e também discurso ideológico sob o rótulo de autonomia da mulher, adotado por partidos políticos e movimentos feministas radicais.

4. Allan Kardec ouviu dos Espíritos superiores a seguinte resposta à sua indagação sobre a possibilidade de a população da Terra vir a ser excessiva (Kardec, 2007): “Não. Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio. Ele coisa alguma inútil faz. O homem, que apenas vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar a harmonia do conjunto.

O mais belo ato médico é o contato único do médico com seu paciente. A ligação do médico com seu paciente estabelece uma cumplicidade que deve culminar em um ato em favor da vida, onde a recuperação da saúde pode ou não ocorrer, mas onde o respeito e o louvor à vida deve sempre prevalecer acima de qualquer interesse, quer do médico, quer do paciente.

Não cabe ao médico o desrespeito à vida para atender a políticas que à vida causam agravo, risco ou qualquer ameaça. Em 12 de março de 2012, a ministra da Secretaria Especial de Políticas da Mulher, Eleanora Menicucci, afirmou ao jornal Estado de São Paulo que os médicos de hospitais públicos que se recusam a fazer aborto devem ser substituídos. Mesmo se tratando de caso onde o abortamento é tido como legal em nosso país, que é o aborto em gestação decorrente de estupro, a consciência do médico deve prevalecer.

A tradição da Medicina brasileira é de defesa à vida, ecoa o desejo de 85 % de nossa população que é contrária ao aborto. A deliberação do CFM não expressa a vontade dos médicos, é incoerente com a tradição médica de nosso país, atende a interesses estranhos ao real interesse do médico, que é louvar a vida em todas as circunstâncias.

REFERÊNCIAS

200, N. S. S. M. N. **Implications of Worldwide Population Growth For U.S. Security and Overseas Interests.** COUNCIL, N. S. Washington, DC: 123 p. 1974.

FERNANDES, K. G. et al. Knowledge of medical abortion among Brazilian medical students.

International journal of gynaecology and obstetrics: the official organ of the International Federation of Gynaecology and Obstetrics, v. 118, p. S10-S14, 2012. ISSN 0020-7292. Disponível em: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S002072921200238X?showall=true>.

FOUNDATION, F. **Reproductive Health: A Strategy for the 1990s: a program paper of Ford Foundation.** New York: Ford Foundation 1991.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos.** Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2007. 647 ISBN 978-85-7328-390-7.

KOCH, E. et al. Fundamental discrepancies in abortion estimates and abortion-related mortality: A reevaluation of recent studies in Mexico with special reference to the International Classification of Diseases. **Int J Womens Health**, v. 4, p. 613-23, 2012. ISSN 1179-1411 (Electronic) 1179-1411 (Linking). Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23271925>.

KOCH, E. et al. Women's Education Level, Maternal Health Facilities, Abortion Legislation and Maternal Deaths: A Natural Experiment in Chile from 1957 to 2007. **PLoS ONE**, v. 7, n. 5, p. e36613, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0036613>.

MEDICINA, C. F. D. CFM Esclarece posicao em favor da autonomia da mulher em caso de interrupcao da gestacao. http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23663:cfm-esclarece-posicao-a-favor-da-autonomia-da-mulher-no-caso-de-interrupcao-da-gestacao&catid=3, 2013. Disponível em: http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23663:cfm-esclarece-posicao-a-favor-da-autonomia-da-mulher-no-caso-de-interrupcao-da-gestacao&catid=3. Acesso em: 21/03/2013.

SAÚDE, M. D. **Atenção Humanizada ao Abortamento.** ESTRATÉGIAS, D. D. A. P. Brasília: Editora MS. caderno 4: 60 p. 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, D. O. R. H. A. R. **Safe Abortion: technical and policy guidance for health systems.** WHO, 2012. 132 ISBN 978 92 4 154843 4.



Gilson Luis Roberto

Visão Espírita sobre o Aborto

O materialismo é o maior entrave para a nossa evolução e felicidade. O seu olhar se limita apenas a matéria dando margem a profundos enganos. O desconhecimento da realidade do espírito e da finalidade maior da vida faz com que nos afastemos do verdadeiro objetivo que norteia a existência humana, nos fixando ao imediatismo do mundo e nos afastando da Lei do Amor. No entanto, todos estão submetidos aos princípios das Leis Divinas que regem a Natureza. O desconhecimento dessas Leis não nos exonera das nossas responsabilidades.

Dentro deste contexto, a fecundação, consoante o princípio da reencarnação e da evolução, representa um processo que envolve a união da matéria com o espírito para a execução dos mais elevados programas de ação do Mundo Espiritual. Embora as fases de desenvolvimento embriológico sejam divididas desde a fecundação até chegar ao nascimento, elas fazem parte da nossa evolução ontogenética, sustentada pela presença do espírito, sendo sempre o mesmo indivíduo único e distinto igualmente identificável biologicamente ao longo de toda a sua existência.

Na questão 344 de O Livro dos Espíritos, a espiritualidade responde a indagação de Allan Kardec:

“Em que momento a alma se une ao corpo? A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluidico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus”. (Kardec, 2006c)

Através de uma nova existência, o espírito encontra importante oportunidade de educação e regeneração alicerçada na tarefa da paternidade e da maternidade, onde o homem e a mulher adquirem mais amplos créditos da Vida Superior.

Por isso a importância e o respeito que se deve a possibilidade de uma nova existência física, sendo o primeiro e o mais importante direito que nos assiste, o direito à vida como um bem indisponível.

Na questão 880 do Livro dos Espíritos encontramos aquilo que deveria ser óbvio e infelizmente não é:

“Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem? O de viver. Por isso ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer nada que possa comprometer sua existência corporal”. (Kardec, 2006b)

O embrião não é um apêndice da mãe, é outra individualidade com um corpo em formação a qual a mãe não tem o direito de destruir.

Portanto, em qualquer fase em que ocorrer a interrupção do processo embriológico a partir da fecundação será sempre um aborto.

No Livro dos Espíritos, questão 358, Kardec pergunta:

“Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação? Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando”. (Kardec, 2006a)

O aborto provocado, excetuando aquele feito para salvar a vida da mãe, é uma violência e um crime contra quem não pode se defender. E toda violência é agressão à lei de amor estabelecida pelo Criador, com consequências graves a nível individual e coletivo.

Chico Xavier advertia que se o aborto fosse aprovado no Brasil a guerra chegaria até nós.

Todos os nossos atos estão subordinados à Lei de Causa e Efeito segundo o qual tudo o que dermos a outrem retornará para nós.

Quem provoca o aborto gera um delito com repercussões graves no campo físico e mental.

Todas as vezes que infringimos as Leis Divinas provocamos uma lesão em nossa consciência com conseqüente desarmonia psíquica gerando uma zona de remorso ou de culpa e estabelecendo problemas cármicos de solução, por vezes, muito difícil, já que ninguém fere alguém sem ferir a si mesmo. As lesões provocadas pelo aborto produzem traumas psíquicos graves e complexos, repercutindo na tessitura do perispírito e constituindo a base de futuras patologias físicas e emocionais.

Os problemas emocionais gerados pelo aborto são tão graves, como depressão e o suicídio, que em muitos países onde ele é legalizado, foram criadas, pelas próprias mulheres vitimadas pelo aborto, associações como a *Women Exploited by Abortion* (Mulheres Exploradas pelo Aborto) nos EUA, e a *Asociación de Víctimas del Aborto* (Associação de Vítimas do Aborto) na Espanha, que orientam e alertam sobre as consequências prejudiciais do aborto.

Emmanuel adverte afirmando que *“Indiscutivelmente, os débitos que abraçamos são anotados na Contabilidade da Vida todavia, antes que a vida os registre por fora, grava em nós mesmos, em toda a extensão, o montante e os característicos de nossas faltas. A pedra que atiramos no próximo talvez não volte sobre nós em forma de pedra, mas permanece conosco na figura de sofrimento. E, enquanto não se remove a causa da angústia, os efeitos dela perduram sempre, tanto quanto não se extingue a moléstia, em definitivo, se não a eliminamos na origem do mal.”* (Emmanuel (Espírito), 2013b)

Toda problemática gerada no mundo material, conforme nos informa André Luis, continuará na nossa intimidade se transferindo para o mundo espiritual a se estender para as próximas encarnações até alcançar a solução definitiva:

“O aborto provocado, sem necessidade terapêutica, revela-se matematicamente seguido por choques traumáticos no corpo espiritual, tantas vezes quantas se repetir o delito de lesa-maternidade, mergulhando as mulheres que o perpetraram em angústias indefiníveis, além da morte, de vez que, por mais extensas se lhe façam as gratificações e os obséquios dos Espíritos Amigos e Benfeitores que lhe recordam as qualidades elogiáveis, mais se sentem diminuídas moralmente em si mesmas, com o centro genésico desordenado e infeliz, assim como alguém indebitamente admitido num festim brilhante, carregando uma chaga que a todo instante se denuncia”. (André Luiz (Espírito), F. C. X. E. W. V., 2010)

Chico Xavier faz um relato da situação espiritual de uma senhora que havia praticado o aborto na sua última encarnação:

“Em 1936, conhecemos uma senhora amiga, que praticou diversas vezes o aborto. Não era uma criatura perversa, mas entendia que estava agindo bem. Depois de sua desencarnação, depois de seis abortos, vímo-la no mundo espiritual, e ela estava em condições muito lamentáveis, e se lastimava da situação de irresponsabilidade a que ela se entregara nos domínios do aborto inconseqüente, do aborto sem orientação médica, de aborto não terapêutico. Em companhia de amigos espirituais, então perguntei pelo caso dela, e eles disseram que ela se reencarnaria dentro de pouco tempo. Realmente, logo depois de 1942, ela reencarnara, e ultimamente encontramos esta mesma senhora reencarnada no campo de nossas relações, e com grande surpresa, mas com grande motivo para meditação, encontramos-a, numa angústia muito grande, querendo se descartar de uma esterilidade que para ela, nesta encarnação, é irreversível. Perguntei ao nosso amigo André Luis, e ele então me disse que de fato, nesta vida, ela, pelo anseio de ser mãe, vai reconstituir os seus órgãos genésicos para ser mãe em vida próxima. E ouvindo também um amigo médico, a quem eu perguntei sobre o assunto, ele então me disse que esta criatura podia receber um diagnóstico claramente identificável na patologia comum, e amigos espirituais então nos disseram que ela era portadora, segundo os conceitos médicos, de hiperplasia glandular cística do endométrio. Além do mais, com resultados, com derivações muito lamentáveis em seus órgãos femininos”. (Xavier, 1990)



Além do sofrimento emocional, o remorso e a culpa abrem o campo mental para processos obsessivos graves onde os envolvidos “assimilam, inevitavelmente, as vibrações de angústia e desespero e, por vezes, de revolta e vingança dos Espíritos que a Lei lhes reservara para filhos do próprio sangue, na obra de restauração do destino”. (André Luiz (Espírito), F. C. X. E. W. V., 2010)

No livro *No Mundo Maior*, André Luiz nos relata o caso Cecília que não aceitando o amparo do alto ao tentar demovê-la da prática abortiva, resolve expulsar do seu ventre materno seu filho de quatro meses que mentalmente suplicava por misericórdia ao receber as emanções mentais de violência da daquela que seria sua futura mãe. Consumado o aborto, o ódio do passado reacende no íntimo do espírito expulso que passa a emitir vibrações deletérias provocando intensa hemorragia uterina e levando a mãe ao desencarne. Mãe e filho, vinculados pelo ódio, acabam retornando ao mundo espiritual em “*doloroso processo de obsessão recíproca, de amargas consequências no espaço e no tempo (...)*”. (André Luiz (Espírito), F. C. X., 2010)

Referente a essa questão, Emmanuel nos traz as seguintes ponderações sobre a responsabilidade que assumimos frente aos compromissos abraçados:

“(...) De todos os institutos sociais existentes na Terra, a família é o mais importante, do ponto de vista dos alicerces morais que regem a vida. É pela conjunção sexual entre o homem e a mulher que a Humanidade se perpetua no Planeta; em virtude disso, entre pais e filhos residem os mecanismos da sobrevivência humana, quanto à forma física, na face do orbe. Fácil entender que é assim justamente que nós, os espíritos eternos, atendendo aos impositivos do progresso, nos revezamos na arena do mundo, ora envergando a posição de pais, ora desempenhando o papel de filhos, aprendendo, gradativamente, na carteira do corpo carnal, as lições profundas do amor - do amor que nos soerguerá, um dia, em definitivo, da Terra para os Céus. Com semelhantes notas, objetivamos tão-só destacar a expressão calamitosa do aborto criminoso, praticado exclusivamente pela fuga ao dever. Habitualmente - nunca sempre - somos nós mesmos quem planifica a formação da família, antes do renascimento terrestre, com o amparo e a supervisão de instrutores beneméritos, à maneira da casa que levantamos no mundo, com o apoio de arquitetos e técnicos distintos. Comumente chamamos a nós antigos companheiros de aventuras infelizes, programando-lhes a volta em

nosso convívio, a prometer-lhes socorro e oportunidade, em que se lhes reedifique a esperança de elevação e resgate, burilamento e melhoria. Criamos projetos, aventamos sugestões, articulamos providências e externamos votos respeitáveis, englobando-nos com eles em salutareis compromissos que, se observados, redundarão em bênçãos substanciais para todo o grupo de corações a que se nos vincula a existência. Se, porém, quando instalados na Terra, anestesiarmos a consciência, expulsando-os de nossa companhia, a pretexto de resguardar o próprio conforto, não lhes podemos prever as reações negativas e, então, muitos dos associados de nossos erros de outras épocas, ontem convertidos, no Plano Espiritual, em amigos potenciais, à custa das nossas promessas de compreensão e de auxílio, fazem-se hoje - e isso ocorre bastas vezes, em todas as comunidades da Terra - inimigos recalcados que se nos entranham à vida íntima com tal expressão de desencanto e azedume que, a rigor, nos infundem mais sofrimento e aflição que se estivessem conosco em plena experiência física, na condição de filhos-problemas, impondo-nos trabalho e inquietação. Admitimos seja suficiente breve meditação, em torno do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões”. (Emmanuel (Espírito), 2013a)

O aborto é um desrespeito à vida, uma das maiores violências contra o ser humano.

Ao banalizarmos a vida através do aborto, favorecemos a violência e mais seremos vitimados pela violência.

As Leis Divinas permanecem acima das Leis Humanas temporárias e falíveis. Mesmo que o aborto seja legalizado ou descriminalizado, a nossa posição deve ser sempre de respeito à vida, não aceitando o aborto provocado. Como afirma Emmanuel no livro *Leis de Amor* no cap. XI “**O aborto provocado, mesmo diante de regulamentos humanos que o permitem, é um crime perante as Leis de Deus**”. (Emmanuel (Espírito), 1963)

Através desta reflexão estamos condenando os abortos e não os que abortaram. Ela é um alerta para que evitemos sofrimentos futuros causados por escolhas equivocadas.

A legalização do aborto ou sua descriminalização representa uma grande ameaça para a paz individual e mundial com profundo reflexo no equilíbrio da sociedade em que vivemos.

Quando adquirimos já um certo grau de maturidade, a culpa é algo que não pode ser evitado. Aliás, aquele que não sente culpa é alguém que está embotado emocionalmente, sem noção de responsabilidade e do outro. Os psicopatas são aqueles que agredem ou matam sem nenhum sentimento de culpa.

A culpa é fruto da consciência dos nossos erros, um alerta que algo não está bem. Só conseguimos modificar algo que está errado quando percebemos nossos equívocos ao provocar um desconforto, uma necessidade de reajuste. A culpa tem esse papel.

Entretanto, reconhecendo a culpa temos que ir para a ação, retificando os nossos passos. Ficar preso na culpa é permanecer paralisado. Ficar lamentando o acontecido é permanecer numa atitude autodestrutiva e improdutivo.

Deus nunca nos condena, sempre nos oportuniza uma nova chance, um novo dia, uma nova experiência reencarnatória. Ele nos aponta para o futuro que nos aguarda de evolução e de felicidade, e assim nos apropriarmos da herança que no compete como filhos do Seu Amor. Apenas quer que sejamos responsáveis, que amadurecemos espiritualmente assumindo a responsabilidade de tudo que realizamos.

A proposta espírita é abandonar o culto ao remorso imobilizador, liberando a consciência do conteúdo traumático através da mudança de comportamento, trabalhando em favor do bem na prática da caridade e na dedicação ao próximo. Vejamos o que André Luis responde a essa questão:

“Para melhorar a própria situação, que deve fazer a mulher que se reconhece, na atualidade, com dívidas no aborto provocado, antecipando-se, desde agora, no trabalho de sua própria melhoria moral, antes que a próxima existência lhe imponha as aflições regenerativas? Sabemos que é possível renovar o destino todos os dias. Quem ontem abandonou os próprios filhos pode hoje afeiçoar-se aos filhos alheios, necessitados de carinho e abnegação.

O próprio Evangelho do Senhor, na palavra do Apóstolo Pedro (I Pedro, 4:8), adverte-nos quanto à necessidade de cultivarmos ardente carinho uns para com os outros, porque a caridade cobre a multidão de nossos males”. (André Luiz (Espírito), F. C. X. E. W. V., 2010)

A vida nos possibilita escolhas a se refletirem profundamente em nosso futuro. Que saibamos reconhecer nas situações em que nos encontramos o



amor infinito de Deus nos convidando a colaborarmos em favor do bem, vendo no sacrifício a experiência do sagrado ofício. Aquilo que realizamos como algo sagrado, que apesar das exigências representa a superação da dor através do entendimento e da vivência do amor.

Para finalizar, transcrevemos a mensagem do Irmão X intitulada “Entre Dois Mundos” através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier e que ilustra a nossa reflexão (Irmão X (Espírito), 1989):

“A fim de colaborar no socorro à Senhora M..., internada numa instituição de saúde mental, fomos compulsar-lhe o diário íntimo, em cujas páginas respingávamos tão somente algumas de suas observações mais específicas, em torno de suas próprias atitudes quanto à maternidade.

1955 – 6 de maio – E, afinal, casei-me. Estou feliz, muito feliz...

8 de junho – Alfredo me falou hoje da possibilidade de termos filhos. Não concordo. Filhos para destruir-me? Que idéia!...

4 de novembro – Tia Emerenciana afirmou que os meus sintomas são de gravidez. Estou amedrontada. Alfredo não pode saber. Darei um jeito para livrar-me.

1956 – 4 de janeiro – Tia Emerenciana disse que não convém ficar sem filhos, que o casamento envolve obrigações muito sérias, perante o destino, e – coitada de minha santa velhinha! – tentou explicar-me que existem espíritos de eras passadas, comprometidos conosco, aos



quais somos chamados a dar novo corpo, através do lar (!?), e que somente assim resgataremos nossos débitos de outras existências. Não entendi patavina.

8 de setembro – Tive um sonho terrível de ontem para hoje. Vi-me à frente de dois jovens, no quais acendera devastadora paixão. Tudo isso eu sentia, compreendia e via no sonho... Eles se rebaixavam, mutuamente, diante de mim, até que um deles sacou da arma, alvejando o outro e suicidando-se em seguida. Depois da cena triste, pareceu-me estar numa grande nuvem a fugir dos dois, ao mesmo tempo que escutava a gritaria de ambos, vociferando contra mim: “Assassina! Assassina!...” Acordei assustada e estou doente. Conte o caso a Tia Emerenciana, e ela declarou acreditar que me tenham voltado à memória minhas vidas passadas, que eu teria provavelmente provocado a morte desses moços, e que o sonho será talvez uma advertência do Plano Espiritual para que eu me decida a recebê-los agora, como filhos, em meu coração e em minha casa... não aceito essas superstições.

1958 – 7 de maio – Sonhei outra vez com os dois rapazes, exterminando-se por minha causa. A conversa sobre filhos foi retomada por Tia Emerenciana e por mim, junto de Alfredo. Meu marido admite a chamada reencarnação e quer filhos. Eu não tolero nem uma coisa, nem outra.

7 de novembro – Não suporto tanta gente a me falar sobre filhos. Detesto!

1960 – 5 de janeiro – Consegui hoje outro aborto. Dona Antônia me confessou que, se eu esperasse, teria gêmeos. Deus me livre!...

1961 – 6 de dezembro – Tenho a idéia de que fiquei muito fraca depois do segundo aborto. Ando triste, acabrunhada... E o terrível sonho voltando sempre...

1963 – 10 de setembro – Meu marido e Tia Emerenciana me levaram a um grupo espírita para ouvir preleções sobre assuntos de reencarnação. Querem que eu refaça minha saúde com sermões. Uma senhora simpática me garantiu que ficarei boa se me decidir a ser mãe, acrescentando que os tais homens que ando vendo em sonho, quase que constantemente, são entidades com quem me comprometi em existências pretéritas e que necessitam de mim para renascem na Terra... Nada sei disso e nem quero saber.

1965 – 9 de junho – Sinto-me nervosa, muito cansada, enfastiada de remédios. E os sonhos agora parecem alucinações permanentes. Às vezes, chego quase a crer que os dois acusadores estão abeirando-se de mim, até mesmo durante o dia... Dizem por aí que me fiz obsidiada e que preciso ser mãe. Conversas!...

1966 – 8 de julho – Tia Emerenciana me comunicou haver recebido mensagem do espírito de minha vovozinha Candora, que me teria enviado um recado assim: “Se você, minha filha, receber os adversários desencarnados nos braços de mãe, abrigando-os por filhos, sua saúde voltará...” Como gostaria de acreditar numa história como esta!

1967 – 8 de maio – Pratiquei outro aborto, mas estou pior, muito perturbada e deprimida...

10 de setembro – Comecei novo tratamento para nervos. Só vejo os homens do sonho na imaginação e escuto vozes por dentro de mim, condenando-me, ameaçando-me...

1968 – 2 de março – Tomarei qualquer espécie de anticoncepcionais. Não quero filhos, decididamente não quero!

1969 – 4 de abril – Estou arrasada. Minha cabeça é um turbilhão. Observo que até os médicos mais amigos não me agüentam mais...

18 de julho – As figuras infelizes e grotescas de meus sonhos não mais me largam. Parecem demônios que se combatem e, depois de lutas tremendas um contra o outro, se voltam contra mim. Coitado do Alfredo!... É um homem aniquilado. Desde que Tia Emerenciana morreu, no ano passado, já não tenho ninguém que me reconforte. Emagreci. Sou hoje uma sombra do que fui...

Mas, o pior de tudo é a cabeça... Oh! Meus Deus, quem me auxiliará a tolerar a bola de angústia e de fogo que carrego nos ombros?..."

Nesse ponto terminaram as observações que nos interessavam, no curioso caderno. Entretanto, já sabíamos o suficiente para socorrer, de algum modo, a senhora M..., em dolorosas crises no hospício, arruinada nas forças orgânicas e mentalmente subjugada por dois implacáveis obsessores – os amados de outro tempo e filhos desditosos que não chegaram a nascer."

REFERÊNCIAS

ANDRÉ LUÍS (ESPÍRITO), F. C. X. Dolorosa Perda. In: (Ed.). **No Mundo Maior**. 1 edição especial. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2010. cap. 10, p.145-158.

ANDRÉ LUÍS (ESPÍRITO), F. C. X. E. W. V. Aborto Criminoso. In: (Ed.). **Evolução em Dois Mundos**. 1 ed. especial. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2002. cap. 14 parte segunda, p.223.

EMMANUEL (ESPÍRITO), F. C. X. Aborto. In: (Ed.). **Vida e Sexo**. 26. Brasília Federação Espírita Brasileira, 1996. cap. 17, p.74-76.

_____. União Infeliz, cap. 9. In: (Ed.). **Vida e Sexo**. 26. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1996.

EMMANUEL (ESPÍRITO), F. C. X. E. W. V. Divórcio _ Suicídio _ Aborto. In: (Ed.). **Leis de Amor**. 1. São Paulo FEESP, v.1, 1963. cap. IV, p.14-18.

IRMÃO X (ESPÍRITO), F. C. X. **Histórias e Anotações**. CEU, 1989.

KARDEC, A. Da Volta do Espírito à Vida Corporal. questão 358. In: (Ed.). **O Livro dos Espíritos**. Brasília Federação Espírita Brasileira, 2006a. p.268.

_____. Direito de Propriedade. Roubo. questão 880. In: (Ed.). **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2006b. p.528.

_____. União da Alma e do Corpo, questão 344. In: (Ed.). **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2006c. p.264.

XAVIER, F. C. **Dos Hippies aos Problemas do Mundo**. São Paulo: FEESP, 1990.





José Roberto Pereira Santos

Aborto e bioética

Bioética: ética da vida. É o estudo sistemático da conduta humana nas áreas das ciências da vida e dos cuidados da saúde, na medida em que esta conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais. (Potter, 1971) Também pode ser definida como um estudo teórico-prático, interdisciplinar, cujo objetivo é responder aos desafios morais que a aplicação da tecnologia traz ao desenvolvimento da vida, à saúde e ao meio ambiente. (Ramos, 2009)

Três áreas contribuíram para a formação da bioética: a experimentação com seres humanos, o emprego da alta tecnologia na prática médica e o uso social da Medicina. Apesar da reflexão bioética não ser matéria nova, a sua realização como disciplina inicia-se na década de 1970, quando os dilemas éticos surgidos pelo desenvolvimento técnico-científico passaram a ser mais discutidos no âmbito da sociedade com a possibilidade de melhorar ou piorar a vida da humanidade. Experiência em seres humanos, engenharia genética, doação de órgãos e transplantes, reprodução assistida, clonagem, congelamento de embriões, uso de células tronco em pesquisa, dentre outras questões, passaram a ser estudadas e debatidas de uma maneira multidisciplinar, envolvendo várias áreas do saber: medicina, biologia, psicologia, direito, sociologia, religião, política, etc. Diante dos novos dilemas as propostas éticas tornaram-se diversificadas e esse pluralismo levou a criação de vários modelos bioéticos que definiram as normas morais que mais se coadunam com os princípios esposados pelos diversos grupos. Abaixo relacionamos alguns dos principais modelos bioéticos do mundo ocidental:

- **Modelo sociobiológico:** Neste a teoria evolucionista de Darwin acaba se harmonizando com o sociologismo de Max Weber e com o sociobiologismo de H.J. Heinsen e E.O. Wilson. (Sgreccia, 2002) Os adeptos desse modelo entendem que os princípios e valores éticos devem acompanhar os costumes de um grupo social em uma determinada época. Para eles, a cultura e a história são prioritárias na formação dos valores. Defendem a tolerância

da pluralidade dos costumes e comportamentos. Se aceita pela sociedade a prática do aborto ou a eutanásia passam a ter legitimidade. O valor da vida humana passa ser temporal e dependente dos costumes sociais e do comportamento da coletividade.

- **Modelo subjetivista ou liberal-radical:** As normas e valores nascem do próprio sujeito. Ele, o Homem, é que decide pelo o que é o certo ou errado, o bem ou o mal, o verdadeiro ou falso em relação às questões morais. Nesse modelo prevalece o princípio da autonomia do sujeito enfatizando a liberdade radical. A decisão é um ato individual e deve ser respeitada. O indivíduo pode decidir entre o viver moralmente e até escolher a morte, se assim o desejar. O sujeito que não tem autonomia própria (embrião, feto, pessoas com deficiência mental, dementes, pacientes em coma) fica prejudicado, pois, para ele não tem uma norma social que o proteja. Aborto, eutanásia, suicídio assistido são práticas aceitas.

- **Modelo pragmático-utilitarista:** Esse modelo prevalece nos países anglo-saxões. A decisão sobre valores usa o critério da utilidade social do indivíduo. Isso está firmado em uma noção que a vida deve ser direcionada para: maximizar o prazer, minimizar a dor expandir os limites das liberdades pessoais. Nesse sentido, pessoa é o ser que tem capacidade de sentir e viver o prazer. Sobrepõe-se o conceito de qualidade de vida em detrimento da dignidade da vida.

Os indivíduos **não** sencientes (que não sentem) não são considerados como pessoas, ou não tem qualidade de vida. A qualidade de vida passa a ser definida na visão do outro (o médico, por exemplo). Embrião até desenvolver o sistema nervoso, pessoas com deficiência (física ou mental), fetos mal formados, pacientes em coma vegetativo, são considerados seres sem qualidade de vida e cujo sofrimento não se justifica. Nesse modelo também são considerados os gastos econômicos para manter um indivíduo sem

perspectiva de uma vida útil. Exemplo de defensor desse modelo é o filósofo Peter Singer, que apesar de defender a vida dos animais, considera justificável o aborto e a eutanásia em determinadas situações. Para ele, bebês em gestação e pacientes em coma não tem qualidade de vida mensurável. (Singer, 2006)

- Modelo Personalista: Proposto por Elio Sgreccia, cardeal italiano e Presidente Emérito da Pontifícia Academia para a Vida. Tem por base a pessoa humana. A pessoa é uma unidade, um todo (unitotalidade), constituída de corpo e espírito. O valor da pessoa independe da normalidade física, pois a dignidade humana não deixa de existir porque a vida física não se manifesta de forma plena. O conceito de pessoa subentende todo ser humano vivo, do zigoto ao velho, mesmo que não tenha possibilidade de exercer toda a sua potencialidade (feto mal-formado), ou que venha a perdê-la (pacientes dementes ou em coma). Os defensores desse modelo não somente respeitam a vida em qualquer circunstância, mas a sua defesa incondicional e sua promoção.

Como a bioética é voltada para o respeito à vida humana, é necessário estabelecer conceitos sobre o que é vida, seu início e o que é pessoa humana. A aplicação dos vários modelos bioéticos pode levar à perda da dignidade e transcendência da pessoa humana, transformando-a em simples objeto.

Há dois tipos principais de conceito de pessoa humana: o ontológico e o existencial. Sob a ótica do primeiro, pessoa é todo ser vivo que tenha “natureza humana”, ou que seja pertencente à espécie humana. Nesse modelo os direitos da pessoa são incondicionais e universais, pois não dependem de nenhuma condição prévia e vale em qualquer lugar onde se encontre. Um feto com malformação ou uma criança com deficiência mental é uma pessoa humana na visão ontológica. O segundo está associado ao conceito de “existência humana”, pois mesmo pertencente à espécie humana só é pessoa quem tiver “existência humana”, ou seja, se viver como se espera que uma pessoa humana viva. Nesse caso a visão de pessoa fica dependendo das circunstâncias, pois se perde a universalidade e incondicionalidade. Essa é a visão dos utilitaristas que abre o caminho para definir o que é pessoa do modo como mais lhes agrada.

A pessoa é única. Todas as pessoas são diferentes (mesmo os gêmeos univitelinos), pois a pessoa humana é composta de diversas dimensões: dimensão biológica (ligada ao seu corpo físico), dimensão psicológica, dimensão social e dimensão espiritual. Essas dimensões juntas tornam a pessoa um ser com uma totalidade e uma dignidade.

Quando começa a vida?

Outro conceito importante para construirmos a nossa reflexão ética é o de vida humana. Para a Bioética, é fundamental o respeito à vida humana. Mas o que designamos vida humana? Segundo os principais livros de Embriologia, a vida humana inicia-se no exato momento da fecundação, quando o gameta masculino e o gameta feminino se unem para formar um novo ser, com um código genético diferente dos seus pais. Nesse momento, origina-se uma nova vida, com patrimônio genético próprio, e, a partir desse momento, essa vida deverá ser respeitada. Este é o primeiro estágio de desenvolvimento de cada um de nós. A experiência mostra que o desenvolvimento humano na sua ontogênese (série de transformações sofridas por um ser desde a sua geração até o completo desenvolvimento) ocorre da mesma maneira, ou seja, a partir da união dos gametas do pai e da mãe.

“No momento em que o espermatozoide ultrapassa a membrana do óvulo inicia-se um processo de desenvolvimento de fatos sucessivos que só terminarão com a morte do novo indivíduo formado. Essa é a definição biológica de um ser vivo: ele se inicia em determinado momento, prossegue continuamente por diferentes etapas próprias de sua história individual, até sua morte. Se não há um início, não haverá um ser vivo” (Cerqueira, 2009)

Além disso, a vida é um processo contínuo, progressivo e coordenado. Contínuo porque se houver interrupção não haverá mais vida e sim a morte. Progressivo porque o processo de desenvolvimento leva a uma complexidade cada vez maior da vida em formação. Coordenado porque o próprio embrião é responsável pelo gerenciamento das etapas de seu desenvolvimento. Seu patrimônio genético coordena as atividades moleculares e celulares, o que confere a cada indivíduo uma identidade genética própria.

Com o surgimento da Fecundação *in vitro* no final da década de 1960, o homem passou a manipular o embrião dando início a era da interferência humana nos destinos do embrião: escolha do sexo, congelamento e descarte de embriões, clonagem, uso de células tronco etc., tornaram-se possibilidades reais. Numa visão utilitarista alguns cientistas, para justificar essas ações, criaram o conceito de pré-embrião, denominação que passou a ser utilizada para o embrião até os 14 dias de vida. Tal alteração teve o único objetivo de libertar a ciência das normas éticas e jurídicas, para permitir o uso do embrião como objeto de pesquisa, coisificando-o. Não satisfeitos, essa mesma corrente de cientistas passou a comparar o embrião com o indivíduo em morte encefálica, explanando que o embrião não tendo



um sistema nervoso formado é um ser inconsciente e isso justifica o seu descarte, alterando mais uma vez o critério do início da vida. A vida passa a ser temporal, ao critério do “saber” da ciência materialista que a cada dia dá uma nova interpretação ao seu início.

A tecnologia na área médica também contribuiu para devassar o ambiente do útero materno. Com o desenvolvimento gradual dos aparelhos de ultrassonografia cada vez mais se observa, com progressiva nitidez, a evolução tridimensional do feto e até mesmos as suas reações ao meio que o cerca. Esses aparelhos que proporcionam intervenções benéficas na evolução da gravidez passam a ser usados numa perspectiva utilitarista de abortar uma gestação problemática, nos casos em que são detectadas malformações fetais. Procura-se então o caminho “mais fácil e menos doloroso” para os pais que não desejam uma gravidez de sofrimento, conforme o modelo social em que estão inseridos e acreditam.

“Os aparelhos de ultrassom nos permitem “ver” a criança dentro do útero em três dimensões. Podemos identificar seus defeitos estruturais confirmando precocemente a existência de malformações fetais.

A biópsia das células da cavidade amniótica dentro do útero nos dão um registro de identidade da criança bem antes dela nascer. Ficam assim, os pais e o médico com a possibilidade de decidir sobre o ônus de continuar ou não a gestação de uma criança que se apresentará com paralisias ou retardo pela vida toda. Precisamos saber, porém, se interromper esta vida não significa perturbar o desenrolar de uma outra vida que transcende as expressões da matéria, para a qual, a deformação física faz parte das suas necessidades. Não há como fazermos esta pergunta para esta criança antes que ela venha ao mundo, mas sabemos que as que estão entre nós, mesmo ferindo suas pernas quando tentam caminhar, contorcendo suas mãos quando tentam escrever ou mastigando as palavras quando tentam falar, estas, mesmo assim, querem viver. E, se possível, de mãos dadas com as suas mães.” (Facure)

Três posturas se sobressaem nas bases bioéticas adotadas no mundo ocidental, inclusive no Brasil: o individualismo, o hedonismo (doutrina moral que considera ser o prazer a finalidade da vida) e o utilitarismo (doutrina que vê no útil o valor supremo da vida). Mesmo que não represente o pensamento da maioria da população desses países, essas correntes ganham força na mídia, na ciência e na política.

Os governos dos países ocidentais com maior poder econômico utilizam de forte pressão nas concepções das políticas sociais dos países menos desenvolvidos, a fim de que eles liberalizem suas legislações sobre a Interrupção

Voluntária da Gravidez. Há também uma pressão política para modificar a legislação desses países para que o aborto seja adotado.

Os EUA e países europeus tentam impor, com isto, sua convicção de que o aborto é um direito do homem, um direito internacional, recomendando, com persistência, que a ausência do acesso ao aborto é uma violação do direito internacional, dos direitos do homem. Países que permanecem contrários ao aborto são divulgados como atrasados e antidemocráticos. Passa-se a noção de que o aborto é uma das soluções para acabar com a miséria no mundo, mas escondem a verdadeira intenção que é o medo que as grandes potências têm do crescimento demográfico de alguns países (NSSM - National Security Study Memorandum 200).(200, 1974)

É o caso do Brasil, onde o governo atual tenta colocar em prática o projeto de liberação do aborto, tornando efetivo o seu programa de governo que descriminaliza o aborto (Trabalhadores), mesmo que a grande maioria da população seja contrária.

Recentemente o Conselho Federal de Medicina do Brasil (CFM) publicou posição favorável ao aborto do feto “por vontade da gestante até a 12ª semana de gestação” (Medicina, 2013) **decisão tomada em uma reunião com** a participação de apenas 28 conselheiros. Ao contrário do anunciado na nota, o tema não foi amplamente debatido entre os 400 mil médicos brasileiros. Em nenhum momento encontramos qualquer notificação do CFM sobre discussão de matéria tão importante para a Medicina e para o ato médico. Alguns Conselhos Regionais ao serem consultados sobre a decisão do CFM mostraram-se igualmente surpresos e contrariados com tal atitude.

O brasileiro é contra o aborto. Não se trata apenas de uma opinião, mas de um fato medido em sucessivas pesquisas de opinião públicas (Paulo, 2010) (Moura, 2010).

O governo e o CFM, com essa postura, estão promovendo uma ação antidemocrática, pois refletem o pensamento de uma minoria que adotando a defesa do direito da mulher de decidir sobre o seu corpo, alicerçada em uma pretensa liberdade e autonomia acaba por promover uma falsa liberdade, pois o mais forte é favorecido em detrimento do mais fraco. Não se pode entender uma Medicina que se posiciona contrariamente a um dos seus principais compromissos que é a preservação da vida, principalmente tratando-se de um ser indefeso.

“No entanto, há pressões internacionais para liberação do aborto no mundo sob o argumento de ser “um direito natural”; porém, o objetivo é chegar ao homem novo livre de crenças consideradas ultrapassadas. A globalização, em uma aparente impessoalidade, exige a submissão

aos propósitos internacionais daqueles que detêm o poder econômico e, para isso, é necessário submeter ao Estado, a família, a procriação e a educação. Passa-se a usar a ideologia do gênero, a ideologia da segurança demográfica, a aparente busca por uma justiça social, negando-se que a lei moral é transgredida. O mal é chamado de bem. (Cerqueira, 2009)

Temos que rever nossas posições éticas e lutar pela preservação da vida, que é um bem maior. Não podemos conceber uma Medicina que mata.

Uma bioética espírita

Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, educador francês, em 1857, codificou uma Doutrina de bases científicas, filosóficas e religiosas. Os princípios dessa doutrina se ancoram na fé raciocinada, pois as suas verdades estão sujeitas ao progresso humano que a própria Ciência promove.

“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” (Kardec, 2010)

O espiritismo tem como base os ensinamentos revelados pelos espíritos que através das obras da codificação nos trazem respostas aos principais problemas filosóficos que desafiam a humanidade: quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Os Espíritos, respondendo a Kardec quando trata das Leis Morais, definem a moral como a regra da boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal.

629. “Que definição se pode dar da moral?

A moral é a regra do bem proceder, isto é de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus.” (Kardec, 2007)

630. “Como se pode distinguir o bem do mal?

O bem é tudo o que é conforme à Lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a Lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.” (Kardec, 2007)

A Ética espírita é uma decorrência da Lei Natural. Os Espíritos superiores, na obra da codificação, nos legou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, como norma de conduta. Segundo o Espírito Manoel P. de Miranda:

“a ética está relacionada com a compreensão da Lei de Deus, que varia de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo, conforme o estágio evolutivo de cada um”. (Miranda, 1995)

Rizzini conceitua a moral sob dois aspectos, a moral pessoal e a moral social.

“A moral pessoal é caracterizada pelo fato do próprio indivíduo delimitar o seu código de conduta, cujo respeito é questão de consciência”. (Rizzini, 1993)

Os princípios fundamentais que norteiam a moral pessoal estão contidos nos ensinamentos de Jesus Cristo: “Não fazer ao próximo aquilo que não queres para ti.” e *“Amai ao próximo como a ti mesmo”*. Este aspecto da moral é universal e intemporal.

“A moral social é o conjunto de normas e regras relativas ao comportamento permitido ou não, aceitas numa época, em certa sociedade. Se por um lado, molestam o indivíduo pelas restrições, por outro, preservam a sociedade em que ele vive: como as pessoas só podem viver em função do grupo, a moral social age como mecanismo de preservação do grupo. Cada comunidade tem seu código moral que varia de acordo com a época. O que era moral na Idade Média (como a escravidão e o duelo) hoje é simplesmente imoral”. (Rizzini, 1993)

Para a Doutrina Espírita a vida é o maior bem para o espírito encarnado e ninguém tem o direito de abreviá-la, nem mesmo o próprio sujeito.

880. “Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal” (Kardec, 2007)

A vida humana não pode ser relativizada. O conceito de pessoa humana não deve ser consequência de determinismo econômico ou político, nem das relações culturais de determinado momento histórico. Vida e pessoa humana são intemporais. No momento da concepção, um novo ser humano está formado, com direito natural à existência.

O Espiritismo defende a evolução contínua e gradual de todos os seres através da filogênese, possibilitando a individualização do princípio espiritual. A sacralidade da Vida origina-se do princípio espiritual, que inicia a biogênese nos cristais, individualizando-se, a cada nova existência, ao longo da escala filogenética.

540. “(...) É assim que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo (...)” (Kardec, 2007)



A pluralidade dos mundos, a reencarnação, o livre arbítrio, a lei da ação e reação (causa e efeito) fazem parte da Justiça Divina, possibilitando-nos correções da rota que foi desviada por inobservância às Leis de Deus. No instante da concepção, o espírito liga-se ao novo corpo para possibilitar oportunidade de evolução em novo projeto existencial, em qualquer corpo que seja. O corpo físico do qual o Espírito se reveste é o adequado para a sua evolução naquela existência (encarnação) e tem relação com a sua historiografia espiritual. Portanto, a reencarnação do Espírito em corpo defeituoso, obedece aos ditames das Leis Divinas, para que o Espírito naquela situação possa se reeducar perante a Lei, resgatando débitos cármicos e, assim continuar seu projeto evolutivo. O objetivo das sucessivas encarnações é o Espírito chegar ao estado de perfeição. O aborto destrói a vida biológica e impede a reencarnação do espírito que habita este corpo desde a fecundação, comprometendo sua evolução espiritual.

132. “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.” (Kardec, 2007)

Essa doutrina compactua com a proposta do modelo de bioética personalista, pois entende como pessoa desde o conceito até o velho; sendo assim respeita os direitos à vida do embrião, do feto mal formado, mesmo que não venha a ter perspectiva de vida fora do útero. O Espiritismo vai além, pois apresenta argumentos insofismáveis, oferece o critério da razão do porque devemos defender a vida e sua dignidade.

“Para a doutrina espírita o valor da pessoa humana está encravada na própria origem da vida, porque só pode se explicada pelo Planejamento Inteligente, que nos leva ao Grande Planejador e a considera-la como um bem outorgado e indisponível... A pessoa tem uma dignidade intrínseca, ontológica, conferida pela presença da alma, elemento imortal, de origem divina, que necessita do corpo físico para aprender e evoluir, em progresso contínuo.” (Nobre, 2003)

A vida, a quem pertence?

“A Doutrina Espírita responde: a vida é um bem outorgado por Deus. Ninguém tem o direito de dispor

dela. A vida do bebê ou do feto não pertence nem à mãe, nem ao pai, nem ao governo, nem ao médico ou equipe médica, nem a ninguém. A vida é um bem indisponível, um presente do Criador para a criatura. Mais nada. Não compete a ninguém interferir neste laço sagrado. O médico espírita sabe muito bem disto e por isso não intervém neste bem fundamental.” (Nobre, 2003)

As obras da codificação juntamente com as obras complementares trazidas por Espíritos de luz nos dão um sentido para explicar a vida, o nosso corpo físico atual, o nosso destino e o compromisso que temos em cada encarnação. A certeza da reencarnação e a lei de ação e reação nos faz compreender a ética da vida.

“A reencarnação, ao trazer a ideia da Justiça Divina, da lei do carma e da evolução moral do espírito imortal, realizável pela pluralidade das existências, revela um processo essencialmente ético que é a busca da virtude na conquista da perfeição de si mesmo, em um processo transcendente de identificação espiritual com o Criador. Assim, a reencarnação encerra em si mesma uma referência ética genuína. Ela modifica em profundidade o significado da vida e da existência, do bem, do livre-arbítrio, da não maleficência e da justiça, permitindo que o homem busque a beleza e a verdade expressas naquilo que é eterno e essencial. A reencarnação responsabiliza o ser humano pelos seus atos, permitindo-lhe a expiação e a reparação dos erros pretéritos. Enfim, a reencarnação dá novo significado à Ética, que passa a ser vista como o supremo bem a ser conquistado pelo espírito imortal ao longo das vidas. A crença na reencarnação necessariamente modifica o pensamento e a conduta humana.” (Ribeiro, 2009)

A ética deve ser orientada para o bem comum, para a elevação da humanidade a um patamar de um mundo melhor o onde o bem prevaleça sobre o mal. É importante que as nossas ações sejam inspiradas em um projeto de realizações de quem conhece ou tem intuição das leis da vida, buscando sempre uma conduta direcionada para o Bem, o aprimoramento espiritual, o autodomínio. Conhecedores das consequências futuras dos nossos atos, da lei de ação e reação, não podemos mais dar margens às inclinações sensuais e ao egocentrismo. O aborto vai contra essa evolução e, quando praticado, compromete a nossa paz e a paz do mundo. Nossa luta, portanto, é pela união definitiva entre Ciência e Espiritualidade, sobretudo, para que façamos ciência que tenha como objetivo glorificar a Deus, pois é o único caminho para termos a paz duradoura entre os homens.

“Homem que choras, escravo da dor, lembra-te que és romeiro da estrada da vida e que a felicidade da longa jornada que empreendeste consiste na purificação do teu espírito. Tu és peregrino neste mundo e nele encontrarás abrigo. Tua existência terrestre é como um trem que, rápido, percorre um túnel, em busca do sol que brilha do outro lado. Acredita que lágrimas idênticas às que derramas, de outros olhos já fizeste correr; os teus soluços são ecos de soluços que se extinguiram no roldão das coisas passadas. Nasces na Terra para preparar a tua entrada em um mundo melhor, onde o mal não tem guarida. Portanto, homem que choras escravizado à dor, lava nas águas do teu pranto o labéu do passado que manténs na tua consciência e embebe nas tuas lágrimas a esponja da coragem, procurando apagar o estigma que te deixaram os desatinos de outrora, quando cavaleiro da quimera, te deixaste empolgar por miragens... Lapida o teu espírito nas arestas do sofrimento e será feliz. Conformar-te com a companhia imponderável da dor; sê resignado e procura compreender a razão do teu sofrimento e tu terás, esperança e serás feliz”. (Rizzini, 1988)

REFERÊNCIAS

200, N. S. S. M. N. **Implications of Worldwide Population Growth For U.S. Security and Overseas Interests.** COUNCIL, N. S. Washington, DC: 123 p. 1974.

CERQUEIRA, E. K. **Bioética pessoa e vida.** Difusão Editora, 2009.

FACURE, N. O. **A Bioética e o Paradigma Espírita.** <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geeu/a-bioetica.html>.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos.** Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2007. 647 ISBN 978-85-7328-390-7.

_____. **A Gênese.** Araraquara-SP: IDE editora, 2010. ISBN 978-85-7341-388-5.

MEDICINA, C. F. D. CFM Esclarece posicao em favor da autonomia da mulher em caso de interrupcao da gestacao. http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23663:cfm-esclarece-posicao-a-favor-da-autonomia-da-mulher-no-caso-de-interrupcao-da-gestacao&catid=3, 2013. Disponível em: < http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23663:cfm-esclarece-posicao-a-favor-da-autonomia-da-mulher-no-caso-de-interrupcao-da-gestacao&catid=3 >. Acesso em: 21/03/2013.

MIRANDA, P. M. P. D. **Projeto Manoel Philomeno de Miranda.** LEAL Editora, 1995.

MOURA, W. 73,5 % da população contra legalizar o aborto. 2010. Disponível em: <http://diasimdiatambem.com/2010/02/01/735-da-populacao-contra-legalizar-aborto/>. Acesso em: 26/04/2013.

NOBRE, M. **A Alma da Matéria.** FE Editora, 2003.

PAULO, F. D. S. Aumenta a rejeição ao aborto no Brasil. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1110201003.htm>.

POTTER, V. R. **Bioethics: bridge to the future.** . Prentice-Hall, 1971.

RAMOS, D. L. D. P. **Bioética da Pessoa e da Vida.** Difusão Editora, 2009.

RIBEIRO, A. B. **Folha Espírita.** São Paulo. 423 2009.

RIZZINI, C. D. T. **O Homem e Sua Felicidade.** São Paulo: Editora Correio Fraterno do ABC, 1988.

_____. **Evolução para o Terceiro Milênio.** Brasília-DF: EDICEL, 1993.

SGRECCIA, E. **Manual de Bioética I – Fundamentos e ética biomédica.** Edições Loyola, 2002.

SINGER, P. **Ética Prática.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

TRABALHADORES, P. D. Cartilha do Programa de Governo 2011-2012. Disponível em: <http://www.population-security.org/11-CH3.html>.

*JOSÉ ROBERTO PEREIRA SANTOS

- Médico com especialização em Medicina Interna, Reumatologia e Medicina Intensiva.
- Diretor Científico da AMEEES (Associação Médico-Espírita do Estado do Espírito Santo).
- Membro da Comissão de Bioética da AME-Brasil.
- Presidente da Sociedade de Reumatologia do Estado do Espírito Santo 2007/2008 ; 2011/ 2012; 2013/2014.
- Ex. 2º secretário, 1º secretário e Vice-Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Espírito Santo 1993/1998.
- Coordenador Médico da UTI Adulto do Centro Médico Hospitalar de Vila Velha - Vila Velha – ES.



Weimar Muniz de Oliveira

Razões Jurídicas, Médicas e Espirituais contra o abortoamento

1- O direito do ser humano à vida é um direito indisponível, desde a concepção, a partir do momento em que o espermatozóide penetra no óvulo, fertilizando-o.

Esse direito é defensável cientificamente, seja no campo jurídico, seja no campo da ciência médica.

Os argumentos jurídicos, no campo do direito, são mais que suficientes a nos convencer da impropriedade e injustiça do aborto, em qualquer das hipóteses, mesmo os tipificados no art. 128, I e II, do Código Penal vigente, seja o aborto necessário, no caso de sério risco de vida da gestante ou no resultante de estupro.

2 - O Código Civil atual, de 2002, ao reconhecer, a partir da concepção, os direitos do nascituro, prescreve, no art. 2º: *“A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro”*.

Como se percebe, **a própria lei considera, desde a concepção, o nascituro como sujeito de direitos**, dando-lhe garantia e proteção jurídicas, nomeando-se-lhe curador à lide nos casos concretos. Conta ainda com a vigilância do Min. Público, podendo ser reconhecido por escritura pública ou por testamento, ato que se consuma quando nasce com vida.

3 - O art. 5º, *caput*, do Cap. I, dos Direitos e Garantias Individuais, da Constituição de 1988, inscreve o cânone da “inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...”, que, *ipso facto*, **estende-se, indubitavelmente, ao indivíduo em**

formação no claustro materno, desde o momento da concepção. Daí, como consequência, o natural efeito da ab-rogação do art. 128, I e II, do estatuto penal, alijando-o da norma infraconstitucional. Porém, não obstante essa realidade jurídica, o indesejável dispositivo de nossa lei penal continua sendo aplicado por inúmeros colegas em nossa estremecida Pátria.

Essa mesma opinião é partilhada por Ives Gandra da Silva Martins, que assevera: *“A lei penal, que permitia o aborto em duas hipóteses (estupro e perigo de vida para a mãe), não foi recepcionada pela Constituição de 1988”*, citando também o art. 5º, *caput*, da Carta Magna, que garante a “inviolabilidade do direito à vida.”

Zalmino Zimmerman, o primeiro presidente da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), a seu turno, em trabalho encomendado pela FEB (Zimmerman, 2007), enfatiza que para a legalização do aborto no Brasil: “Só restaria a hipótese de uma emenda constitucional. Todavia, o art. 60, § 4º, da Constituição, impede totalmente a deliberação em torno de qualquer proposta de emenda tendente a abolir “os direitos e garantias individuais”, citando, por sua vez, Ives Gandra Martins, que assevera que o nascituro *“não pode ser condenado à morte por lei ordinária.”*

4 – Abra-se um parêntese, para nos referir, *data venia*, à fala do eminente Ministro Carlos Ayres de Brito, do Supremo Tribunal Federal, quando disse: *“A constituição brasileira não diz quando começa a vida humana. Não dispõe sobre nenhuma das formas de vida humana pré-natal. Quando fala da dignidade da pessoa humana*

é sempre de um ser humano já nascido. Trata-se de uma constituição que, sobre o início da vida humana, é de um silêncio de morte.”

Não ficou bem explícito o que é que sua excelência quis dizer. Mas, se quis dizer que o nascituro só teria direito à garantia constitucional quanto à defesa de sua vida, se a Constituição Federal de 1988 tivesse sido expressa, seria de se lembrar ao ilustre Ministro o disposto no artigo 5º, inciso LXXVII, § 2º, de nossa Carta Política, que preceitua: **“Os direitos e garantias expressas nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.”**

Coincidentemente, é de ser lembrado, a respeito, o **Tratado Interamericano de Direitos Humanos**, promulgado em São José da Costa Rica e ratificado por todos os países da América Latina, incluindo o Brasil, em novembro de 1969, que tem o seguinte enunciado: **O reconhecimento do direito à vida e a personalidade jurídica do ser humano desde o momento da concepção.**

Eis a síntese do Tratado Interamericano de Direitos Humanos, no que toca nascituro:

“Artigo I – Para efeito desta convenção, pessoa é todo ser humano. Artigo 3 – Toda pessoa tem direito ao reconhecimento de sua personalidade. Artigo 4 – Toda pessoa tem direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido pela lei, em geral, **do momento da concepção**. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente.”

Tudo isso quer significar que, além do disposto no artigo supra, que, implicitamente, adota todos os direitos tendentes à dignidade da pessoa humana, ainda ostenta, **quanto ao ser concebido**, uma importantíssima posição jurídica e moral dos povos latinos das três Américas!

5 – No que tange ao abortamento do anencéfalo, que, pelos exames de ultra-sonografia, se comprove que nasceria sem cérebro ou com seus componentes danificados, de tal sorte que não sobreviveria após o nascimento, a questão se reveste da mesma ilegalidade, à luz do direito brasileiro, constituindo-se em um assassinato, hediondo e covarde, de quem não tem como se defender.

Não há, pois, dúvida de que o aborto, em qualquer das hipóteses, inclusive as previstas na lei penal, é crime. Insere-se, portanto, no elenco dos crimes contra a pessoa, (Parte Especial, Título I, Capítulo I), de nosso estatuto penal: homicídio, infanticídio, aborto, etc.

6 - A lei escrita dos povos ditos civilizados, ou direito positivo, haverá de, pouco a pouco, ir se adequando ao direito natural, ou imanente, ínsito na consciência do ser humano. No que respeita à vida, doação divina, a questão do direito à vida se avulta ainda mais, situando-se no topo dos direitos naturais. As leis que o regem e regulam são leis supra-estatais, acima do Estado. Assim conceitua Pontes de Miranda o direito à vida: **“Não existe conforme o cria ou regula a lei; existe a despeito das leis que pretendem modificar ou conceituar. Não resulta das leis, precede-as; não têm o conteúdo que elas lhes dão, recebe do direito das gentes.”**

7 - A vida, no estágio da inteligência, caminhará por eras incontáveis, informa a ciência.

Nossa caminhada evolutiva, através dos reinos da Natureza, até à razão, ascende à cifra ciclópica de 3 bilhões e 800 milhões de anos, segundo os dados da ciência (Geologia, Biologia e Paleontologia).

“É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo...”(André Luís (Espírito), 2003) .

De acordo com os geneticistas, a vida já se manifesta desde o zigoto, ou célula-ovo, ou seja, desde a concepção, quando da fertilização do óvulo pelo espermatozóide, em que o ser evolui, num **continuum**: zigoto, embrião, feto, bebê, criança, jovem, adulto, velho. Desde o zigoto o DNA, marca da individualidade do ser, no corpo físico e extrafísico, já está delineada.

No zigoto, ou ovo fertilizado, através do DNA, estão os germens de sua evolução fisiológica, até que ocorra o nascimento, repetindo, na gestação, via da ontogênese, toda a sua evolução filogenética de bilhões de anos. Daí poder-se afirmar que a ontogênese rememora a filogênese.



BIOÉTICA ESPÍRITA

“Sabemos que ontogênese recapitula a filogênese. Do zigoto ao feto, o ser parte de uma única célula, para a extraordinária complexidade multicelular do surpreendente recém-nascido, passando nas primeiras semanas do desenvolvimento embrionário por todas as etapas principais que atravessou: ser unicelular, peixe, anfíbio, réptil, ave, e, finalmente, mamífero superior”, informa Marlene Nobre (Nobre, 2000).

“Toda a embriogênese obedece ao molde do Espírito, o perispírito (MOB). De estrutura tetrádica, nele está registrada a súpula das fases evolutivas pelas quais transitou a espécie, no passado, até chegar à época atual. Na verdade, é o perispírito (MOB) que guarda a forma específica de cada ser. Segundo Hernane Guimarães Andrade: “Ao efetuar sua ligação com o ovo – organismo monocelular – o MOB inicia a recapitulação da história de sua espécie, nele gravada em forma de estruturas espaço-tempo sucessivas. A estrutura espaço-tempo total do MOB apresenta uma organização definida e característica para cada espécie viva” (Andrade, 1993).

8- Pondere-se, outrossim, que somos uma nação cristã. Não obstante as diversas denominações, nosso “guia e modelo” (Kardec, 2007) é Jesus Cristo.

Qual seria a posição de Jesus no caso em tela? Optaria pelo abortamento ou aconselharia que o ser reencarnante, embora mutilado, viesse à luz?!



No dia em que a humanidade puder entender a dinâmica da vida; da alma, que, desde a conquista da razão, estua e vibra em todo o Universo; que, em *status* de imortalidade, preexiste ao berço e subsiste ao túmulo, estando no corpo ou fora dele, não mais haverá atos tão deploráveis, em que um ser humano, impossibilitado de se defender, é coagido, violentamente, a sair da vida física e retornar ao estado de espírito, na erraticidade.

O pretendente a uma nova encarnação, que retorna à liça terrena, desfruta venturosa oportunidade de pacificar sua consciência, quitando-se perante a lei divina, que lesara, em momentos de insensatez, em vidas pregressas, alegra-se quando tem êxito e se entristece quando não o tem. É justamente um grande arrependimento e um pertinaz remorso que o leva a candidatar-se a renascimento tão doloroso, como expiação e prova para si mesmo e para os pais, comparsas, quase sempre, das mesmas quedas ou delitos. É através do corpo físico, em nova experiência, que tem ele o ensejo de resgatar sua integridade perispiritual. Daí porque o corpo deve ser o instrumento que há de lhe propiciar os meios para a tão almejada libertação.

9- Sabe-se que, praticado o aborto, **salvo a hipótese de iminente risco à vida da gestante**, o espírito reencarnante que perdera a oportunidade de resgate de suas faltas pretéritas, revolta-se, tenazmente, contra os que, de uma maneira ou de outra, concorreram para que o delito se consumasse.

Sobre o assunto, assim respondeu Chico Xavier à pergunta que se lhe fez, em programa de TV, em 1971:

“A Situação do espírito que passa por um aborto dependerá em muito de suas condições mentais e das conquistas que já conseguiu ao longo dos séculos.

Há espíritos que desencarnam em estado de grande revolta. Nesses casos, imbuídos da ideia de vingança, esses espíritos recusam-se a toda espécie de auxílio dos Benfeitores Espirituais para obsediarem as mães, pais ou profissionais que concorreram para seu desencarne. Outros, porém, apesar da situação dolorosa por que passaram, retornam às colônias espirituais onde se submetem a tratamentos intensivos e trabalhosos e aguardam nova oportunidade de reencarne...”(Xavier, 1994)

10- Por último, o espírita não aprova a estranha declaração do Conselho Federal de Medicina, por seu ilustre presidente, quando afirmou que a mulher tem vontade livre e autônoma para dispor de seu corpo, inclusive no caso de interrupção da gravidez.

De fato, no âmbito da lei universal de ação e reação, a mulher pode, no exercício de seu livre arbítrio, interromper a gestação, e praticar o aborto, respondendo, porém, pelas consequências daí advindas. Não pode, contudo, dispor do corpo de outrem, **mesmo que esteja ainda em formação, a partir do momento da concepção**, sob pena de praticar o hediondo crime da espécie.

Assim, por razões de ordem jurídica, médica e espiritual, o espírita e, creio, os espiritualistas em geral, não podem abonar a pretensão do Projeto do novo Código Penal Brasileiro, de descriminalização do aborto, em qualquer das hipóteses.

Pelo contrário, rechaçam-na, vigorosa e intransigentemente!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. G. Pensamento. In: (Ed.). **Espírito, Perispírito e Alma**. São Paulo: Pensamento, 1993. cap. IX, p.216-220.

ANDRÉ LUÍS (ESPÍRITO), F. C. X. **Evolução em Dois Mundos**. Brasília: FEB Editora, 2003. ISBN 9788573283396.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2007. 647 ISBN 978-85-7328-390-7.

NOBRE, M. O Clamor da Vida. In: (Ed.), 2000. cap. 5, p.126.

XAVIER, F. C. Plantão de Respostas. In: (Ed.). **Pinga Fogo II**. São Paulo CEU, 1994. p.15-16.

ZIMMERMAN, Z. **O Direito à Vida no Ordenamento Jurídico Brasileiro**. Recanto das Letras 2007.





Carlos Roberto de Souza Oliveira

Vida intrauterina e psiquismo fetal

“Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos permite saber”.

Sigmund Freud (Freud, 1987)

INTRODUÇÃO

O estudo do psiquismo fetal realizado de modo sistemático e científico é muito recente. Desde muitos anos especula-se a respeito da capacidade sensitiva e cognitiva do feto humano. Por muito tempo se acreditou que o feto estaria totalmente protegido no útero materno, como se estivesse num paraíso e, neste período, tudo o que acontecia associava-se a experiências agradáveis de calor, aconchego, proteção e prazer. Até bem pouco tempo, admitia-se que a independência do feto surgia com o seu nascimento quando, então, dava-se a *cesura* do cordão umbilical, ou seja, ao perder a segurança uterina, e tendo que procurar por si mesmo o oxigênio e os nutrientes para o seu desenvolvimento e sobrevivência.

Historicamente, as diferentes abordagens e representações da grávida e seu conceito influenciaram discussões morais, legais e religiosas sobre a situação real do feto, principalmente sobre a existência ou não da “alma” antes do nascimento. Na antiguidade, os egípcios, por exemplo, sabiam que o feto se movia antes de nascer. O médico hindu Susruta (século VI a. C.) propunha que o feto de 12 semanas era capaz de perceber seu meio, e já aos 6 meses, afirmava ele, tinha “intelecto”. Já Hipócrates afirmava que os movimentos fetais iniciavam-se entre 70 e 90 dias após a concepção

e Platão reconhecia o feto como um ser vivo, se movimentando e se alimentando no interior do ventre materno. Posteriormente, Leonardo da Vinci estudou as influências maternas sobre o feto, afirmando que os dois corpos eram governados por uma única alma. (Quayle, 2006) Foi com o aparecimento das modernas técnicas de diagnóstico pré-natal, principalmente a ultrassonografia e monitorização fetal, que possibilitou o acesso direto ao feto ou a sua imagem, conferindo maior credibilidade aos achados, bem como, permitiu acompanhar seu desenvolvimento embriológico e fetal, avaliando seu comportamento intrauterino em resposta a diversos estímulos biológicos e ambientais como luminosidade, som, emoções materna, dor, ameaças diretas, etc. Longe das antigas crendices e especulações sobre a vida do feto, a sofisticação tecnocientífica das últimas décadas na área do diagnóstico pré-natal permitiu aos pesquisadores investigar o comportamento fetal e reconhecer uma interação entre vida intra e pós-uterina muito maior do que se imaginava. O progresso da tecnologia médica coloca hoje a nossa disposição instrumentos e máquinas que permitem, graças a exames não invasivos e, portanto muito preciso, de praticar observações que antes eram impossíveis. Os ultrassons constituem a base desses exames graças os quais se podem medir os movimentos, os batimentos

cardíacos ou ainda apreciar o estado, calmo ou agitado, do feto (Relier, 1993). Segundo a psicanalista Alessandra Piontelli, (Piontelli, 1995) “*o advento do ultrassom revolucionou o estudo da motilidade e da vida fetal, uma vez que permitiu a observação do feto não perturbado, dentro do seu ambiente natural*”, e as imagens nos revelam o emergir de comportamento independente já na sexta ou sétima semana de gestação. Para Souza-Dias (Souza-Dias, 1996) “*hoje sabemos que o feto é um ser humano, que reage a diversas classes de estímulos, como os de pressão, de toque e de dor; busca posição preferencial, move-se de um lado para o outro, sorri, boceja, esfrega as mãos e os pés, chupa o dedo, dorme, acorda, tem movimentos respiratórios e soluços*”. Ficou demonstrado que as suas atividades não são desprovidas de objetivos; a deglutição tem função nutritiva, bem como regula o volume do referido líquido; os movimentos são importantes para o desenvolvimento de articulações e ossos. As experiências sensoriais, inclusive essas derivadas do próprio movimento, são vitais para o desenvolvimento do cérebro.

DESENVOLVIMENTO CEREBRAL

A biologia evolutiva trouxe valiosas contribuições que permitiram a possibilidade de se pensar a vida psíquica do feto e do recém-nascido como tendo uma característica totalmente própria na sua forma de relação consigo, com o meio, numa forma de consciência do self e do não-self na ausência do universo simbólico, pois este só será adquirido no momento em que entram em funcionamento as estruturas do córtex cerebral, principalmente do córtex pré-frontal.

O desenvolvimento cerebral, que ocorre até as primeiras duas décadas de vida, tem no período fetal e na infância suas etapas mais significativas. A neurogênese, que é o processo de formação do sistema nervoso, chamado de *indução neural*, sendo comandada por um conjunto de moléculas ativadas gradativamente, constituindo vias específicas de sinalização, que coordenam o desenvolvimento como um todo, sendo reguladas de tal forma que as células proliferam e diferenciam-se no tempo e na localização corretos para gerar uma estrutura organizada com grande capacidade de adaptação e plasticidade.

A sensibilidade cutânea é a primeira que se desenvolve e os nervos e os músculos já apresentam atividade no início da gestação, evidenciando uma resposta motora

reflexa entre seis e sete semanas após a concepção, apresentando um padrão cíclico, embora as gestantes só passem a senti-la entre a 16ª e a 21ª semana. Com um mês e meio de gestação, embora a rede de conexões neurais não esteja fechada, já se detecta função cerebral que culminará em atividade motora e sensibilidade fetal e, até a oitava semana de gestação, quando termina o período embrionário e começa o fetal, serão formadas as estruturas básicas do sistema nervoso central. As pesquisas demonstram que o feto não é um ser passivo, mas que, efetivamente, interage com seu meio através de atividades que refletem objetivos preparando-o, de uma certa forma, para a vida extrauterina. Como afirma o pesquisador e neurologista austríaco Heinz Prechtl, que os estudos realizados a partir da década de 80 apontam “*a impressionante continuidade de funções neurais da vida pré-natal à pós-natal*”, continuidade esta devido à “*ampla gama de funções previamente adaptadas que emergem no decorrer da vida pré-natal, sobretudo durante a primeira metade da gestação*” (Prechtl, 1984), permitindo ao feto, gradativamente, controlar seus movimentos e esboçar reações precisas.

DOR FETAL

A grande dúvida sobre se o feto sente ou não dor tem merecido a atenção e discussão dos especialistas ao longo dos tempos e, embora sejam muitas as teorias lançadas, só recentemente a ciência deu uma resposta concreta a esta questão, segundo a qual a existência de dor às 22 semanas de gestação é uma evidência. E antes? Um trabalho pioneiro com grande impacto científico a nível mundial, feito pela médica portuguesa Jerónima Teixeira, (Teixeira, Glover *et al.*, 1999) defende que às dez semanas o feto já sente dor. É a questão que se coloca a seguir. “A partir das cinco semanas há sensibilidade ao toque e fortes possibilidades do feto sentir dor”, responde Jerónima Teixeira, cuja tese de doutorado, efetuada no Imperial College, em Londres, teve como base a dor fetal.

Através deste trabalho pioneiro, a especialista certificou-se de uma crença antiga: os fetos reagem à dor de forma semelhante aos adultos. “*Não há um método único, universal e objetivo de medir a dor. O que sabemos é que quando um ser humano é sujeito a ela, há certas alterações fisiológicas no seu organismo*”, explica. O aumento da frequência cardíaca, o aumento de secreção dos hormônios do stress e a redistribuição do fluxo sanguíneo são reações possíveis à dor no adulto,



assim como no feto. Com uma diferença: “No adulto o aumento da secreção dos hormônios do stress é de 80 por cento, no feto é de 500 por cento”, adverte Jerônima Teixeira. “O estímulo tem potencialidade de causar mais dor no feto porque as suas fibras inibitórias da dor, que diminuem a atividade neuronal, estão numa fase de desenvolvimento precoce”, explica a especialista, que embora tenha testado a dor em fetos entre às 12 e às 16 semanas de gestação, não tem dúvidas: “A dor aparece muito antes.”

O aumento da frequência cardíaca fetal pode indicar desconforto e dor, por isso os batimentos cardíacos são importantes marcadores do comportamento e da saúde do embrião e, posteriormente, do feto. Alguns autores repudiam a noção de dor fetal antes das 24 semanas com base no fato de que os bebês em gestação não têm uma conexão completa de nervos com o córtex cerebral antes das 24 semanas. Mas, para a Dra. Mary Spaulding Balch, diretora de legislação estadual para o Comitê Nacional de Direito à Vida (CNDV), (Moura, 2010) a maioria ignora o estudo de grande influência de 2007 da revista médica Behavioral and Brain Sciences (Ciências Comportamentais e Cerebrais) intitulado “Consciência sem um córtex cerebral”. De acordo com esse estudo até mesmo “crianças que não têm virtualmente nada do córtex cerebral experimentam dor”, disse ela. “Ironicamente, o artigo admite a evidência de que

com 20 semanas receptores de dor estão presentes em toda a pele do bebê em gestação”, continuou ela, “que esses receptores estão ligados mediante nervos ao tálamo e a lâmina subcortical, e que essas crianças coordenaram reações aversivas a estímulos dolorosos, experimentando mais hormônios de estresse com isso”.

Paul Tully, secretário geral da Sociedade para a Proteção das Crianças em Gestação (SPCG), (Craine, 2010) com sede em Londres, observou que o limite de 24 semanas no aborto social é uma “tentativa de desviar a atenção do assunto principal” em qualquer caso e, segundo ele, a sugestão de que os médicos que realizam abortos não estão causando a dor da criança ao matá-la é simplesmente “um modo de negar que o que eles estão fazendo é maligno e eles sabem disso”, aliás, sabem melhor do que a maioria das pessoas como esses bebês são maravilhosos, sensíveis, complexos e belos em toda a fase do desenvolvimento da concepção em diante. Conclui o Dr. Tully que “A vida não começa na metade da gravidez; começa na concepção”.

ASPECTOS PSÍQUICOS E COMPORTAMENTAIS DO FETO

Estudos experimentais realizados com fetos evidenciam a capacidade precoce de perceber e memorizar estímulos a partir da primeira metade de vida intrauterina. Para o psiquiatra canadense Thomas Verry, o feto é capaz de experimentar sentimentos

de caráter fisiológico, como temor e ansiedade, desencadeados pela liberação de catecolaminas no sangue. No livro *A vida Secreta da Criança Antes de Nascer*, o doutor Verny cita um caso que mostra fortes evidências de um psiquismo independente no feto. É o caso do bebê Kristina que revelou um comportamento muito estranho, pois, recusava-se a mamar no seio da mãe e aceitava o seio de outras mães, rejeitando o alimento materno. A mãe não sabia explicar a razão de tal comportamento, porém, quando perguntada se ela tinha desejado esta gravidez, respondeu que não, que queria abortar porém, manteve-a por desejo do marido. Conclui acentuadamente o doutor Verny que “ela havia percebido há muito tempo a rejeição de sua mãe e recusava-se a formar a ligação com esta, após o nascimento. Afetivamente rejeitada no útero, Kristina, com apenas quatro dias de vida e inteiramente dependente, estava firmemente decidida a rejeitar a sua mãe” (Verny e Kelly, 1993). O doutor Stuart Campbell, diretor do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Unidade de Medicina Fetal do Hospital de St. George, em Londres, observou, através de um scanner 4D, imagens detalhadas em 3D dentro do útero, onde os bebês se moviam em tempo real, começavam a mover os dedos em 15 semanas, bocejar com 18 semanas e sorriam, piscavam e choravam com 26 semanas.

Um importante estudo observacional e psicanalítico feito pela médica, psicoterapeuta infantil e psicanalista italiana Alessandra Piontelli (Piontelli, 1995), teve como objetivo estudar preliminarmente a vida pré-natal e seu impacto sobre o desenvolvimento futuro do indivíduo. O estudo foi realizado através da observação ultrassonográfica de fetos a partir da 16ª semana e continuou com um acompanhamento pós-parto em seu ambiente familiar, com um mínimo de interferência possível. Foram selecionadas onze gestações, três singulares e quatro gemelares, e ainda seis atendimentos a crianças que embora não tenham sido observadas em seu estado fetal, sua gestação e parto foram relatados pelos pais. Os casos observados tiveram um acompanhamento psicanalítico das crianças por dois a cinco anos. O resultado sugere a existência de continuidade em aspectos da vida pré e pós-natal. A previsibilidade de alguns comportamentos se reporta a idade fetal e alguns relatos são de grande dramaticidade.

Sobre o trabalho da doutora Piontelli, relata a doutora Marlene Nobre, no livro **A Vida Contra o Aborto**, (Nobre, 2005) referindo-se ao estudo comportamental de

um casal de gêmeos bivitelinos, ou seja, formado por dois óvulos distintos: *“Na ecografia, observou que a menina era expansiva, buscava o contato com o irmão, mas este retraía-se e enfiava a cabeça na placenta ou tapava o rosto com as mãos, fugindo dela. Com base nesse comportamento, a Dra. Piontelli previu que a menina seria agitada, nervosa, enquanto que o irmãozinho seria de temperamento retraído e acanhado. Para espanto da mãe, após o nascimento, tudo se confirmou: realmente ele era do tipo quieto e a menina mais irrequieta. Com suas observações, a psicanalista aclarou muitos aspectos da personalidade dos fetos observados durante as suas pesquisas, antes mesmo do nascimento. Via-os chupando o dedo, espreguiçando-se, esfregando os pezinhos e as mãozinhas, coçando-se, enfim, aproveitando a liberdade de movimentos dentro do líquido amniótico. Cada feto apresentava um comportamento muito próprio, tinha o seu feitio. A Dra. Piontelli assinalava o traço marcante de cada um, se era calmo, nervoso, pensativo ou se trazia, por exemplo, a característica de uma bailarina. Ela acompanhou-os não apenas durante o período pré-natal, mas também no decorrer do primeiro ano de vida e muitos até completarem cinco anos. E pôde constatar que o padrão de comportamento se confirmava em todos os casos, no decorrer do seu desenvolvimento. Verificou-se que, cada feto, assim como cada recém-nascido, é um ser altamente individualizado. Não é de modo algum uma tábua rasa, como se poderia supor, esperando ser moldado, exclusivamente pelo meio ambiente. Tem vida emocional própria: experimenta prazer e desprazer, dor, tristeza, angústia ou bem-estar e tem um relacionamento intenso com sua mãe, sendo capaz de captar os seus estados emocionais e sentir quais os sentimentos de afetividade dela em relação a ele”*. Há relatos contundentes de crianças com sérias dificuldades de adaptação à vida no mundo exterior ao útero, exigindo tratamento contínuo. Os pais muitas vezes interrompiam o tratamento por motivos diversos, seja por estarem satisfeitos com o resultado obtido, por mudança de residência, tratamento de saúde de um dos cônjuges ou mesmo após optarem pela concepção de outro filho. O tempo mínimo de tratamento dos casos observados foi de dois anos. Suas conclusões são de que parece haver realmente uma relação muito estreita entre o comportamento fetal, e aquele durante o desenvolvimento do indivíduo. Também descarta esta



influência em casos atendidos onde a psicopatia não teria origem na sua vida fetal. Pelos relatos percebemos que parece existir uma individualidade já na vida fetal, mais fácil de perceber nas gestações gemelares. Nota-se a necessidade que alguns fetos sentem de ter seu espaço não compartilhado enquanto outros aceitam de bom grado a convivência com o irmão. Outras diferenças notáveis são aquelas em que percebemos o que o útero representa para alguns bebês – ou um lugar ideal ao qual deseja voltar ou o extremo oposto, um lugar perigoso cheio de ameaças.

O feto é sensível a sons agudos e vibrações intensas, mas também sofre se a mãe está doente, exausta ou intoxicada. Quando o embrião se aninha no útero, tendo seu corpo alimentado pela mãe, como se fosse um de seus órgãos, a sensação de bem-estar é produzida pelos sentimentos de prazer e alegria que a mãe possa estar vivendo. Da mesma forma, se a mãe está triste e estressada, tais sensações podem ser comunicadas para o feto. O meio ambiente do feto é rico em estimulação acústica proveniente do interior do corpo da mãe através do seu comer, beber, respirar, dos batimentos cardíacos, de suas vocalizações e dos ruídos ambientais atenuados. Porém, o som mais frequente que o feto ouve é o da pulsação da principal artéria abdominal e o segundo mais frequente é o da voz da mãe. A importância da experiência auditiva pré-natal tem sido demonstrada pelos estudos conhecidos do pesquisador americano Anthony DeCasper e seus colaboradores (DeCasper e Fifer, 1980) que provaram a preferência do bebê pela voz familiar de sua mãe, o efeito tranquilizador da exposição ao som dos batimentos cardíacos da mesma após o nascimento e a preferência revelada pelo bebê para ouvir o som de histórias familiares que haviam sido lidas por sua mãe antes do nascimento.

Estas descobertas evidenciam a grande responsabilidade que os pais e familiares têm em manter um ambiente harmônico no lar, principalmente nas primeiras semanas da gestação, fato este relatado no livro *Entre a Terra e o Céu*, do autor espiritual André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, descrevendo parte do processo reencarnatório de Júlio: *“A corrente de troca entre mãe e filho não se circunscreve à alimentação de natureza material; estende-se ao intercâmbio constante das sensações diversas. Os pensamentos de Zulmira guardam imensa força sobre Júlio, tanto quanto os de Júlio revelam expressivo poder sobre a nova mãezinha. As mentes*

de um e de outro como que se justapoem, mantendo-se em permanente comunhão, até que a Natureza complete o serviço que lhe cabe no tempo.(...) Certos estados íntimos da mulher alcançam, de algum modo, o princípio fetal, marcando-o para a existência inteira. (André Luís (Espírito), 2010a). Outro relato espiritual importante sobre a influência dos sentimentos e das emoções durante a embriogênese, também está relatado no livro *Missionários da Luz*, (André Luís (Espírito), 2010b) (14) do mesmo autor espiritual citado, descrevendo a reencarnação de Segismundo, em que a visita de amigos espirituais à futura mãe, só é permitida após o vigésimo primeiro dia de gestação, a fim de evitar interferência psicobiológica deletéria entre a mãe e o embrião promovida por emoções intensas, durante esta fase inicial da gestação.

Segundo a psicanalista Myriam Szejer (Szejer, 1999) quando a criança ainda era feto, a criança aprendeu a distinguir a voz da mãe do ruído de fundo uterino, de outras fontes de barulhos externas e mesmo das vozes de outras pessoas. Recém-nascida, ela reconhece essa voz entre as de outras mulheres, prefere-a e reconhece-a como proveniente daquela mesma mulher que ela escutava *in utero*. Além disso, depois do nascimento, a criança reconhece a língua falada por sua mãe e não reage a uma língua que nunca escutou durante a gravidez. Sua vida após o nascimento determinaria seu comportamento a partir das influências recebidas do meio ambiente. Tudo nos leva a entender e aceitar que a personalidade de um indivíduo não é só o produto da genética ou da influência do meio.

Ele já é um indivíduo dentro do útero, e marcas de sua evidente personalidade o acompanharão sempre durante sua vida, ou seja, o recém-nascido é altamente singular. Como afirma o salmista: “quando meus ossos estavam a se formar, um por um, no útero de minha mãe, enquanto eu crescia em segredo, Tu sabias que eu existia; me viste antes de eu nascer. Os dias de minha vida já estavam registrados em Teu livro mesmo antes de o tempo existir” (Salmo, 139: 15-16).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ LUIZ (ESPÍRITO), F. C. X. Luta por renascer. In: (Ed.). **Entre a Terra e o Céu**. 1 edição especial. Brasília: FEB, 2010a. cap. 30, p.207-212.

_____. Proteção. In: (Ed.). **Missionários da Luz**. Brasília: FEB, 2010b. cap. 14, p.255-268.

CRAINE, P. B. Report Debunking Fetal Pain Shows 'Stunning Lack of Scholarship': NRLC. US, 2010. Disponível em: <http://www.lifesitenews.com/news/archive//ldn/2010/jun/10062906>. Acesso em: 01/05/2013.

DECASPER, A. J.; FIFER, W. P. Of Human Bonding: Newborns Prefer their Mothers' Voices. **Science**, v. 208, n. 4448, p. 1174-1176, Jun. 6, 1980 1980. Disponível em: [http://people.uncw.edu/hungerforda/Graduate Developmental/PDF/decasper.pdf](http://people.uncw.edu/hungerforda/Graduate%20Developmental/PDF/decasper.pdf).

FREUD, S. "Inhibición, síntoma y angustia" (1926/25). Ed. Amorrotour, 1987.

MOURA, W. Fetus sentem dor. **O Possível e o Extraordinário**, 2010. Disponível em: <http://diasimdiatambem.com/2010/07/30/fetos-sentem-dor/>. Acesso em: 01/05/2013.

NOBRE, M. O feto tem psique própria? In: (Ed.). **A Vida Contra o Aborto**. São Paulo: Folha Espírita Editora, 2005. p.112.

PIONTELLI, A. **De Feto a criança - Um estudo observacional e psicanalítico**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1995.

PRECHTL, H. F. R. **Continuity Neural Functions from Prenatal to Postnatal Life**. 1. London: SIMP, 1984. 250 ISBN 0-632-01385.

QUAYLE, J. **Emoções Compartilhadas**. A Mente do Bebê, Ed. Especial Mente e Cérebro. São Paulo: Ed. Duetto 2006.

RELIER, J.-P. **L'aimer avant qu'il naisse. Le lien mère-enfant avant la naissance**. Paris: Éditions Robert Laffont, 1993.

SOUZA-DIAS, T. G. **Considerações sobre o psiquismo do feto**. Escuta, 1996.

SZEJER, M. **A escuta psicanalítica de bebês em maternidade. Conferências de Myriam Szejer no IV Encontro Brasileiro para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal**. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TEIXEIRA, J. M. A.; GLOVER, V.; FISK, N. M. Acute cerebral redistribution in response to invasive procedures in the human fetus. **Am J Obstet Gynecol**, v. 181, n. 4, p. 1018-1025, 1999.

VERNY, T.; KELLY, J. **A vida secreta da criança ante de nascer**. São Paulo: C. J. Salmi, 1993.





Paulo Batistuta Novaes

Paradoxo ético, calamidade espiritual: aborto em questão

Para nós espíritas e médicos resta-nos repudiar a iniciativa do Conselho Federal de Medicina - CFM que declarou apoio à interrupção da gestação até a 12ª semana. Esta posição foi votada no I Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina no Pará (6-8/03/2013), mas não foi representativa dos 400 mil médicos brasileiros, pois ocorreu sem consulta prévia e num evento restrito a um colegiado. Portanto, reflete apenas a opinião pessoal dos conselheiros participantes do evento, que também não foram unânimes nesta decisão.

Para justificar tal atitude, o CFM alegou que o aborto é a quinta causa de mortalidade materna no Brasil e que a análise epidemiológica permite concluir que abortos realizados ilegalmente têm um forte impacto sobre a saúde pública, contudo, não cita as fontes. Em verdade, esta fala não condiz com o atual panorama epidemiológico brasileiro⁵. Ele também evoca o elevado número de curetagens após aborto, ligando-as a abortos provocados e a mortalidade materna.

No entanto, estas assertivas do CFM devem ser questionadas segundo o estudo de Koch e cols (Koch, Aracena *et al.*, 2012) que demonstra uma superestimação em 10 vezes da RMM relacionada ao aborto clandestino no México nos últimos 20 anos. Isto porque em estudos anteriores os pesquisadores inferiram dados faltantes nos prontuários hospitalares, inclusive subjetivos, relaciona-

dos à prática do aborto. Contrariando outras publicações, verificaram um importante progresso na saúde materna mexicana com respectivo decréscimo de 36,6% na RMM entre 1990 e 2010, queda maior que na taxa de abortos provocados entre 2002 e 2008 (22,9%), afastando-a como vilã da RMM: a legalização do aborto no México ocorreu em 2007.

Outro contundente estudo que avalia o declínio da RMM no Chile (Koch, Thorp *et al.*, 2012) demonstrou que, após a proibição do aborto naquele (1989), houve uma redução na RMM de 41,3 para 12,7:100.000 nascidos vivos (dados do Instituto Nacional de Saúde do Chile - estatísticas vitais, 1957-2007). Nesta série de 50 anos, o declive na RMM não se alterou depois da lei do aborto, mas decorreu de iniciativas que levaram a maior utilização das facilidades do sistema de saúde chileno, mudanças no comportamento reprodutivo e melhoria nos serviços de saúde pública. Os autores enfatizam que a redução na TMM não se relaciona ao status de legalidade do aborto, pelo contrário, mesmo tendo uma das legislações menos permissivas do mundo quanto ao aborto eletivo, o Chile possui uma taxa quase nula de morte materna por aborto, desafiando o mito de que a restrição do aborto leva a milhares de mortes.

Da mesma forma, a RMM no Brasil apresentou uma drástica redução nas últimas décadas (Rocha e Novaes,





2010) mesmo sem a legalização do aborto: era aproximadamente 500:100.000 em 1978(Bouvier-Colle, 2001) contra 68 em 2010(Brasil, 2012). Se não bastasse, apenas no período de 1990 até 2010 houve um decréscimo de 51 % na RMM conforme o relatório mundial de saúde da Organização Mundial da Saúde (Who, Unicef *et al.*, 2010), evidenciando que a mortalidade materna decorrente de abortos provocados não é um caso de saúde pública como alegou o presidente do CFM(Formenti, Fabrini *et al.*, 2013), .

Por outro lado, curetagem uterina é procedimento corriqueiro na Obstetrícia, sendo realizada após casos de aborto, quer sejam espontâneos ou não, com a finalidade de evacuar o útero. Em geral, é realizada em abortamentos acima de 8 semanas, uma vez que nas idades gestacionais inferiores ocorre frequentemente a expulsão espontânea aborto. E Considerando que cerca de 30 % das gestações terminam em perda espontânea, teremos então uma curetagem para cada dois bebês que nascem! Como no Brasil nascem cerca de 1.000.000 de bebês/ano, justifica-se a elevada incidência de 250.000 curetagens/ano sem, contudo vinculá-las obrigatoriamente à mortalidade materna, tampouco ao aborto provocado.

Outro aspecto dramático é a chance de repetição do aborto provocado, uma vez que sua legalização gera nas pessoas uma percepção de que esta atitude não é problemática e também que não há restrições para repeti-la. Como exemplo, na Suécia o aborto é permitido até a 18ª semana, podendo estender-se até a 22ª como exceção. Um fato estarrecedor é que após a liberação do aborto em 1975 houve duplicação nos casos de repetição, que variou de 3-10 abortamentos pela mesma mulher(Sweden, 2009). Na Suécia 20,8 % de todas as gestações são interrompidas.

Também não se pode afirmar com fundamentos técnicos que há menores riscos caso a interrupção ocorra até 12 semanas, já que este prazo poderia ser indistintamente recuado para 11 ou postergado para 13 semanas, além do que também não considera o aumento das frequentes complicações psíquicas, como a elevação do

número de suicídios, de depressão, de abuso de álcool, adicção, conflitos conjugais e câncer de mama(Shah e Ahman, 2009).

Considerando motivos que justifiquem o aborto provocado, o CFM “analisa” aspectos éticos sobre os casos em que o aborto é permitido no Brasil e assevera que “são incoerentes com compromissos humanísticos e humanitários, e paradoxais perante a responsabilidade social e os tratados internacionais assinados pelo governo brasileiro”(Formenti, Fabrini *et al.*, 2013) . Mais uma vez nota-se um equívoco, pois o Brasil é signatário do Pacto de São José da Costa Rica pelo decreto 678/1992 que tem poder constitucional e que pactua “que toda pessoa tem o direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido pela lei, em geral desde o momento da concepção. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente”(Brasil, 1992).

Paradoxal é o médico assumir postura favorável à morte, pois que no período fetal há exuberante vida. Além do mais, a prática médica é norteadada pelo juramento de Hipócrates, segundo o qual “A ninguém darei por prazer nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva.” Ademais, aos espíritos é impensável uma posição diferente da absoluta defesa da vida.

Independente do posicionamento das instituições em nosso país, exerçamos cidadania e fé, posicionando-nos claramente neste iminente equívoco que se pretende e nos dediquemos a iniciativas a nosso alcance. Gestação indesejada e na adolescência, planejamento familiar, psiquismo fetal, namoro, projeto reencarnatório, dentre outros temas, devem ser estudados universalmente. Conforme exorta Emmanuel, que para se abordar as questões de sexo é importante estabelecer algumas regras, como “Não proibição, mas educação. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência.”(Emmanuel e Xavier, 1970)

Paulo Batistuta Novaes
Membro da AME ES. Mestrado em Medicina. Médico ginecologista/
obstetra na UFES. Militante pela humanização do parto e nascimento.

REFERÊNCIAS

BOUVIER-COLLE, M. H. **Mortalité maternelle**. Paris: 2001.

BRASIL, G. F. D. **Decreto nº 678 de 6 de novembro de 1992**. Brasília 1992.

BRASIL, M. D. S. Boletim 1/2012 Mortalidade materna no Brasil. Brasília, 2012. Disponível em: http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/index.cfm?portal=pagina.visualizarTexto&codConteudo=6403&codModuloArea=783&chamada=boletim-1/2012-_mortalidade-materna-no-brasil. Acesso em: 29/04/2013.

EMMANUEL, E.; XAVIER, F. C. **Vida e Sexo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1970.

FORMENTI, L.; FABRINI, F.; BASSETTE. **Apoio do CFM ao aborto já enfrenta protestos antes de chegar ao Senado. O Estado de São Paulo**. São Paulo 2013.

KOCH, E. et al. Fundamental discrepancies in abortion estimates and abortion-related mortality: A reevaluation

of recent studies in Mexico with special reference to the International Classification of Diseases. **Int J Womens Health**, v. 4, p. 613-23, 2012. ISSN 1179-1411 (Electronic) 1179-1411 (Linking). Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23271925>.

KOCH, E. et al. Women's Education Level, Maternal Health Facilities, Abortion Legislation and Maternal Deaths: A Natural Experiment in Chile from 1957 to 2007. **PLoS ONE**, v. 7, n. 5, p. e36613, 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0036613> >.

ROCHA, J. A.; NOVAES, P. B. Uma reflexão após 23 anos das recomendações da Organização Mundial da Saúde para parto normal. **Femina**, v. 38, n. 3, p. 119-126, 2010.

SHAH, I.; AHMAN, E. Unsafe abortion: global and regional incidence, trends, consequences and challenges. **J Obstet Gynaecol Can**, v. 31, p. 1149-1158, 2009.

SWEDEN. **Official Statistics of Sweden. Statistics and Medical Care: Induced abortions 2009(2010)**. . Estocolm 2009.

WHO; UNICEF; FNUAP. **The World Health Report - Health Systems Financing: The Path to Universal Coverage** 2010.





Marlene Rossi Severino Nobre

A vida contra o aborto

“Pouca ciência afasta de Deus.

Muita, a ele reconduz.”

(Louis Pasteur)

Dez perguntas e respostas sobre a origem da vida e a natureza do embrião

APRESENTAÇÃO

Esta é uma contribuição do pensamento médico-espiritual ao tema do aborto intencional.

De início, ressaltamos que nossos principais argumentos não são religiosos, mas estão ancorados na ciência. Aliás, devemos acentuar que a ciência não é religiosa nem atea, e que, ao contrário do que se imagina, boa parte dos cientistas acredita na existência de um Ser Supremo.

Queremos também reafirmar que somos pacíficos. Nosso pendor não é para contendas, por isso, vamos nos manter à margem das batalhas radicais que costumam envolver grupos extremistas pró e contra o aborto, preferindo o livre e saudável debate das ideias, com pleno respeito às convicções alheias.

O que se precisa acentuar é que, se é legítimo trazer à baila argumentos religiosos para contra-arrestar argumentos materialistas, os médicos que se dispõem a lutar pela vida podem, até mesmo, deixar à margem suas crenças pessoais para demonstrar por meio de argumentos científicos, e não de suposições, que a vida não só é um bem indisponível, mas que há vida indisponível no feto. Consideramos esta uma questão básica em todas as questões bioéticas.

O pluralismo democrático diz respeito à convivência de opiniões, comportamentos e posições ideológicas distintas no seio de uma comunidade, porém não à prática de delitos em seu nome.

Nosso ponto de partida é: a vida é um bem indisponível. A defesa dessa tese, no caso do tema do aborto, leva à seguinte questão: “Onde começa a vida?” Para resolvê-la, é indispensável todo o concurso que a Ciência puder nos oferecer, ainda que ela não tenha as respostas a todos os quesitos. Sendo a vida um bem inalienável, atentar-se contra ela, seja em que fase for, é crime. Além disso, sendo possível demonstrar que o embrião tem vida, não haveria heresia maior do que se considerar o aborto um direito da mulher. Cairia, automaticamente, por terra, sua propalada autonomia para decidir quanto à interrupção da gravidez.

A nosso ver, as consciências humanas têm um compromisso fundamental com a verdade, por isso devem mergulhar fundo no estudo do extraordinário fenômeno da vida, em busca do seu real significado, sem aceitar o raciocínio dogmático reducionista, que tenta encarcerá-lo num mero jogo de palavras, ao invés de discutir as inúmeras incógnitas para as quais o materialismo não tem respostas.

Inserimos, aqui, de forma resumida, as pesquisas e descobertas da Ciência no que diz respeito à vida e ao seu significado.

RAZÕES CIENTÍFICAS CONTRA O ABORTO

O Dr. Bernard N. Nathanson, (Nathanson, 1997) em conferência proferida no “Colégio Médico de Madrid”, publicada na revista *Fuerza Nueva*, contou que, em 1971, assumiu a direção da maior clínica de aborto do mundo, o Centro de Saúde Sexual (CRANCH), situado ao leste de Nova York, onde atuavam 35 médicos e eram realizados 120 abortos diários, inclusive aos domingos e feriados, com interrupção apenas no dia de Natal. Até 1972, quando deixou a direção da Clínica, 60.000 abortos haviam sido realizados sob suas ordens, 5.000 deles feitos por ele, pessoalmente.

Na prática, Nathanson constatou que as estatísticas divulgadas pelos militantes pró-aborto eram falsas. Eles aumentavam, deliberadamente, o número de abortos intencionais praticados na clandestinidade, com a finalidade de justificar a necessidade de uma legislação favorável, no entanto, foi a legalização que escancarou as portas para o aumento exagerado dessa prática.

Na clínica, tudo parecia transcorrer bem, os problemas de profundidade, porém, eram muitos e pouco comentados. Em reuniões informais, Nathanson ficou sabendo, por relatos das esposas dos médicos, que muitos deles sofriam pesadelos durante a noite, acordavam gritando, referindo-se a sangue e a corpos de crianças cortados; outros bebiam demasiadamente ou abusavam de drogas pesadas, tendo necessidade de assistência psiquiátrica. Com as enfermeiras, a situação não era diferente, algumas abandonaram a clínica chorando, outras se tornaram alcoólatras.

Em 1972, Nathanson deixou a clínica para assumir o cargo de Diretor do Serviço de Obstetrícia do Hospital São Lucas de Nova York, onde implantou o serviço de Medicina Fetal que realiza cerca de 50 tipos de cirurgia no interior do útero, com a finalidade de salvar e favorecer a vida do feto. Esta prática convenceu-o de que o feto é um ser humano, com todas as suas características, que deve desfrutar de “*todos os privilégios e vantagens como qualquer outro cidadão*”. Está convencido de que aborto é “*ato deliberado de destruição, um crime*”.

Steve Jones, professor de genética da University College de Londres e diretor do Galton Laboratory,

afirma que “*anualmente, em todo o mundo, há cerca de noventa milhões de nascimentos e sessenta milhões de abortos provocados*”.(Jones, Mafra *et al.*, 1985) É possível que estas cifras não sejam confiáveis no que concerne aos países onde o aborto é ilegal, dada a possibilidade de serem manipuladas por entidades militantes pró-aborto, de qualquer modo, porém, já são suficientemente assustadoras nos países onde a prática é legalizada para serem consideradas nesta discussão.

Jones lamenta que, na maioria das vezes, o especialista só se restrinja a um tipo de conduta, o de detectar um gene danificado e propor aos pais o aborto de um feto deficiente. Para ele, há um “quê” de deprimente nesta conduta. ¹

Cremos, porém, que não basta lamentar, confinando-se às acesas controvérsias dentro das comunidades científicas. É preciso sair a campo e discutir com a sociedade dentro de normas que respeitem verdadeiramente o pluralismo, permitindo aos especialistas espiritualistas a livre expressão de suas ideias, sem serem constrangidos ao jugo do silêncio pelo patrulhamento agressivo dos reducionistas materialistas, como acontece atualmente.

Assim, para sermos fiéis à verdade e discutirmos, sem as amarras obliterantes de preconceitos, a complexa





e multifacetada questão dos direitos do embrião, é indispensável analisarmos os argumentos científicos contrários ao aborto. O primeiro passo nessa busca é a descoberta do verdadeiro significado do zigoto ou da célula-ovo à luz das Ciências da Vida. Afinal, ela carrega nossa herança de bilhões de anos de evolução.

É impossível, portanto, falar de dignidade humana sem conhecê-la. É o que procuraremos fazer a seguir, tendo como roteiro algumas das perguntas mais frequentes nos debates sobre o aborto provocado.

Seria o embrião um mero “amontoado de células”?

A célula-ovo é a nossa primeira morada. O desenvolvimento humano é um processo contínuo que começa quando o óvulo de uma mulher é fertilizado por um espermatozoide de um homem. Assim, uma única célula, o zigoto (célula-ovo), após muitas modificações, transforma-se em um ser humano multicelular. Moore e Persaud, ilustres embriologistas, afirmam que o zigoto e o embrião inicial são organismos humanos vivos, nos quais já estão fixadas todas as bases do indivíduo adulto. Sendo assim, não é possível interromper algum ponto do *continuum*

– zigoto, feto, criança, adulto, velho – sem causar danos irreversíveis ao bem maior, que é a própria vida.

Com base nesta verdade científica, os grandes mestres, figuras notáveis da obstetrícia brasileira, Álvaro Guimarães Filho, Domingos Delascio, Ciro Ciari Jr., e Francisco Cerrutti, fizeram uma declaração conjunta: *“Abortamento induzido significa a eliminação de uma pessoa biologicamente viva”*.

Vemos, assim, que a célula-ovo surge no processo de concepção ou fertilização, no instante em que se fundem os dois gametas – o espermatozoide e o óvulo. No início, mede cerca de 130 micrômetros (medida dimensional histológica), um mês depois, porém, já terá um aumento de massa de dez mil vezes.

Em nenhum momento da história humana, de qualquer indivíduo, esta velocidade de crescimento se repetirá. Embora a Embriologia já tenha definido como certo ser o embrião inicial um organismo humano vivo, há os que insistem em reduzi-lo à condição de um “amontoado de células”, uma “coisa”, um “objeto”, totalmente dependente do organismo materno, removível a qualquer tempo. Com tal espécie de premissa, alienada da realidade fática, reduz o extraordinário fenômeno da vida a um evento banal, destituído de importância.

Não é isso, no entanto, o que as pesquisas científicas revelam. Erwin Schrödinger, um dos pais da física quântica e grande incentivador do desenvolvimento da Biologia, ressalta que *“todo o padrão tetradimensional é determinado pela estrutura daquela única célula: o ovo fertilizado”* (Margulis e Sagan, 2002b), chamando a atenção para o potencial extraordinário da célula-ovo, que encerra em si mesma todo o projeto de um novo ser e é capaz de construir um organismo adulto, com toda a sua complexidade.

Podem os genes determinar completamente o desenvolvimento humano?

Na verdade, a célula-ovo é a testemunha silenciosa e eloquente de cerca de três bilhões e 800 milhões de anos de nossa evolução biológica, um primor de sofisticação e complexidade; possui DNA característico, rico quimismo celular, e extraordinária capacidade de materializar energia.

A filogênese, a longa saga multimilenar da evolução das espécies, construiu e burilou os genes, moléculas helicoidais de ADN (ou DNA – ácido desoxirribonucleico), para que fossem perenes e tivessem um grau de complexidade crescente. Eles fazem parte do núcleo da célula e contêm toda a herança do indivíduo.

Richard Dawkins (Dawkins, 2007) ressaltou que: *“os genes, como os diamantes, são para sempre”*, mas exagerou a importância deles na explicação da diversidade humana.



Com o término da primeira fase do Projeto Genoma, esse papel determinante não se confirmou. Constatou-se que o genoma humano tem cerca de 25 mil genes, se tanto, bem menos do que os 100 mil esperados. Os nossos genes, por exemplo, são 98,4% idênticos aos dos chimpanzés, mas a diferença é menor ainda, na verdade, algo em torno de 0,16%, tendo em vista que 90% dos genes não têm papel codificante. Quais seriam, então, os genes que fazem a diferença? E por que tão vasta? Afinal de contas, o nosso genoma tem apenas cerca de 300 genes a mais do que um rato.

A conclusão é que os genes não explicam o nosso jeito de ser, a inventividade que nos leva à comunicação por meio da linguagem falada e de textos de livros; o fato de termos consciência de passado, presente e futuro; de sermos dependentes de ferramentas e máquinas para sobreviver; de fazermos e apreciarmos arte; e também de utilizarmos nossa engenhosidade para destruir populações inteiras, abusar de drogas que levam à dependência; sentirmos prazer em torturar-nos uns aos outros e dizimarmos centenas de animais de outras espécies.(Margulis e Sagan, 2002a)

O fim da primeira fase do Projeto Genoma deu-nos a certeza de que temos de buscar respostas à diversidade humana em outra parte que não seja nos genes.

Há os que têm convicção de que a ciência um dia explicará todos esses fenômenos complexos, pela “via natural”, sem necessidade de recorrer à interferência divina ou a alguma estrutura imaterial no ser vivo, mantendo-se rígidos no paradigma materialista reducionista. Outros, cientistas, porém, pensam diferentemente. É o caso de Rupert Sheldrake, biólogo e pesquisador inglês. Ele crê que os sistemas vivos são por demais complexos, porque estão baseados em informação altamente eficiente, oriunda de um campo imaterial estruturador da forma – o campo mórfico ou morfogenético – que seria o responsável pela formação do ser(Sheldrake, 1996)⁵. No Brasil, o dr. Hernani Guimarães Andrade (Andrade, 1984)⁶, ilustre presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisa Psicobiofísicas, falecido em 2003, chama esse campo de modelo organizador biológico.

Como vemos, a formação de um ser vivo ainda é um mistério para a ciência. Está repleta de complexidade e fatos inexplicáveis. Desde o início, a gestação desenvolve-se como uma verdadeira sinfonia sob a batuta de um maestro desconhecido.

Há uma perfeita coordenação de movimentos, que leva à clivagem (divisão das células), nidação na cavidade uterina, à formação da placenta e do líquido amniótico, e à continuidade do desenvolvimento fetal, sob a chancela de centenas de enzimas e hormônios, que funcionam harmonicamente na ligação materno-fetal.

Não há explicação científica para os processos reguladores dos embriões, sua capacidade de produzir tecidos e órgãos tridimensionais a partir das sequências unidimensionais existentes nas bases que estruturam os genes.

Enfim, a ciência ainda não explica como se chega a um bebê tridimensional, partindo de uma única célula unidimensional. Do mesmo modo, a ciência não explica, por que as células de um organismo, portadoras de núcleos com a mesma carga genética, são tão diferentes entre si, com formas e funções tão diversificadas e extremamente especializadas, quanto o são, por exemplo, os neurônios, os hepatócitos, as células do sangue etc. (François Jacob in(Chabanis, 1973)⁷

É o feto inteiramente dependente do organismo materno?

Os defensores do aborto ressaltam a autonomia da mulher, defendendo um pseudodireito de escolher quanto à interrupção da gestação. Para estes o feto não teria personalidade e estaria em total dependência do organismo materno.

Esses argumentos são contestados pela pesquisa científica. Claude Sureau, professor emérito da universidade Paris V, questiona esse pseudodireito soberano, que se pretende conferir à mãe, de decidir sobre a vida do filho em gestação, atribuindo a ela toda “competência” e “autonomia” sem levar em consideração outro direito primordial, inerente a todo ser humano, o da “indisponibilidade” da vida (Fédida e Lecourt, 1996)⁸.

Estudos científicos demonstram que há uma individualidade embriofetal muito nítida, tanto imunológica quanto psicológica, que pode ser acompanhada, desde muito cedo, por meio da ultrassonografia. Na realidade, há até mesmo um conflito de interesses materno-fetais, o que prova a personalidade distinta do feto.

Por ser um corpo estranho no organismo materno, ele tem de lutar para manter-se vivo, para não ser rejeitado.

Estudo recente realizado pela equipe do prof. Andrew L. Mellor, do Medical College, Georgia, EUA, publicado na conceituada revista *Nature* (27/8/98)(Mellor e Munn,



2004), mostrou que há um mecanismo bioquímico de defesa do feto que procura driblar o da mãe. Ele produziria uma enzima, a IDO, que procuraria neutralizar a ação do triptofano, aminoácido responsável pela produção de células de defesa tipo T do organismo materno.

Esta pesquisa coloca em xeque, portanto, o argumento de que a mulher grávida tem o direito de decidir se o embrião deve viver ou morrer, porque este não seria um ser à parte, não teria personalidade própria. Tanto a possui que ele é detentor de um patrimônio genético exclusivo. E, desde o período inicial da gestação, extravasa a sua inteligência através da capacidade de autogerir-se mentalmente; de adaptar-se e adequar-se a situações novas; de selecionar condições e aproveitar experiências, empregando aprendizado e memória. Tem, portanto, inteligência própria.

E podemos afirmar, com base na pesquisa, que é tão distinto da mãe que necessita produzir substâncias apropriadas para poder manter-se vivo, dentro do útero, fugindo do perigo de ser eliminado pelo sistema imunológico da hospedeira. E o mais interessante é que o organismo materno aceita a defesa do hóspede, concordando, tacitamente, com a gestação.

Esta luta do embrião para sobreviver dá-lhe o *status* de pessoa e demonstra que ele apenas se hospeda no organismo materno. A propalada autonomia da mãe, o seu direito de decidir, não se sustenta, portanto.

Mas há ainda muito mais certezas, quanto à verdadeira natureza do embrião, quando estudamos os novos aportes e derradeiras descobertas da ciência no campo da memória e do psiquismo fetal.

O feto possui uma psique própria?

A Dra. Alessandra Piontelli, (Piontelli, 1995) psicanalista italiana, acompanhou durante vários meses, onze (11) fetos: quatro (4) gestações gemelares e três (3) singulares, a partir da 16ª semana de gravidez. Dentre as gestações gemelares, observou, através do ultrassom, 5 a 6 vezes ao mês, um caso de gêmeos dizigóticos ou bivitelinos (formados por dois ovos distintos), uma menininha e um menininho. Seguindo-os por vários meses, familiarizou-se tanto com o “jeitão” deles que foi capaz de descrever para a mãe qual seria o comportamento de ambos após o parto. Ao ultrassom, observou que a menina era expansiva, buscava o contato com o irmão, mas este se retraía e enfiava a cabeça na placenta ou tapava o rosto com as mãos, fugindo dela.

Com base nisso, a Dra. Piontelli previu que a menina seria agitada, nervosinha, ao passo que o irmãozinho seria de temperamento retraído e acanhado. Para espanto da mãe, após o nascimento, tudo se confirmou: realmente ele era do tipo quieto e a menina fazia o gênero nervosa, irrequieta⁹.

Com suas observações, a psicanalista aclarou muitos aspectos da personalidade dos fetos observados durante sua pesquisa, antes mesmo do nascimento. Via-os chupando o dedinho, espreguiçando-se, esfregando os pezinhos e as mãozinhas, coçando-se, enfim, aproveitando a liberdade de movimentos dentro do líquido amniótico. Cada feto apresentava um comportamento muito próprio, tinha o seu “jeito” de ser. A Dra. Piontelli assinalava o traço marcante de cada um, se era calmo, nervosinho, pensativo ou se trazia, por exemplo, a característica de uma bailarina. Ela os acompanhou não apenas durante o período pré-natal, mas também no decorrer do primeiro ano de vida e muitos até completar cinco anos. E pôde constatar que o padrão de comportamento se confirmava, em todos os casos, no decorrer do desenvolvimento.

Verificou-se que, cada feto, assim como cada recém-nascido, é um ser altamente individualizado. Não é de modo algum uma *tabula rasa*, como se poderia supor, esperando ser moldado, exclusivamente, pelo meio ambiente. Tem vida emocional própria: experimenta prazer e desprazer, dor, tristeza, angústia ou bem-estar e tem um relacionamento intenso com sua mãe, sendo capaz de captar seus estados emocionais e sentir quais os sentimentos de afetividade dela em relação a ele.

Outra experiência interessante a demonstrar a existência da individualidade própria do feto foi realizada em 1982, por Anthony DeCasper, (Decasper e Fifer, 1980) pesquisador norte-americano: ele instruiu um grupo de mulheres grávidas para que lessem, em voz alta, cinco semanas antes do parto, determinada estória infantil. Três dias após o nascimento, duas estorinhas foram lidas para os bebês: a que eles já conheciam, desde o final da gestação e outra desconhecida. As reações foram medidas, através do número de sucções do bebê. Verificou-se que eles sugavam, com mais frequência, quando ouviam a conhecida.

Os problemas psicológicos ocorridos na fase pré-natal afetam a vida ultra-uterina. A Dra. Myriam Szejer, (Szejer, 1999) psicanalista de bebês, tem importante casuística de suas “conversas” com recém-nascidos, que demonstram o valor terapêutico delas no alívio e na

solução desses conflitos. Um dos casos, relatado no seu livro *Palavras para Nascer*, é particularmente doloroso¹⁰.

Numa gravidez gemelar, havia uma malformação muito grave em uma das gêmeas. Segundo prognósticos médicos, ela poderia nascer, mas teria um curto período de sobrevivência. Como na França, onde a Dra. Szejer vive, o aborto é legal, os médicos aconselharam aos pais a interrupção *in utero* da vida do feto. Uma vez aceita a sugestão, a interrupção foi feita, tardiamente, tendo o feto morto permanecido no útero até o nascimento da irmã, o que se deu, por cesariana, 15 dias depois.

Mas tal como previra a Dra. Szejer, a gêmea sobrevivente, de nome Léa, teve sérios problemas, logo após o nascimento: não se alimentava e quando era amamentada à força, regurgitava sem parar, colocando em sério risco a sua vida. Os problemas eram óbvios para a psicanalista: Léa tinha atrás de si vários meses de companheirismo com a irmã gêmea, e esta, de repente, ficara inerte, desaparecendo depois, completamente, do seu contato. Foi preciso um trabalho muito intenso da Dra. Szejer, muitas “conversas” com Léa, até que a recém-nascida conseguisse se recuperar do luto da irmã, aprendendo a mamar sozinha, e em grande quantidade, para finalmente ganhar peso e alta hospitalar duas semanas depois.

Um caso interessante também para demonstrar também o psiquismo independente do feto é o narrado por Thomas Verny e John Kelly no livro *A Vida secreta da criança*, (Verny e Kelly, 1993) que influenciou especialistas em muitos países, inclusive no Brasil.

Verny ressalta a influência da mãe sobre o filho em gestação e diz que é preciso estar atento às diferenças. Há emoções negativas passageiras ou acontecimentos geradores de estresse que não vão prejudicar a formação dos elos intrauterinos da dupla. Mas há outras fortes, no campo da rejeição. “*O perigo existe, quando ele (o feto) se sente rejeitado pela mãe ou quando suas necessidades físicas ou psicológicas são sistematicamente ignoradas*”, enfatiza ele¹¹. Verny conta o caso do bebê Kristina que lhe foi relatado pelo Dr. Peter F. Freybergh, professor de obstetrícia e ginecologia da Universidade de Upsala, na Suécia.

Kristina era um bebê robusto e comportado que revelou um estranho comportamento: recusava-se a mamar no seio da mãe. Aceitava mamadeira ou o seio de outras mães, mas não queria nada com o alimento materno.

O Dr. Peter, indagando da mãe a razão de tal comportamento, recebeu um “não sei” como resposta. Ela dizia não saber o motivo. Quando, porém, Dr. Peter foi mais incisivo na pergunta: “*Mas você desejava realmente esta gravidez?*” Ela esclareceu: “*eu queria abortar, mas meu marido desejava esta criança, então, mantive-a*”. “*Isto era novidade para Peter, mas obviamente não o era para Kristina*”, comenta o Dr. Verny. E acentua: “*Ela havia percebido há muito tempo a rejeição de sua mãe e recusava-se a formar a ligação com esta, após o nascimento. Afetivamente rejeitada no útero, Kristina, com apenas quatro dias de vida e inteiramente dependente, estava firmemente decidida a rejeitar sua mãe.*” E concluiu: “*É provável que, com tempo, amor e paciência, a mãe de Kristina ganhe, de novo, a afeição da criança. Mas esta já existiria se a ligação tivesse sido formada antes do nascimento*”¹².

Como e quando Kristina “soube” da rejeição? Os pesquisadores não têm ainda todas as respostas. Sabe-se, no entanto, que, desde o zigoto, existe a comunicação fisiológica ou biológica intensa, entre os dois seres, intermediada por hormônios, neurotransmissores, substâncias do sistema de defesa etc.; tudo devidamente registrado pela extraordinária capacidade de memorização do embrião, desde a formação da célula-ovo.

Por esses e outros dados, a Dra. Joanna Wilhelm afirmou, com justa razão (Wilhelm, 1997):¹³ “*Se conceituarmos inteligência como a capacidade para autogerir-se mentalmente; adaptar-se e adequar-se a situações novas; selecionar condições e aproveitar*





experiências – o que implica aprendizado e memória –, podemos concluir que de fato elas estão presentes no feto desde o período inicial da gestação”.

Por tudo isso, concluímos que existe uma individualidade no feto que não pode ser marginalizada como se fosse a massa amorfa de um tumor que se pudesse extrair por decisão da mulher.

O feto teria memória antes da formação do cérebro?

Em meados da década de 1980, a neurocientista Candace Pert e colaboradores, no National Institute of Mental Health, em Maryland, realizaram pesquisas com neurocondutores e os resultados causaram verdadeira revolução conceitual. A Dra. Pert identificou um grupo de neuropeptídeos – moléculas fabricadas pelo Sistema Nervoso –, que permitem o diálogo entre os sistemas nervoso, imunológico e endócrino. Ela chegou a esses resultados, realizando o mapeamento através de moléculas radioativas, o que lhe permitiu rastrear as ações nas diferentes partes do organismo.

O sistema nervoso, constituído do encéfalo e da rede de células nervosas espalhadas por todo o corpo, é a sede da memória, do pensamento e da emoção. O sistema endócrino, formado pelas glândulas endócrinas e os hormônios, é o regulador do organismo, integrando as várias funções somáticas. O sistema imunológico, que abarca o baço, a medula óssea, os nódulos linfáticos e células imunológicas que circulam no corpo, é o sistema de defesa do organismo, responsável pela integridade dos tecidos, controle e cura das feridas, restauração dos tecidos e combate aos ataques à economia orgânica. Pois bem, as pesquisas da Dra. Pert demonstraram que estes sistemas estão interligados, formando uma única rede psicossomática. (Pert, 2010)

Constatou-se que cerca de 60 a 70 desses neuropeptídeos, antes somente conhecidos como hormônios, neurotransmissores, endorfinas, fatores de crescimento, etc., constituem o principal meio de veiculação de informações dentro do cérebro e do corpo, contando para isso com receptores específicos.

Estes estão espalhados na superfície de todas as células, transformando o corpo-cérebro em um único sistema de comunicação interacional.

É preciso enfatizar, portanto, que o corpo-cérebro representa o substrato físico da memória – ou mente – que, além deste, conta ainda com outro, imaterial, a informação que circula dentro dele. A memória, assim, está espalhada pelo corpo todo e se expressa por outras

vias que não aquelas comumente relacionadas.

A partir desses estudos, é possível compreender que, além dos vários tipos de memória comumente considerados: recente, antiga, semântica, autobiográfica, afetiva, perceptiva, motora, de reconhecimento, de recordação etc., há os registros embrionários, inclusive a “memória celular”. Neste último caso, é preciso considerar os registros mnemônicos (*imprints*) das experiências vividas pelas duas células reprodutoras básicas – espermatozoide e óvulo – que trazem, assim, um patrimônio de “memórias” para o zigoto ou célula-ovo. A descoberta da memória celular com o mapeamento de 60 neuropeptídeos que estocam informações imunológicas, endocrinológicas e neurológicas, fazendo circular informação em todo o corpo, entusiasma os especialistas, que têm agora, não só importantes explicações para melhor compreensão das patologias de sua área de atuação, como também perspectivas maiores de ampliar os recursos terapêuticos.

Esses resultados indicam, claramente, a potencialidade extraordinária de uma única célula – o zigoto ou célula-ovo –, que traz em si mesma um patrimônio considerável de força, vitalidade e criatividade.

Por essas experiências da Dra. Candace Pert, constatamos que a memória independe de sistema nervoso perfeitamente estruturado e funcionando, porque já existem dezenas de neuropeptídeos circulando, desde o início da embriogênese.

Por exemplo, em um embrião de sete semanas, já se detecta a presença de endorfinas, uma dessas substâncias que faz o diálogo entre os sistemas nervoso, endocrinológico e imunológico.

Mesmo no anencéfalo, feto que possui somente parte do córtex ou apenas o diencéfalo, cérebro ligado à função inconsciente, vegetativa, estes neuropeptídeos já circulam, desde o começo da gestação, ainda que de forma imperfeita.

Ainda com relação à memória há outro contexto da investigação. A psicoterapia transpessoal já detectou o armazenamento, na fase adulta, de lembranças que ocorreram muito no início da vida intrauterina e que, sob hipnose, o indivíduo é capaz de resgatar. Muitos bebês rejeitam suas mães ao nascerem por guardarem lembranças desagradáveis da vida intrauterina, como o pensamento de rejeição ou a tentativa de aborto, conforme tivemos oportunidade de ver no caso do bebê Kristina.

Para concluir este resumo sobre a memória, queremos lembrar um dos grandes paradoxos da Biologia Molecular, que ainda está para ser decifrado pelos neurobiólogos, o da renovação perpétua das moléculas do sistema nervoso, em contraposição ao armazenamento da memória por 80 anos ou mais da vida do indivíduo. Com a breve duração das moléculas que compõem as sinapses do sistema nervoso, fica difícil explicar, com a teoria reducionista materialista, a persistência da memória por décadas a fio.

O mesmo já não acontece se recorrermos às hipóteses explicativas de Rupert Sheldrake e Hernani Guimarães Andrade, uma vez que a memória ficaria armazenada no campo imaterial estruturador da forma, independentemente, da matéria física, cuja característica é a da renovação constante.

O acaso explicaria a origem da vida?

A partir deste ponto, o debate sobre o aborto provocado nos leva a um nível ainda mais profundo. Pois o mistério da complexidade do feto é o mistério da própria vida, de modo que temos de nos debruçar sobre esse tema fascinante se quisermos responder por completo à pergunta: “Onde começa a vida?”. Não há dúvida de que o assunto “origem da vida” é bastante complexo, mas é indispensável tocar nele, quando se pretende descobrir o real significado da existência humana.

Não será possível desenvolvê-lo mais amplamente, aqui, como o fizemos em *O Clamor da Vida* (Nobre, 2000), apenas tocaremos em alguns pontos relevantes para o encaminhamento da discussão.

A teoria darwiniana não pode explicar suficientemente todo o processo evolutivo, isto é, o surgimento da vida. A teoria do acaso tem sido a maneira fácil de retratar a ignorância sobre o assunto. Em *O Acaso e a Necessidade*, um dos seus defensores Jacques Monod (Monod, 2006), sustenta a idéia: ensaios, erros e acertos teriam levado as primeiras moléculas ao pleno desenvolvimento; a evolução poderia ser compreendida como um jogo: de um lado, haveria a intervenção das mutações no material genético dos seres vivos; de outro, a seleção natural, tal como a concebeu Darwin.

No entanto, François Jacob (Jacob, 1970),¹⁵ que compartilhou o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1965, com Monod, destrói o argumento da casualidade. Em *La Logique du Vivant (A Lógica do Ser Vivo)*, ele demonstra que o tempo e a aritmética se opõem a

essa evolução patrocinada por microeventos, com as mutações acontecendo cada uma ao acaso: para se extrair de uma roleta, golpe a golpe, cada uma das 100 mil cadeias protéicas que compõem o corpo de um mamífero seria preciso um tempo muito superior àquele da duração do sistema solar, segundo os cálculos da própria ciência, o que, por si só, elimina a tese de que a vida possa ter surgido por acaso.

Outro cientista que demonstra a impossibilidade de ater-se ao acaso para explicar a transformação de átomos em corpos humanos é Michael Behe, professor-adjunto de bioquímica da Universidade de Lehigh, Pensilvânia, EUA, autor do instigante livro, *A Caixa Preta de Darwin (Behe, 1997b)*, que faz críticas à teoria darwiniana, e apresenta a sua própria, a Teoria do Planejamento Inteligente. “*Dizer que a evolução darwiniana não pode explicar tudo na natureza, não equivale a dizer que a evolução, a mutação e a seleção natural não ocorram*”, ressalta ele, reconhecendo que ela constituiu um grande avanço conceitual¹⁶.

Coloca-a, no entanto, em xeque, demonstrando, ao estudar a macroevolução, a impossibilidade de explicar-se, através da seleção natural e das mutações aleatórias, os grandes saltos evolutivos, como, por exemplo, o que ocorreu no período cambriano, com o aparecimento de uma fauna e flora luxuriantes, em contraste com o longo silêncio dos períodos anteriores. Na verdade, esses longos períodos estáveis são a norma, de modo que as súbitas transições não podem ser explicadas pelas mutações aleatórias da teoria darwinista.

A tentativa de Stephen Jay Gould e Niels Eldredge com a teoria do Equilíbrio Pontuado (Gould e Gould, 2009) para explicar esses períodos muito breves de grande explosão de novos animais e plantas, em meio a outros, em que milhões de anos transcorrem, sem grandes mudanças, é obrigada a socorrer-se do acaso criador, transformado assim em um deus. Outro embasamento não possui a teoria Neutralista do geneticista Motoo Kimura (*The Neutral Theory of Molecular Evolution*) (Kimura, 1985) ao pretender explicar as flutuações estatísticas aleatórias (ou desvio genético): elas ocorreriam também “ao acaso”. Na mesma linha de pensamento, reconhecendo que a teoria darwiniana tem falhas, o matemático Stuart Kauffman (Teoria da Complexidade) socorre-se da hipótese do acaso, ao afirmar que os fundamentos do ser vivo podem surgir espontaneamente através da auto-organização, uma maneira de eludir a dificuldade¹⁷.



Michael Behe comenta que nenhum dos dois, nem Kimura nem Kauffman, explicam como as estruturas bioquímicas específicas surgiram. No caso da teoria de Kauffman, ficam de fora todos os aspectos específicos dos organismos, porque ele os reduz à categoria de símbolos matemáticos, manipulando-os em seguida. Mas “a natureza é lixiviada”, acentua Behe.

De fato, a matemática é instrumento poderoso, mas “útil à ciência apenas quando os pressupostos com que inicia a análise são verdadeiros” (Behe, 1997a)¹⁸. A teoria de Kauffman seria, assim, uma ilusão, insuficiente como as explicações de Darwin e de Dawkins acerca dos sistemas bioquímicos complexos.

Seria casual o arranjo das partes de uma célula?

Aos que continuam ainda aferrados às forças cegas do acaso, Michael Behe (Behe, 1997a) pede explicações científicas quanto à formação de estruturas complexas, tais como o olho humano, o cílio ou flagelo; a coagulação sanguínea etc. É preciso que os defensores dessas forças deem uma descrição detalhada, passo a passo, do processo pelo qual a mutação aleatória e a seleção natural foram capazes de construí-las ao longo de bilhões de anos de evolução. Não vale apenas dizer que isto se deu por acaso, é preciso que se demonstrem, através de explicações bioquímicas genuínas, quais foram e como se uniram os componentes dessas estruturas.

Até agora, o seu pedido não obteve nenhuma resposta plausível.

Ao contrário dos apologistas do acaso, Behe concluiu, tomando por base o espantoso progresso das pesquisas, que a célula obedece a uma programação e afirma, corajosamente, que os cientistas não têm mais como se omitir: o ser vivo só pode ser explicado pela Teoria do Planejamento Inteligente.



Do estudo bioquímico da célula, diz ele, vem um grito de certeza: “Planejamento!”, nela existe o “*arranjo intencional das partes*”. Enfim, não há como fugir: a investigação da célula deixa claro o planejamento. A questão volta-se toda para o planejador.

Muitos acham que “*não constitui boa ciência oferecer o sobrenatural como explicação de um evento natural*”. Em realidade, a interferência do acaso, como força criadora e organizadora, seria mais sobrenatural do que agente inteligente desta ordem.

Behe não vê razão para o temor de que as explicações sobrenaturais derrotem a ciência: “*O compromisso filosófico de alguns indivíduos com o princípio de que nada existe além da natureza não deve ter permissão de interferir em uma teoria que flui naturalmente de dados científicos observáveis*”²⁰. Respeitemos as conquistas da ciência – aconselha –, porque sobreviveremos a todas as suas mudanças conceituais tal como já o fizemos no passado.

Outros pesquisadores também já estão convencidos de que as explicações com fundamento na casualidade são absolutamente insatisfatórias. M. Schutzenberg afirma que é preciso “*ter uma fé quase cega na teoria darwiniana para acreditar que apenas o acaso poderia ter produzido na linhagem dos pássaros todas as modificações necessárias para transformá-los em máquinas voadoras altamente eficientes. Ou que as mutações aleatórias teriam levado à linhagem de mamíferos depois da extinção dos dinossauros – dado que os mamíferos estão muito longe dos dinossauros ao longo do caminho que conduz dos peixes aos répteis*” (Laszlo, 2003)²¹.

Lynn Margulis, professora emérita de biologia da Universidade de Massachusetts, ecologista, escritora, afirma que o neodarwinismo é fundamentalmente falho, porque está baseado no paradigma reducionista, e acentua que a história acabará por julgá-lo uma “*pequena seita religiosa do século XX, dentro da fé religiosa da biologia anglo-saxônica*”²². (Behe, 1997a) Margulis tem também uma hipótese explicativa para a evolução: em lugar da competição e da luta, propostas por Darwin, o progresso na escala filogenética dar-se-ia, através de cooperação e simbiose. Nesse caso, os organismos se ajudam, conjugam forças, e realizam juntos o que não podem fazer separados.

O que temos visto é que o ser vivo é um mistério para os cientistas, embora eles não gostem de confessá-lo publicamente. De onde vem esse desânimo? O que há de

verdade sobre as origens? Sabe-se muito pouco, apesar dos esforços exaustivos de cientistas notáveis, a maioria deles justamente condecorados com o Prêmio Nobel, pela excelência de suas produções, em suas áreas de especialização.

Francis Crick, um dos descobridores da dupla hélice de DNA, morto recentemente, diante do mistério das origens, declarou: “*Um homem sensato, armado de todo o saber à nossa disposição hoje, teria a obrigação de afirmar que a origem da vida parece atualmente dever-se a um milagre, tantas são as condições a reunir para viabilizá-la*”²³. (Guitton, Bogdanov *et al.*, 1992)

De fato, um estudo desapassionado revela que a vida dança no fio da navalha: se uma das constantes físicas universais, por exemplo – a velocidade da luz, a constante gravitacional ou a de Planck – tivesse sido submetida, na origem, a uma alteração ínfima, o Universo não teria tido nenhuma chance de abrigar seres vivos e inteligentes. Este simples fato deveria alertar os defensores das teorias embasadas no acaso quanto à existência de um projeto, de uma finalidade no Universo. Se fossem mais humildes, perceberiam a imensa sabedoria por detrás de tudo isso e o tamanho da nossa ignorância em abarcá-la e reconhecê-la.

Quantas enzimas o acaso colocaria dentro de uma célula?

A vida é um fenômeno tão complexo que os especialistas ainda não conseguiram chegar a um consenso para defini-la. E é exatamente esta complexidade que nos permite rejeitar a tentativa de explicá-la mediante o acaso. E a esta tarefa se tem dedicado grupos de pesquisadores a partir dos extraordinários avanços da biologia molecular que lhes tem permitido devassar a intimidade da célula, demonstrando a incapacidade das teorias do acaso explicarem o fenômeno vida.

Nesse sentido, encontramos o livro *Deus e a Ciência* (Guitton, Bogdanov *et al.*, 1992), escrito pelo filósofo Jean Guitton e dois doutores em Física teórica, Igor e Grichka Bogdanov. Tomemos um caso concreto relatado por Grichka Bogdanov. Uma célula viva é composta de uns vinte aminoácidos que formam uma cadeia compacta; esses aminoácidos, para funcionarem, dependem de cerca de duas mil enzimas específicas.

Biólogos e matemáticos calcularam a probabilidade de que mil enzimas diferentes, portanto a metade do necessário, pudessem juntar-se ao acaso, de modo

ordenado, para formar uma célula viva ao longo de uma evolução de bilhões de anos: a probabilidade de que isto viesse a acontecer é da ordem de 10 elevado a 1.000 contra um. Uma impossibilidade estatística: a vida, portanto, não pode ter surgido por acaso.

Daí concluir Igor Bogdanov que a aventura da vida desde as formas primárias até as mais elevadas conduzem à admissão de um princípio organizador que as conduzisse através de uma escada ascendente. Há, portanto, “um fenômeno de ordem subjacente” que conduz inelutavelmente ao surgimento da vida. O Grande Planejador de Behe é a Sublime Consciência do Universo – Deus –, que estaria por trás dessa ordem subjacente. Ele seria o Supremo despenseiro da Vida. (Guitton, Bogdanov *et al.*, 1992)

Isso nos leva a concluir que a vida é, sim, um bem outorgado, indisponível, inalienável, que transcende os limites estreitos da matéria.

Por que ordem a partir da desordem?

Desde os filósofos gregos, tomamos conhecimento do movimento perpétuo dos átomos, mas só no século dezenove ele foi confirmado, sendo também chamado de agitação térmica, apresentando-se, de modo geral, completamente desordenado.

Eles movem-se, vibram, rodopiam, colidem, naturalmente, sem que necessitem de nenhuma força motriz para isso. Nos organismos vivos, porém, os átomos abandonam esse movimento caótico natural, e passam a ter um comportamento ordenado.

Não deixa de ser impressionante, como observou E. Schrödinger (citado por Margulis (Margulis e Sagan, 2002b))²⁶, a capacidade do organismo vivo de concentrar um “fluxo de ordem” para si mesmo e escapar, dessa forma, de decaimento no caos atômico – de “absorver ordem” de um ambiente conveniente.

Ao contrário, portanto, do que ocorre com a matéria inanimada, o Universo do vivente é caracterizado por um grau de ordem crescente: enquanto o Universo físico caminha em direção a uma entropia cada vez mais elevada, o vivente percorre, de certo modo, a corrente contrária, para criar cada vez mais ordem.

Por que razão o ser vivo surge, assim, como uma estrutura ordenada no seio do caos?

Segundo a visão reducionista, a explicação estaria na constituição da molécula orgânica que possui um número muito grande de átomos; com a cooperação entre eles, as leis estatísticas começam a operar e a



manter um controle sobre o comportamento desses conjuntos, passando o movimento a ser ordenado. É o que acontece com toda a expressão de vida até hoje conhecida na Terra, que se baseia em uma ou duas centenas de unidades – as chamadas “moléculas da vida” – os aminoácidos e os nucleotídeos –, que contêm entre 10 e 100 átomos.

Sem dúvida, a constituição da molécula orgânica é importante, mas, por si só, não explica a complexidade da vida, razão pela qual a célula é “lixiviada”. E mais ainda, o organismo vivo tem um modo específico de organização, nele, o ser e o fazer são inseparáveis.

Com a impossibilidade de se explicar a vida através do paradigma cartesiano – que reduz o funcionamento de um sistema complexo como o do ser vivo às propriedades de suas partes – especialistas introduziram na biologia, nas primeiras décadas do século XX, o pensamento sistêmico. Para estes, os organismos seriam descritos por seus elementos químicos, mais relações organizadoras. Desse modo, os seus componentes estariam relacionados à maneira de rede; tudo o que acontece num ponto dela influenciaria o conjunto. Surgiu assim, em contraposição ao reducionismo, a teoria da auto-organização, fundamentada, principalmente, nas idéias de Maturana e Varela, Gregory Bateson e Prigogine, associadas às da matemática da complexidade, de Kaufmann, citados por Capra (Capra, 1996).²⁷ Embora tenha trazido esclarecimentos importantes, esta teoria não oferece, todavia, nenhuma pista aceitável quanto à transição do inanimado para o animado. Outra teoria bem antiga é a do vitalismo, que preconiza a presença de uma estrutura imaterial no ser vivo, responsável por sua estrutura ordenada no seio do caos e pelo armazenamento de todas as suas experiências. Embora a maioria dos pesquisadores a rejeite, para os que a aceitam, chamados atualmente de neovitalistas, ela permanece como única explicação plausível.

Por que a vida obedece a convenções?

Além de gerar ordem, o ser vivo obedece a convenções inexplicáveis que denunciam um princípio diretor que não o acaso. Na intimidade dos átomos, os elétrons promovem ligações entre eles – ligações covalentes –, possibilitando, assim, a construção de moléculas mais duráveis. Além desta convenção, há uma considerada universal: a dos aminoácidos “esquerdos”, isto é, que possuem quiralidade esquerda, e a dos açúcares “direitos”, de quiralidade direita.

Entende-se por quiralidade a propriedade geométrica que caracteriza a não identidade de um objeto em relação à sua imagem no espelho. A mão direita e a esquerda são exemplos de objetos quirais, antípodas um do outro (imagens um do outro no espelho). A respeito desse arranjo, Gairns-Smith indaga: “*O fato de esta simples convenção ser universal constitui uma das características mais singulares da unidade da bioquímica. Qual terá sido a origem deste acordo?*”²⁸ (Gairns-Smith, 1986).

Abdus Salam, notável físico que, juntamente com Steven Weinberg e Sheldon Glashow, obteve o Prêmio Nobel de Física em 1979, pelo trabalho sobre a unificação da força eletromagnética com a nuclear fraca (força eletrofraca) acredita que a resposta esteja na Sabedoria de Deus, que criou a força organizativa da vida. Suas pesquisas demonstraram “*que os aminoácidos de quiralidade esquerda e os açúcares de quiralidade direita são muito mais estáveis que as moléculas de quiralidades opostas*”, sendo essa a razão pela qual a natureza escolheu unicamente esse tipo de arranjo vital (Salam, Dirac *et al.*, 1991)²⁹. Salam acredita que a força eletrofraca é de origem divina, e que Deus criou a partícula Zo para fornecer quiralidade às “moléculas da vida”.

O físico Grichka Bogdanov comenta a respeito dessas forças e afirma que o acaso não pode explicá-las. “*Por exemplo, existe na química um princípio hoje conhecido pelo nome de “estabilização topológica de cargas”. Essa “lei” implica que as moléculas que comportam, em sua estrutura, cadeias de átomos em alternância (especialmente o carbono, o nitrogênio e o oxigênio) formam, ao se reunir, sistemas estáveis. De que sistemas se tratam? Estes elementos nada mais são do que as peças fundamentais que compoem a mecânica do vivente: os aminoácidos. Sempre segundo a mesma lei de afinidade atômica, eles vão se reunir, por sua vez, para formar as primeiras cadeias desses preciosos materiais de vida que são os peptídeos*”. (Guitton, Bogdanov *et al.*, 1992)³⁰

E há ainda mais convenções e mais incógnitas: como os genes aprenderam a se recopiar? Como se dá a ligação genoproteína? Enfim, é preciso que se explique como se dá o perfeito entrosamento entre o *hardware* e *software*, a razão da escolha exata do alfabeto de aminoácidos e do conjunto de correspondências entre as letras de aminoácidos e as palavras de ácido nucleico – o código genético.

Para isso, é preciso lembrar outra “lei” inscrita na matéria que permitiu o prodígio da reprodução. Vejamos

como a explica o físico Igor Bogdanov: “*os aminoácidos mais polares* (isto é, os que comportam uma carga eletrostática elevada) *são espontaneamente atraídos por moléculas nitrogenadas, enquanto os menos polares agregam-se antes a outras famílias, como a da citosina. Assim nasceu o primeiro esboço do código genético: ao se aproximar de certos nucleotídeos* (e não de alguns outros), *nossos famosos aminoácidos elaboraram lentamente os planos de sua própria construção, depois os instrumentos e materiais destinados a fabricá-los*”³¹. (Guitton, Bogdanov *et al.*, 1992). Estas operações poderiam ser produzidas pelo acaso? Um acaso mais inteligente do que a inteligência humana? Como um jogo de loteria poderia explicar a vida e a própria inteligência do homem? A palavra mistério com que muitos investigadores procuram esconder a própria ignorância sobre a origem da vida não resolve o problema. É um modo apenas de escamotear a verdade: o acaso não pode explicá-la.

Nos elementos infinitesimais que compõem a célula, nas chamadas nanoferramentas, há ordem a partir da desordem, entrosamento perfeito de informações incrivelmente complexas e produtividade total, incomparavelmente superior à mais organizada das fábricas terrenas. Esta constatação levou Paul Davies a escrever: “*O milagre da vida não é que ela seja feita de nanoferramentas, mas que essas diversas partes minúsculas estejam integradas de um modo altamente organizado*”. (Davies, 2000)³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inventário minucioso do fenômeno vida levou-nos invariavelmente à mesma conclusão: A vida é uma concessão, um bem outorgado, do qual não se pode dispor.

O fato é que o ser humano nem de longe, nem de perto, “fabricou” moléculas da vida. Nunca conseguiu, nos tubos de ensaio, utilizando as condições prebióticas, a síntese de ribossomos, proteínas, nucleotídeos, enfim, de substâncias químicas básicas que entram na fórmula do ser vivo. Isto só vem reforçar a certeza da existência de uma Inteligência Superior na base do planejamento da vida, que não consegue ser entendida ainda dados os poucos recursos da inteligência humana.

Diante de um organismo vivo, a questão básica é esta: Quem tem o direito de eliminá-lo? O médico? A mãe? O pai? O Estado? Do ponto de vista ético, quem deve decidir se um ser vive ou morre?

Fernando de Magalhães, ilustre jurista de nosso país, responde, com convicção, “*o embrião é um sujeito de Direito e pelo Código Civil todo sujeito de Direito é uma pessoa, é um indivíduo, é alguém. E pelo Código Penal, matar alguém é crime*”. (Papaleo, 1993)³³

Este é o ponto de vista da Ciência também.

O embrião, portanto, não pertence à mãe, ao pai, ao juiz, à equipe médica, ao Estado. Pertence, exclusivamente, a ele mesmo, porque a vida lhe foi outorgada, é um patrimônio intrínseco, inerente à sua condição de organismo humano vivo.

Mesmo no caso do feto anencéfalo, é crime, porque o fenômeno vida não é da alçada humana, a não ser para salvá-la; para eliminá-la, jamais.

Aprendemos, com a genética, que a diversidade é a nossa maior riqueza coletiva. E o feto anômalo, mesmo o portador de grave deficiência, como é o caso do anencéfalo, faz parte dessa diversidade. Deve ser, portanto, respeitado. Reconhecemos que a mulher, ao gerar um feto deficiente, pode precisar de ajuda psicológica. Mas uma mulher que abortar intencionalmente encontrar-se-á em situação muito pior, carregando o complexo de culpa a carecer ainda mais de ajuda psicológica.

Isto é algo que os defensores do aborto nunca comentam, mas é comum e traz muito sofrimento. Trata-se da depressão que surge, geralmente, à época da menopausa, tendo como causa o complexo de culpa por aborto praticado. Hanna Wolff, analista junguiana, entre outros psicoterapeutas, constatou, ao longo de sua experiência como terapeuta, essa ligação muito próxima entre aborto e depressão: “*É precisamente a facilidade com que, hoje, é possível abortar, a causa das depressões de tantas mulheres na idade da menopausa. Aquelas que antes eram as primeiras a defender o direito de ‘gerir o próprio corpo’, vemo-las, depois, prostradas em sua própria infelicidade. A psique não conseguiu superar a barbárie do aborto. É que, sobre isso, os nossos legisladores nada entendem, e muito menos os tais ‘especializados’ a que estes mesmos legisladores recorrem para resolver o assunto*”. (Wolff, 1996)

Não se pode deixar de aplaudir o extraordinário esforço desenvolvido pelas clínicas de Medicina Fetal que realizam, rotineiramente, graças aos avanços da tecnologia, intervenções cirúrgicas intrauterinas, com vistas à cura de doenças que poderiam se agravar ou tornarem-se irreversíveis, após o parto. Já não



podemos concordar quando elas aconselham às mães o abortamento no caso de anomalias fetais.

Constatamos, com pesar, que setores do Governo, do Judiciário, e da sociedade têm incentivado, de forma contundente, a legalização do aborto em nosso país. Esperamos que esta triste hipótese não venha a se concretizar, contudo, é impossível deixar de imaginar como seria a aplicação da prática abortiva às camadas mais pobres de nossa população, tendo em vista a insuficiência de leitos até mesmo para as nossas gestantes. Diante dessa situação, não seriam as clínicas particulares as mais interessadas na legalização? E seria razoável empregar o dinheiro arrecadado com os impostos para sustentar clínicas comprometidas com a morte e não com a vida, em evidente distorção da verdadeira missão da Medicina? Não seria muito mais lógico empregá-lo em campanhas educativas maciças sobre maternidade e paternidade responsáveis, com a implantação efetiva e permanente de um programa de planejamento familiar?

Esperamos, com toda sinceridade, que o bom-senso e o verdadeiro espírito de fraternidade prevaleçam nas decisões dos legisladores de nosso país, porque é certo que tudo aquilo que um povo coloca na Constituição, como lei máxima a reger - lhe os destinos, isto mesmo recolherá da Justiça Divina - Instância Superior à qual todos nós estamos subordinados. Por tudo quanto vimos, fica evidente, para nós, que aqueles que se envolvem, qualquer que seja sua profissão, na causa pró-aborto, estão contribuindo, de forma efetiva, para o crescimento da violência no mundo.

Marlene Rossi Severino Nobre*

* Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil e da Associação Médico-Espírita Internacional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. G. **Espírito, perispírito e alma: ensaio sobre o modelo organizador biológico**. Editora Pensamento, 1984. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=sMdgGwAACAAJ> >.

BEHE, M. J. **Caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução**. Jorge Zahar Editor, 1997a. ISBN 9788571104129. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=VISZAAAACAAJ> >.

_____. **Publicar ou Perecer**. In: (Ed.). **Caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução**. Jorge Zahar Editor, 1997b. cap. 8, parte III, p.165-186. ISBN 9788571104129.

CAPRA, F. **Uma Nova Síntese**. In: (Ed.). **Teia da Vida, A**. Editora Cultrix, 1996. cap. 7, p.119-132. ISBN 9788531605567.

CHABANIS, C. **Dieu existe-t-il ? Non répondent: Pascal Anquetil - Raymond Aron (Membre de l'Institut) - Charles Boule - Denise Calippe - Juliette et André Darle - Pierre Debray-Ritzen - Jacques Duclos - Georges Elgozy - Roger Garaudy - Alfred Grosser - Daniel Guérin - Eugène Ionesco (de l'Académie française) - François Jacob (Prix Nobel) - Alfred Kastler (Prix Nobel) - Claude Lévi-Strauss - Isabelle Meslin - Edgar Morin - Henri Petit - Jean Rostand (de l'Académie française) - Jean Vilar**. Fayard, 1973. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=xLOGkgEACAAJ> >.

DAVIES, P. **QUINTO MILAGRE, O: EM BUSCA DA ORIGEM DA VIDA**. COMPANHIA DAS LETRAS, 2000. ISBN 9788571649934. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=bLNRkw7HLtYC> >.

DAWKINS, R. **Espirais imortais**. In: (Ed.). **O gene egoísta**. COMPANHIA DAS LETRAS, 2007. cap. 3, ISBN 9788535911299.

DECASPER, A. J.; FIFER, W. P. **Of Human Bonding: Newborns Prefer their Mothers' Voices**. **Science**, v. 208, n. 4448, p. 1174-1176, Jun. 6, 1980 1980. Disponível em: < <http://people.uncw.edu/hungerforda/GraduateDevelopmental/PDF/decasper.pdf> >.

FÉDIDA, P.; LECOURT, D. **L'embryon humain est-il humain?** Presses Universitaires de France, 1996. ISBN 9782130481362. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=7av5AAAACAAJ> >.

GAIRN-SMITH. **SETE PISTAS PARA A ORIGEM DA VIDA: UMA HISTORIA CIENTIFICA CONTADA A MANEIRA DE UM ROMANCE POLICIAL**. PRESENÇA II, 1986. ISBN 9789722302142. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=ZMvFSAACAAJ> >.

GOULD, S. J.; GOULD, S. J. **Punctuated Equilibrium**. Harvard University Press, 2009. ISBN 9780674037847. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=cgKUXeRoOYC> >.

GUITTON, J. et al. **Deus e a ciência em direção ao metarrealismo**. Nova Fronteira, 1992. ISBN 9788520903810. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=QXkeQAAACAAJ> >.

JACOB, F. **La logique du vivant: une histoire de l'hérédité**. Gallimard, 1970. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=99XaAAAAMAAJ> >.

JONES, S.; MAFRA, I.; COSTA, J. V. **A linguagem dos genes: biologia, história, evolução**. Difusão Cultural, 1985. ISBN 9789727092437. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=mJ5jPgAACAAJ> >.

KIMURA, M. **The Neutral Theory of Molecular Evolution**. Cambridge University Press, 1985. ISBN 9780521317931. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=olIoSumPevYC> >.

LASZLO, E. **The Connectivity Hypothesis: Foundations of an Integral Science of Quantum, Cosmos, Life, and Consciousness**. State University of New York Press, 2003. ISBN 9780791457863. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=oHmyFAhaTMgC> >.

MARGULIS, L.; SAGAN, D. 50 Anos depois. In: (Ed.). **O Que É Vida?** Jorge Zahar Editor Ltda, 2002a. cap. 4, p.58. ISBN 9788571106413.

_____. Vida, o eterno enigma. In: (Ed.). **O que é Vida?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002b. cap. 3, p.20-21. ISBN 9788571106413.

MELLOR, A. L.; MUNN, D. H. Ido expression by dendritic cells: tolerance and tryptophan catabolism. **Nature Reviews Immunology**, v. 4, p. 762-774, 2004.

MONOD, J. **O acaso e a necessidade: ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna**. Vozes, 2006. ISBN 9788532632197. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=vldLSAAACAAJ> >.

NATHANSON, B. **La mano de Dios: Autobiografía y conversión del llamado “rey del aborto”**. Ediciones Palabra, S.A., 1997. ISBN 9788482397870. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=vtauf_sVsv8C >.

NOBRE, M. O **Clamor da Vida**. In: (Ed.), 2000. cap. 5, p.126.

PAPALEO, C. C. **Aborto e contracepção: atualidade e complexidade da questão**. Renovar, 1993. ISBN

9788571471719. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=j__IPgAACAAJ >.

PERT, C. B. **Molecules of Emotion: The Science Behind Mind-Body Medicine**. Scribner, 2010. ISBN 9780684846347. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=f4ucU0hkqwAC> >.

PIONTELLI, A. **De Feto a criança - Um estudo observacional e psicanalítico**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1995.

SALAM, A.; DIRAC, P. A. M.; HEISENBERG, W. **Em busca da unificação**. Gradiva, 1991. ISBN 9789726622109. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=hm_fSAAACAAJ >.

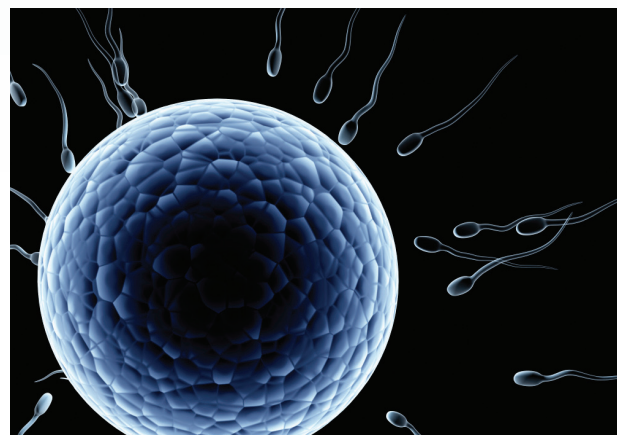
SHELDRAKE, R. **Seven Experiments That Could Change the World: A Do-It-Yourself Guide to Revolutionary Science**. Riverhead Books, 1996. ISBN 9781573225649. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=EbN-jeLSHC8C> >.

SZEJER, M. **A escuta psicanalítica de bebês em maternidade. Conferências de Myriam Szejer no IV Encontro Brasileiro para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal**. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VERNY, T.; KELLY, J. **A vida secreta da criança ante de nascer**. São Paulo: C. J. Salmi, 1993.

WILHEIM, J. **Psicologia Pre Natal, O Que É**. Casa do Psicólogo, 1997. ISBN 9788585141882. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=FY-_BXymEpcC >.

WOLFF, H. **Jesus psicoterapeuta: o comportamento de Jesus em relação ao homem, como modelo da moderna psicoterapia**. Paulinas, 1996. ISBN 9788573115673. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=uydNAwAACAAJ> >.





Dr. Décio Iandoli Jr.

O aborto como questão de saúde pública

Em dezembro de 2005, foi publicado na BMC Medicine, uma revista indexada nos melhores bancos de dados do planeta¹ e com um importante fator de impacto², um trabalho realizado pelos Departamentos de Ciências Comportamentais e Ciências Básicas em Medicina da Universidade de Oslo, Noruega, associados ao Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital Buskerud em Drammen, também naquele país. O título do trabalho pode ser traduzido assim: “O curso da saúde mental após o aborto espontâneo e o aborto induzido: um estudo longitudinal de cinco anos”. (Broen, Moum et al., 2005)

Antes de prosseguirmos analisando este importante estudo, é válido informar que o aborto até 12 semanas de gestação é permitido na Noruega desde 1978, um país com cerca de 4,6 milhões de habitantes e com o segundo maior índice de desenvolvimento humano (IDH) do planeta; não têm analfabetos e apresenta uma expectativa de vida para as norueguesas de 82 anos, uma das maiores do mundo.

A Noruega tem uma Igreja Estatal Protestante oficial, baseada na religião luterana evangélica. Apesar de não existir separação entre a Igreja e o Estado, todos os habitantes têm o direito de praticar a sua religião livremente de acordo com uma emenda à constituição datada de 1964. Nove em cada dez cidadãos de etnia norueguesa são membros da Igreja Estatal da Noruega, porém, apesar de a maioria dos indivíduos declararem que a religião é importante para eles, este fato não é, geralmente, expresso através de uma participação

religiosa ativa em comunidades organizadas. Enquanto 88 % da população pertencem à Igreja da Noruega, apenas 10 % frequenta os serviços religiosos ou outras reuniões relacionadas com o Cristianismo mais do que uma vez por mês, portanto, podemos constatar que não há pressão social ou religiosa que condene as mulheres que praticam o aborto, realizado livremente como mostram os dados: Registram-se cerca de 15.000 abortos provocados contra 9.000 abortos espontâneos por ano na Noruega.

Os autores, baseados no fato já bem estudado de que o aborto é um evento que provoca agravos à saúde mental das mulheres, como ansiedade, depressão e síndrome pós-traumática, preocuparam-se em estudar se havia diferença nos índices de saúde mental entre dois grupos de mulheres: aquelas que praticaram o aborto provocado e aquelas que sofreram um aborto espontâneo.

Foram contatadas 268 mulheres e excluídas aquelas que não concordaram em participar do estudo, deficientes mentais ou pacientes psiquiátricas e uma vítima de estupro, resultando em uma amostra de 40 mulheres que experimentaram o aborto espontâneo e 80 que, voluntariamente, o induziram.

Todas as mulheres foram avaliadas dez dias, seis meses, dois anos e cinco anos após o aborto, segundo escalas que mediram o impacto do evento traumático (no caso o aborto), qualidade de vida, ansiedade, depressão e um questionário sobre seus sentimentos a respeito da gravidez interrompida.





Resultados

Os pesquisadores puderam comprovar que, mulheres que tiveram um aborto espontâneo, apresentaram um maior escore de ansiedade e de impacto traumático nas avaliações realizadas com dez dias e seis meses, acusando sentimentos de perda, pesar e negação, entretanto, este grupo demonstrou uma importante melhora nas avaliações tardias, ou seja, dois e cinco anos, atingindo índices de depressão, qualidade de vida e ansiedade semelhantes aos encontrados na população geral. Trata-se, portanto, de uma resposta saudável a um evento traumático que não deixou seqüelas.

Nas mulheres que praticaram o aborto provocado, os escores de saúde mental medidos foram significativamente maiores, acusando sentimentos de negação, culpa e vergonha, principalmente nas avaliações feitas em longo prazo, ou seja, dois e cinco anos, permanecendo com indicadores de saúde mental significativamente piores que a população geral. Caracterizou-se uma resposta a um evento traumático mal resolvido, gerando seqüela e provocando um distúrbio emocional duradouro.

A conclusão do trabalho é que o aborto provocado gera importante prejuízo à saúde mental das mulheres que o praticam, provocando depressão, ansiedade e sentimentos de culpa que deterioram a qualidade de vida.

Quero lembrar que a amostra em questão, ou seja, as mulheres norueguesas, não são submetidas a fatores sociais e/ou culturais que rejeitem a prática do aborto, e mesmo assim, ficam com uma clara e preocupante sensação de culpa que traz conseqüências para toda a vida da paciente. Trata-se, portanto, de um problema de saúde pública.

Gerson S. Monteiro, oportunamente, chamou-nos a atenção para a manipulação e a fraude nas estatísticas de abortos clandestinos no Brasil (Monteiro), números estes utilizados como argumento para a legalização do aborto, entretanto, a pergunta que se faz é a seguinte: independente do número de procedimentos clandestinos realizados, a descriminalização do aborto trará melhora à saúde da mulher?

Em Cuba, o aborto foi legalizado em 1965 e o país é considerado por muitos como um dos mais avançados da região em matéria de planejamento familiar, entretanto, os resultados da liberação do aborto já estão sendo percebidos naquele país.

O recurso indiscriminado do aborto preocupa os médicos, demógrafos e políticos de Cuba. Em 2006, por exemplo, 67.903 mulheres na faixa dos 12 aos 49 anos se submeteram a pelo menos um aborto, ou seja, de cada 100 mulheres grávidas, 37 abortaram, mostrando que o procedimento é utilizado como método contraceptivo. A Sociedade Cubana de Desenvolvimento da Família informa que os abortos aumentam durante a adolescência, desencadeando problemas maiores, já que, segundo dados oficiais, 70 por cento das mulheres que passam por consultas sobre fertilidade para engravidar abortaram uma ou duas vezes durante a adolescência; desde a década de 1970, a taxa média de fecundidade é inferior ao nível estimado para a renovação da população cubana, trazendo uma implicação demográfica importante que já foi detectada também no Japão após a liberação do aborto.

Além destes problemas, o abortamento traz riscos como infecções, hemorragias e até a morte.

Não quero entrar, em nenhum momento, na discussão do aspecto moral envolvido na questão, tento ater-me exclusivamente aos aspectos médicos, e seguindo esta linha de pensamento, permito-me alguns questionamentos:

Um procedimento realizado de forma clandestina por ser proibido, deixa de ser um problema quando é legalizado?

Lembre-mos das drogas; muitos defendem a descriminalização do seu consumo para combater o crime do tráfico, seria essa uma saída? Os criminosos deixarão de ser criminosos pela ausência da condenação social?

Na Holanda, toda uma geração foi perdida devido à descriminalização das drogas, permitir seu uso não combate seus efeitos. Não seria o mesmo caso com o aborto?

Será que a legalização impedirá as meninas mais pobres e despreparadas que engravidam por ignorância, de procurar os “curiosos” que prometem a resolução clandestina do problema, ou vão procurar um hospital público, fazer uma ficha

1 PubMed, MEDLINE, BIOSIS, CAS, Scopus, EMBASE, Thomson Scientific (ISI) e Google Scholar

2 O Fator de impacto mede o grau de importância da revista científica e é considerado bom quando for maior ou igual a 1; a BMC Medicine tem um FI de 1,76.

identificando-se e entrar para o sistema de saúde oficial expondo-se para fazer o procedimento com segurança? Será que os hospitais não vão exigir a presença de um maior responsável?

Se há uma preocupação legítima com a gestação em adolescentes; se estamos tentando evitar procedimentos médicos clandestinos; se temos a intenção de promover a saúde e o bem estar das mulheres, o caminho mais óbvio é a educação.

Não ficaria mais barato promover a orientação sexual nas escolas, agindo diretamente no grupo que sofre maior risco de gravidez acidental?

Não seria uma boa idéia munir os postos de atendimento básico de saúde com anticoncepcionais e preservativos que, além de prevenir a gravidez, ainda farão baixar a incidência de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a tão temida AIDS, ao invés de montar equipes e de gastar material utilizando os hospitais públicos com procedimentos que poderiam ser evitados e que vão tomar o lugar de cirurgias realmente necessárias?

Tudo o que aprendemos em saúde pública e epidemiologia é que a melhor medida é sempre a prevenção, e que não teremos bons resultados se tentarmos resolver um problema criando outro.

Será inteligente tentarmos suprimir um efeito, no caso a gestação indesejada, sem atacar a causa?

Diante daquilo que já sabíamos da prática clínica, agora comprovada pelo estudo norueguês e pela experiência cubana, o aborto não é a solução para o problema, mas a geração de outros problemas, bastante graves, e que vão afetar a vida da mulher, agravando ainda mais o terrível quadro de abandono que já vivem no Brasil.

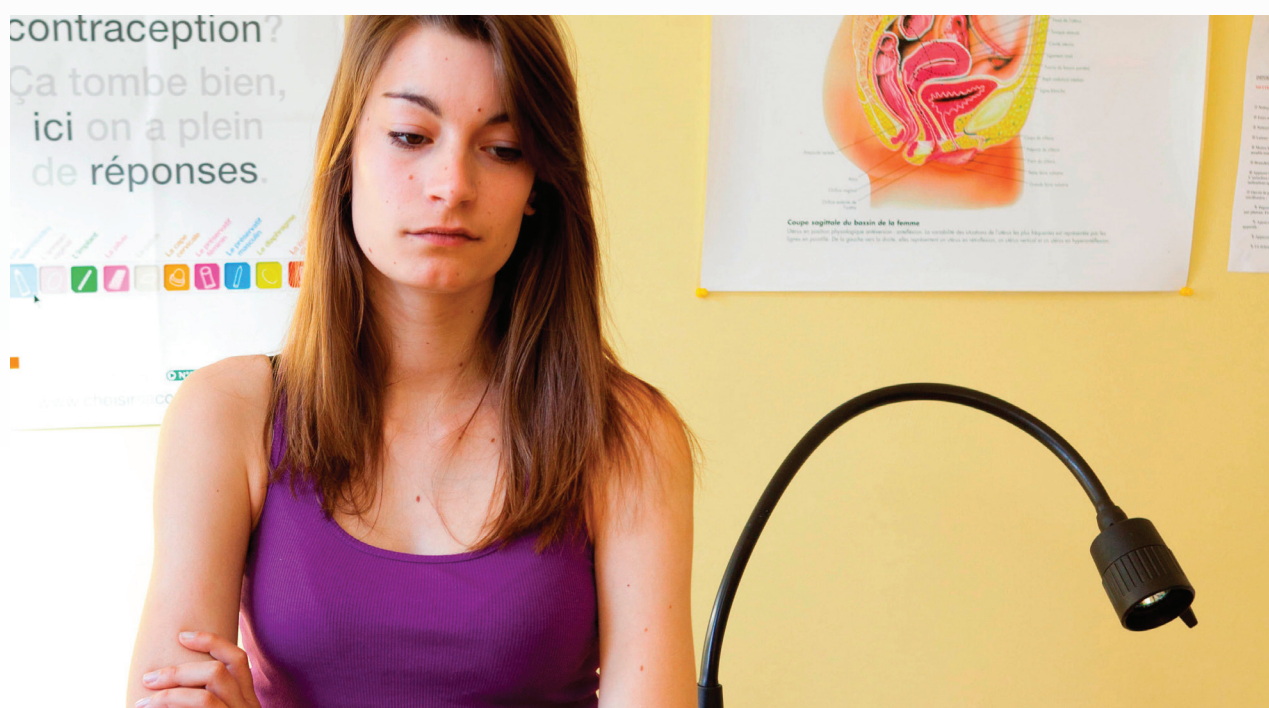
O aborto é sim uma questão de saúde pública, por isso mesmo devemos evitá-lo.

*Dr. Décio Iandoli Jr. (48 anos) é médico cirurgião, doutorado em medicina no ano de 1999, pela Universidade Federal Paulista – Escola Paulista de Medicina (UNIFESP-EPM). Presidente da Associação Médico-Espírita de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

BROEN, A. N. et al. **The Course of mental health after miscarriage and induced abortion: a longitudinal, five-year follow-up study.** BMC. 3 2005.

MONTEIRO, G. S. **Manipulação e Fraude.** Universo Espírita.





Seja um sócio correspondente

Com o objetivo de ampliar cada vez mais o Movimento Médico-Espírita no mundo, a AME-Internacional está abrindo espaço para a participação de sócios correspondentes. É uma forma de todos colaborarem enviando-nos notícias, textos e pesquisas, e estreitar o relacionamento entre nós.

Contamos com a sua participação ativa na ampliação do Movimento Médico-Espírita e na implantação de novos paradigmas para a ciência. Participe!

Cadastre-se já, acessando o site: www.amebrasil.org.br/sociocorrespondente.html
Outras informações na Associação Médico-Espírita do Brasil - Telefax: 55 11 5585-1703

LINKS PELO MUNDO

Confederação Espírita Colombiana
www.confecol.org

British Union of Spiritist Societies
www.buss.org.uk

Allan Kardec Studien - und Arbeitsgruppe
ALKASTAR e.V. - Rutenweg 3
37154 - Northeim - Alemanha
Tel.: 00 49 5111 914 95 02
www.alkastar.de
www.kongress-psychomedizin.com
www.psychomedizin.com

Grupo Espírita Bатуíra
Editores Verdade e Luz
Email: vendas@verdadeluz.com
URL: <http://www.verdadeluz.com>
Telefone (351) 21 412 1062
Telemóvel (351) 21 412 3337
Fax: (351) 412 3338
Morada: Rua Marcos Portugal 12A
1495-091 - Algés - Portugal

Movimento Espírita Francôfônico
www.lmsf.org

ONDE ENCONTRAR LIVROS

ALEMANHA
Editora Lichttropfen
Lichttropfen Verlag
Rutenweg 3
37154 - Northeim - Alemanha
Telefone: 00 49 5551 914 95 02
www.lichttropfen-verlag.de

REINO UNIDO - LONDRES
www.roundtablepublishing-uk.com
www.buss.org.uk

ITÁLIA
e-mail: tinapt@tiscalinet.it

LUXEMBURGO
allankardeclux@yahoo.fr

POLÔNIA
E-mail: przemekgrzybowski@poczta.onet.pl
(contato em inglês, esperanto e polaco)

Editora Rivail
www.rivail.pl - konrad.jerzak@rivail.pl
(contato em polonês, esperanto, inglês, francês, português, espanhol)

ESTÔNIA
e-mail: august.kilk@mail.ee

FRANÇA
Conseil Spirite Français
www.spiritisme.org
e-mail: ca@conseil-spirite.fr

SUÉCIA
e-mail: 4bergman@telia.com
Cidinha Bergman

NORUEGA
e-mail: geeak@chello.no
www.geocities.com/athens/oracle/8299

LIVROS DO CEI NA EUROPA
Edicei-Suisse - www.edicei.ch
Edicei-Europa - www.edicei.eu

E.U.A.
www.ediceiofamerica.com
e-mail: andrea.marshall@edicei.com